

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ - REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

# **Velhice na Cultura Contemporânea**

DANIELLE DE ANDRADE PITANGA

Recife

2006

**DANIELLE DE ANDRADE PITANGA**

# **Velhice na Cultura Contemporânea**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof.º. Dr.º. Zeferino de Jesus Barbosa Rocha

Recife

2006

P681v Pitanga, Danielle de Andrade  
Velhica na cultura contemporânea / Danielle  
de Andrade Pitanga ; orientador Zeferino de Jesus  
Barbosa Rocha, 2006.  
191 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de  
Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação,  
2006.

1. Psicologia clínica. 2. Envelhecimento - Aspectos  
Psicológicos. 3. Auto-estima. 4. Narcisismo. 5. Imagem  
corporal. 4. Velhice. I. Título.

CDU 159.922.6

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ - REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**DANIELLE DE ANDRADE PITANGA**

# **Velhice na Cultura Contemporânea**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Zeferino de Jesus Barbosa Rocha**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Lúcia Francisco**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fátima Santos**

Recife

2006

*Dedico, este trabalho, em memória de meus amados pais, Analúcia e Hélio Pitanga. O que sinto hoje em meu coração, existe porque pessoas especiais olharam por mim, cuidaram, acreditaram, estiveram e ainda permanecem presentes na trajetória de minha vida. Com suas suaves e sábias palavras, gestos acalentadores, ensinaram-me a arte da compreensão, do carinho, respeito e amor. Ajudaram-me a escolher o melhor caminho a seguir. Basta lembrar de vocês que já me faz sorrir e ficar feliz! Através do tempo e na distância, vocês ainda fazem muito mais do que possam imaginar. Muitas coisas deram certo... Porque vocês sempre estiveram e ainda estão por perto, tenho absoluta certeza e plena convicção disso. A eles, minha eterna saudade, gratidão, admiração profunda e meu imensurável amor. Vocês são TUDO para mim, minha maior lição de vida. AMO MUITO VOCÊS!*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo equilíbrio, serenidade e conforto espiritual.

Aos meus pais, responsáveis pela minha existência, das lembranças que eu guardo na vida, vocês são a saudade que eu gosto de ter, só assim, sinto vocês bem perto de mim, outra vez.

Ao estimado irmão Marcelo, pela maneira peculiar de estar presente em minha vida. Aprendemos a respeitar nossas diferenças e descobrir o verdadeiro sentido do amor fraternal. Agora, somos apenas nós dois para manter vivo o passado, ressignificando-o.

Ao meu amado noivo Gustavo, por quem tenho um profundo carinho e respeito. És muito especial e importante em minha vida. Obrigada pela compreensão, companheirismo e apoio imprescindíveis. Estamos construindo nossa história, respeitando nossas singularidades e solidificando nosso amor.

Agradeço, de modo singular, ao meu orientador Zeferino Rocha, por ter apostado e investido em meu trabalho, pela escuta atenta e respeitosa às minhas reflexões, por sua confiança e incentivo, fonte de intenso estímulo e esperança. Admiro-lhe pela simplicidade, humildade e por ser um grande conhecedor da obra freudiana, transmitindo-a sabiamente.

À querida prof<sup>a</sup> Ana Lúcia Francisco, por quem tenho muito carinho e admiração. Agradeço-lhe a “maternagem”, o cuidado, além das sugestões valiosas e leitura criteriosa deste trabalho. Sinto-me lisonjeada por tê-la como examinadora.

À prof<sup>a</sup> Fátima Santos por ter aceitado de prontidão o convite para participar da banca examinadora desta dissertação.

Amparo Caridade, pela generosa disponibilidade, pronto acolhimento, discussão de textos e intercâmbio de experiências. Com você, muito aprendi sobre Gerontologia. No estágio de docência, tive um espaço privilegiado de interlocução, condição fundamental para produção do saber científico.

A todos os professores do Mestrado em Psicologia Clínica, especialmente, à Edilene Queiroz, que teve uma importância decisiva para minha inscrição na seleção deste mestrado. Agradeço também pelas importantes contribuições oferecidas no decorrer do desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas mestrandos, Lucyanna, Virgínia, Raíla, Concita, Eliana e Spencer, com os quais tive a oportunidade de desfrutar do convívio agradável. Criamos laços de amizade que serão, para sempre lembrados. E, particularmente, no Laboratório de Psicopatologia Fundamental e Psicanálise, à Eugênia Chaves e Tatiana Rosas, pessoas atenciosas e solidárias. Tive o prazer de tê-las junto a mim, nos momentos de trocas enriquecedoras e de descobertas.

Minha gratidão à amiga-irmã Anacelli Viana, pelo carinho, sensibilidade, cumplicidade e fidelidade inabalável. Contigo, compartilho todas as minhas emoções, alegrias e tristezas. Obrigada pela presença indispensável em minha vida e por enfrentar comigo todos os percalços nas horas mais difíceis e dolorosas.

A toda equipe de Geriatria do Real Hospital Português, à Dr<sup>a</sup> Maria do Carmo Lencastre, Dr<sup>a</sup> Lúcia Lapa, Dr<sup>a</sup> Fabiana Perez, Dr<sup>a</sup> Adriana Gomes e Dr<sup>o</sup> Alexandre Mattos. À Karina Gurgel e Juliana Ferraz, fonoaudiólogas, à Luisiana Lamour, nutricionista e à Ana Paula e Antônio Rodrigues, terapeutas ocupacionais. Todos profissionais que dedicam suas vidas atuando na área do envelhecimento. Agradeço pela riqueza dos nossos encontros e pela mútua experiência de transmissão de

conhecimentos específicos que tem-me proporcionado um significativo aprendizado. Enfim, a todos que fazem parte do Geria Vida (Grupo Interdisciplinar de Atendimento ao Idoso) e da SBGG (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia).

Aos idosos entrevistados, cujos depoimentos, concederam importantes contribuições para a elaboração e articulação das idéias aqui apresentadas.

Agradecimentos sinceros a todos aqueles que exprimiram o interesse e colaboraram direta ou indiretamente na execução desta tese.

Obrigada muito especial aos meus pacientes idosos, com os quais aprendo, na escuta clínica, de seus sofrimentos, medos, perdas, angústias, conquistas, alegrias e aquisições, o modo absolutamente singular de como estão envelhecendo e lidando com as transformações. No vínculo transferencial pude trabalhar de alguma forma, em prol de uma melhor qualidade de vida e redimensionamento de suas existências, para que envelheçam vitalizados, com potência criadora e dignificando esta etapa do processo de desenvolvimento humano.



## **VELHICE**

**“Cada um fabrica da matéria da paixão da vida de cada dia, o estilo e a substância de sua própria velhice. O que vale dizer que seremos o velho que, desde agora, quando moços, já estamos sendo. Assim como o que fomos está sempre no que somos, o que somos está no que seremos, e o está, desde agora, construindo-o da matéria de nossos gestos cotidianos presentes”.**

**Daniel Lima**

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar os modos específicos de envelhecimento no contexto cultural contemporâneo. Levando-se em consideração que cada sujeito envelhece de modo absolutamente singular, podemos, então, dizer que existem inúmeras formas de envelhecer e de velhices. A sociedade contemporânea do consumo, de ritmo veloz e frenético, é marcada por uma cultura da imagem. O corpo é sobrevalorizado e super exigido. O êxito e a felicidade implicam na adesão a modelos calcados no encantamento narcísico, beleza e juvenildade. No pólo oposto, está a velhice que, inevitavelmente, costuma-se caracterizar com os atributos negativos: decrepitude, nostalgia, degeneração, declínio, obsoletismo e improdutividade. Instaura-se, pois, um cenário que nos leva a pensar na idéia de rejeição e temor ao envelhecer em virtude do mito da “eterna juventude”. As reflexões acerca do narcisismo exacerbado e do culto ao corpo, instigaram-me a pensar e a interrogar qual seria o lugar reservado para os idosos? Ao que parece, tudo leva a crer que é exatamente o “não-lugar”. A proposta é tão somente dar vez a esses velhos, ou seja, reservar-lhes um “lugar” e, sobretudo, o desejo de dar-lhes “voz”, mediante a escuta atenta de seus discursos. Para isso, foram realizadas 06 entrevistas com idosos de ambos os sexos, acima dos 60 anos de idade, de classe média da zona urbana da Cidade do Recife, todos ativos, mantendo algum tipo de atividade intelectual e física. Trata-se de uma pesquisa teórico-clínica, de inspiração psicanalítica, embora também tenha destacado para a discussão, as contribuições mais recentes de autores que se dedicam à temática do processo de envelhecimento e da velhice. Tem o caráter do método clínico, isto porque os fragmentos clínicos de alguns idosos por mim atendidos em consultório e os depoimentos colhidos com os entrevistados foram submetidos à interpretação, servindo, portanto, para ilustrar a teoria.

**Palavras-chave:** Processo de Envelhecimento, Velhice, Narcisismo, Auto-Estima e Contemporaneidade.

## ABSTRACT

The scope of this research is to investigate the specific ways of getting old in the cultural context of nowadays. Taking in account that each individual gets old in an absolutely particular way, we can say that there are several forms of getting old and several kinds of old aged. The nowadays consume society, in a fast and frenetic way is marked by the culture of image. Body is super valorized and requested. Success and happiness imply in the acceptance of models printed in the narcissistic charm, beauty and youth. In the opposite side is the old age that, unavoidably, uses to prior negative attributes: decrepitude, nostalgia, degeneration, decline, obsolescence and improductivity. It is thus created a scenery that leads to the idea of rejection and fear to get old due to the myth of "everlasting youth". Reflection over exacerbated narcissism and worship to the body, led me to think and question what would the position to old people be? Apparently, all leads to believe that is exactly the "nowhere". The proposal is only to give a chance to these old people, i.e., give them a "place", and, above all, the desire of giving them "voice", by listening their speeches. To achieve this goal, six interviews were taken with old aged people of both sexes, over 60 years old, of medium class, all of them actives, keeping some kind of intellectual or physical activity. It is a theoretical-clinical research, of psychoanalytic inspiration, despite the most recent contributions of authors that deal with the matter of getting old and old aged, have importance to the discussion. The research has the character of clinical method, because the clinical fragments of some old aged attended by me in consultancy and the answers were submitted to interpretation, serving them to illustrate the theory.

**Key-words:** Getting old Process, Old Aged, Narcisism, Self-Estimation, Contemporaneity.

## SUMÁRIO

À GUIA DE UMA INTRODUÇÃO.....	13
-------------------------------	----

CAPÍTULO I .....	31
------------------	----

### Narcísico Mundo Contemporâneo

1.1. A exaltação do eu e a sobrevalorização do “culto ao corpo” .....	32
1.2. Considerações sobre a Contemporaneidade.....	34
1.3. A “Cultura do Narcisismo” (Lasch) e a “Sociedade do Espetáculo” (Debord) .....	38
1.4. O papel dos meios de comunicação de massa .....	50

CAPÍTULO II .....	65
-------------------	----

### O Sujeito em processo de Envelhecimento e a Velhice

2.1. O Envelhecimento como processo.....	67
2.2. Envelhecimento x Castração .....	73
2.3. Conquistas e Ganhos no Envelhecimento .....	75
2.4. Como definir a Velhice?.....	78
2.5. Freud e a Velhice.....	83
2.6. Velhice: novos horizontes.....	91

CAPÍTULO III .....	94
--------------------	----

### Narcisismo, Auto- Estima, Imagem Corporal e Velhice

<b>3.1. Narcisismo: do mito à teoria .....</b>	<b>100</b>
<b>3.1.1. Mito de Narciso.....</b>	<b>100</b>
<b>3.1.2. Narcisismo em Freud.....</b>	<b>101</b>
<b>3.1.3. O corpo narcísico.....</b>	<b>107</b>
<b>3.2. O Idoso e a Auto-Estima .....</b>	<b>111</b>
<b>3.3. “Susto diante do Espelho”: o velho do espelho, um outro?.....</b>	<b>114</b>
<b>3.3.1. O Velho é sempre o Outro.....</b>	<b>116</b>
<b>3.3.2. O Retrato de Dorian Gray.....</b>	<b>122</b>
<b>3.3.3. A fuga da Velhice pelo Suicídio.....</b>	<b>126</b>
<b>3.3.4. O Eu-feiúra na Velhice.....</b>	<b>131</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>136</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>147</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>158</b>

# **INTRODUÇÃO**

---

**Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?  
Teus ombros suportam o mundo e ele não pesa  
mais que a mão de uma criança. As guerras,  
as fomes, as discussões dentro dos edifícios provam  
apenas que a vida prossegue e nem todos se  
libertaram ainda. Alguns achando bárbaro o  
espetáculo, preferiram (os delicados morrer).  
Chegou um tempo em que não adianta morrer.  
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.  
A vida apenas, sem mistificação.**

**DRUMMOND DE ANDRADE, CARLOS <sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Fragmentos do poema “Os ombros suportam o mundo”, de Carlos Drummond de Andrade. In: **Sentimentos do Mundo**, 1940.

## **À GUIA DE UMA INTRODUÇÃO**

Num trabalho monográfico intitulado “Reflexões sobre a cultura narcísica e do espetáculo”, analisei sob os enfoques teóricos dos psicanalistas contemporâneos Joel Birman, Jurandir Freire e Contardo Calligaris, a constituição da cultura narcisista e do espetáculo, averiguando também as conseqüências apontadas por cada um desses autores no âmbito dos relacionamentos sociais.

Observa-se, na contemporaneidade, o narcisismo como valor exacerbado, somado ao hedonismo – prazer dos instantes; à queda de valores, de ideais políticos e religiosos; ao descompromisso com as práticas de solidariedade e cooperação; à desvalorização das relações alteritárias; à banalização de referências éticas, morais; à sensação de vazio existencial, mal-estar; às diversas formas de violência.

Tudo isso sob o impacto do capitalismo avançado e da tirania do consumo incessante que, nos últimos tempos, não respeita limites, produzindo sintomas típicos do mundo contemporâneo e aponta para uma problemática premente que traz desafios para a nossa clínica, já que a constituição da subjetividade está intrinsecamente articulada à cultura.

Neste olhar panorâmico, considera-se, também, que a sociedade contemporânea é marcada por uma cultura da imagem, em que o instantâneo e a busca de satisfação imediata e contínua são valores predominantes.

Esses fatores aludidos contribuem, portanto, para traçar um perfil da subjetividade contemporânea marcada por traços narcisistas, permitindo também

a construção de novos modos de sociabilidade, balizados pela exacerbação do narcisismo e pelos investimentos nos ideais particulares de consumo.

Face a esta dimensão traumatizante do contexto cultural em que vivemos, constata-se como uma forma de fuga da angústia frente aos enigmas, incertezas e inseguranças do mundo atual, um retraimento narcísico defensivo do sujeito até como uma estratégia de sobrevivência – “o mínimo eu”, segundo a terminologia de Lasch, dadas as adversidades e contingências sociais. Tal engrenagem produz ainda, estilos de ser e parecer numa cena social configurada como espetacular.

No bojo da cultura narcísica, a produção em massa e o consumo de mercadorias são atravessados pela difusão de imagens, assim como as relações sociais entre os sujeitos são mediatizadas por recursos imagéticos, denotando o que o filósofo francês Debord (1997), caracterizou como espetáculo. Associado a uma subjetividade consumista, ser sujeito, portanto, neste cenário espetacular, implica, necessariamente, em ser reconhecido como imagem por um outro que também o é.

Na sociedade capitalista, processa-se a padronização das subjetividades e os indivíduos passam a consumir, passivamente, imagens. Nas palavras de Birman (2001)<sup>2</sup>:

*A cultura da imagem é o correlato essencial da estetização do eu, na medida em que a produção do brilharesco social se realiza fundamentalmente pelo esmero desmedido na constituição da imagem pela individualidade. Institui-se assim a hegemonia da aparência, que define o critério fundamental do ser e da existência em sua evanescência brilhosa. (BIRMAN, 2001, p.167)*

---

<sup>2</sup> BIRMAN, Joel. **Mal-Estar na Atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 167.



A demanda do espetáculo e da performance teatral ordena a estetização da existência. Circunscreve-se, assim, um horizonte, onde os valores de profundidade e interioridade estão perdendo gradativamente espaço, sendo, em decorrência disso, substituídos por valores relativos à superfície e exterioridade.

Joel Birman, em “Mal-estar na Atualidade” (2001) sublinha que o autocentramento do sujeito e o amor desmedido pela auto-imagem são característicos do estado de ser dentro-de-si, configurando, por excelência, o excesso de exterioridade.

[...] Uma inversão fundamental se operou, uma migração de posições aconteceu no campo social, pois agora o sujeito fora-de-si, em sua nova modalidade, é socialmente integrado e investido. Trata-se, enfim, de uma forma de subjetividade fora-de-si, *white collar*, literalmente colarinho branco. Se examinarmos essa nova modalidade fora-de-si, depreenderemos que se trata de uma *forma perversa de existência* [...]. A perversão é legitimada e valorizada socialmente. Esta é então a figuração original do sujeito fora-de-si que a pós-modernidade está em vias de constituir, em que as formas perversas de gozar realizam o projeto legítimo da subjetividade. (BIRMAN, 2001, p. 171)<sup>3</sup>

A exacerbação desta lógica de “sujeitos-fachada”, constituídos por intermédio de imagens, acarreta fortes efeitos patogênicos que envolvem a corporalidade. Aqui, podemos lembrar o campo das psicopatologias da atualidade: anorexia/bulimia, depressão, síndrome do pânico, compulsões, toxicomanias, etc. Birman acredita que é possível definir o campo psicopatológico, a partir dos quadros clínicos fundados no fracasso da participação do sujeito na cultura do narcisismo.

---

<sup>3</sup> Ibid. p. 171.

O corpo é sobrevalorizado e super exigido na sociedade narcisista e do consumo. A indústria do corpo exprime-se na proliferação da procura intensificada das academias de ginástica, clínicas de estética e emagrecimento, spas. Isto sinaliza para a importância da estética corporal na contemporaneidade. Impõe-se aqui, o imediatismo como valor que permeia, sendo um dos desdobramentos da lógica da sociedade de consumo. O culto ao corpo é uma manifestação de vaidade, que destaca, notadamente, o narcisismo contemporâneo como um fenômeno cultural.

No que se refere ao corpo, os efeitos da exigência de imediatismo são particularmente marcantes, pois na busca da sensação de prazer e auto-estima, recorrem-se às “soluções milagrosas” que garantam a modelagem corporal de modo rápido, eficiente e sem muitos sacrifícios.

A mídia escrita e eletrônica dedica cada vez mais espaço para as novidades no setor farmacêutico, de cosméticos, cirurgias, alimentação, além de difundir um determinado padrão estético, tido como modelo e vendido enquanto “fórmula de sucesso”: corpos perfeitos, esbeltos, esguios, músculos à mostra, sobressaltados e abdômen moldado em academias, lipoesculturas e lipoaspirações. O que se veicula é a satisfação imediata: bem maior a ser consumido.

De maneira subliminar, os meios de comunicação de massa difundem-se em termos de consumo. As mensagens e mecanismos imagéticos veiculados reforçam o culto do corpo em sua forma tanto mercadológica como espetacularizada.

É, sobretudo, através dos meios de comunicação, com particular destaque da televisão por sua dimensão de simulacro, que o imediato se difunde, consolidando-se como valor, principalmente através das propagandas e do marketing: a qualidade de um produto traduz-se pela adequação à sua rápida eficácia e imediatismo, daí o “mundo em flashes” ser facilmente “deglutível”.

A proliferação de imagens através da publicidade exige dos sujeitos uma identificação com os ideais de beleza e perfeição encarnados pelas “top-models”. Vende-se subliminarmente um padrão corpóreo, pois a aquisição do produto anunciado garante a filiação à “tribo” das celebridades e também a inserção sócio-cultural. A expectativa do consumidor é se identificar com as insígnias de poder que se tornam definidoras de seu ser e status social.

Na sujeição aos ditames desse ideal imposto culturalmente, suprimi-se a dimensão da singularidade do sujeito. Os indivíduos passam, então, a correr atrás das imagens que lhes são impostas pelos ídolos da moda, pelos personagens da televisão e das revistas. Imagens que seduzem e estão a serviço do consumismo. Conforme sugere Birman<sup>4</sup>:

A mídia se destaca como instrumento fundamental para que se forje o polimento exaltado de si-mesmo pelo indivíduo, que se esmera então para estar sempre presente nos meios de comunicação de massa, em jornais ou televisão [...]. (BIRMAN, 2001, p. 167)

Nesta ditadura da beleza, o corpo é alvo de cuidados dispensados, sacrifícios e adoração, ficando totalmente submetido aos mandatos impostos culturalmente que estão em vigor, atendendo, sobretudo, aos imperativos da lei do

---

<sup>4</sup> Ibid. p. 167.

mercado, que coloca o sujeito no lugar de objeto de consumo. A propósito, cabe assinalar o que o psicanalista Contardo Calligaris propõe no livro “Crônicas do Individualismo Cotidiano” (1996)<sup>5</sup>:

A idéia de alienação surge curiosamente logo quando a modernidade se constitui. O indivíduo autônomo de nossos tempos não coincide com um conjunto preestabelecido de obrigações simbólicas, por isso ele é obrigatoriamente narcísico: sua consistência subjetiva, em princípio, não é o peso da herança recebida, mas o fruto de suas contínuas tentativas de se manter desejável aos olhos dos outros. (CALLIGARIS, 1996, p. 43)

O corpo tomado como objeto de investimento narcísista deve ser esculpido a todo custo, mediante a busca incessante de recursos como: musculação, cirurgias plásticas, próteses, implantes de silicone, regimes e dietas balanceadas, uso de suplementos vitamínicos, de anabolizantes, práticas farmacológicas, cirúrgicas reparadoras, tratamentos estéticos para emagrecimento e rejuvenescimento.

Tudo isso aponta para um novo modo de relação dos indivíduos com os seus corpos. Ressalta-se que todas essas estratégias prometem “solução imediata”, além de estarem não somente referendadas, mas também aliadas ao capitalismo.

O consumo voltado para o corpo revela uma aversão à gordura, ao desleixo, à velhice. Instaure-se, pois, um cenário que nos leva a pensar na idéia de rejeição e temor ao envelhecer em virtude do mito da “eterna juventude”.

---

<sup>5</sup> CALLIGARIS, Contardo. **Crônicas do Individualismo Cotidiano**. São Paulo: Editora Ática, 1996, p. 43.

Verifica-se, na atualidade, um desespero pelo consumismo ávido de qualquer proposta na tentativa de perpetuar desesperadamente a juvenilidade. Desse modo, os sujeitos aprisionados ao fascínio da trama imagética da mídia passam a tentar evitar ou postergar os “sinais” tão incômodos e temidos que revelam a passagem do tempo – o envelhecimento, os quais são denunciados através do corpo.

Instala-se um paradoxo: se por um lado os sujeitos estão envelhecendo, por outro, parece haver, concomitantemente, a denegação desse envelhecer, na medida em que esses sujeitos estão recorrendo às estratégias que o evite. Ou seria, uma forma inconsciente de denegar a própria morte? Esta lógica paradoxal será melhor explorada num outro momento desta pesquisa.

A ilusão de permanecer jovem é muito acalentada quer seja consciente ou inconscientemente. A respeito disso, a psicanalista Mônica Messina salienta no artigo “Dimensões do Envelhecer na Contemporaneidade” (2002)<sup>6</sup>:

Na verdade o que parece se buscar na contemporaneidade é uma imagem corporal segundo um modelo de um corpo jovem e de atividade, com uma temporalidade própria, de movimentos rápidos, resistentes ao envelhecimento, à transformação, que representam apenas uma ilusão de juventude eterna. (MESSINA, 2002, p. 4)

Ademais, o padrão estético, irremediavelmente irrecuperável no horizonte da temporalidade, revela também a angústia em relação ao que é incontrolável e irreversível: a finitude, a morte.

---

<sup>6</sup> MESSINA, M. **Dimensões do Envelhecer na Contemporaneidade**. Disponível em: [http://www.estadosgerais.org/atividades\\_atuais/messina.shtml](http://www.estadosgerais.org/atividades_atuais/messina.shtml). Acesso em: 20 maio 2004.

As reflexões acerca do narcisismo exacerbado e do culto ao corpo tão enfatizado e valorizado na contemporaneidade instigaram-me a pensar e interrogar qual seria o lugar reservado para os idosos nesse mundo narcísico e do espetáculo?

Nesse sentido, tenho as seguintes indagações: uma sociedade que valoriza padrões de beleza, encanto, força física, esbelteza e vitalidade, atributos estes reservados à juventude, como encara o envelhecimento? Será que o narcisista sente-se aterrorizado com a possibilidade de envelhecer? E os idosos como se inserem nesse contexto cultural? Como se sentem? Quais as repercussões do envelhecer para as suas vidas? Que percepção os velhos têm de si, imersos nesse cenário? E a representação psíquica que eles fazem do próprio processo de envelhecimento?

A presente pesquisa tem, portanto, uma peculiar relevância porque se propõe a analisar o processo de envelhecimento e a velhice no mundo contemporâneo, no qual o êxito e a felicidade implicam na adesão a modelos calcados no encantamento narcísico, beleza e juvenilidade e, no outro pólo oposto, está a velhice que, inevitavelmente, a sociedade costuma caracterizar em termos de atributos negativos: decrepitude, degeneração, obsolescência, inutilidade.

As representações sociais da velhice estão fortemente associadas às doenças, limitações, dependência, improdutividade, nostalgia, depressão. A configuração do quadro sombrio e desalentador do que seja o envelhecer pode implicar, substancialmente, no fato dos idosos identificarem-se com essas imagens estereotipadas e preconceituosas. Daí, questiono-me como nós

psicólogos comprometidos com a área social e de saúde podemos responder a esses impasses, desafios suscitados e instalados na sociedade atual?

Seria possível promover uma ruptura e se desvencilhar dessas imagens pejorativas, possibilitando assim, o redimensionamento dessas representações sociais negativas do envelhecimento e da velhice? Indubitavelmente, trata-se de uma proposta instigante e extremamente desafiadora face à sua complexidade.

É importante realçar que se estima, segundo estatísticas recentes publicadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) que a população mundial de idosos atingirá 1 bilhão e 100 milhões no ano de 2025. Particularmente no Brasil, 15 milhões de pessoas, representando 8,6% da população, já ultrapassaram os 60 anos de idade. De acordo com pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esta proporção poderá chegar a 14%, em 2025, com 32 milhões de idosos, ou seja, o dobro do número de velhos existentes atualmente.

Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), apontam o Brasil, provavelmente, como o sexto país do mundo com maior contingente de pessoas idosas até 2025. Atribui-se a estas projeções do envelhecimento populacional brasileiro, a elevação da expectativa de vida superior aos 70 anos devido aos avanços tecnológicos; ao progresso da farmacologia, da medicina, como a invenção dos antibióticos e vacinas; queda muito acentuada das taxas de natalidade com a descoberta de variados métodos anticonceptivos, principalmente a pílula; redução das taxas de mortalidade, propiciando, então, nas últimas décadas do século passado, uma mudança no perfil demográfico brasileiro.

Embora o índice quantitativo de idosos venha aumentando progressivamente, paradoxalmente, o sistema social e de saúde no Brasil não se preparou adequadamente para atender a este desafio da transformação demográfica: o envelhecimento populacional.

Convém sublinhar que a Política Nacional do Idoso (Lei Federal nº 8.842) somente foi instituída em 04 de janeiro de 1994, tendo sido regulamentada após dois anos, pelo Decreto Federal nº 1.948, de 03 de julho de 1996.

A ONU estabeleceu, em 1999, o “Ano Internacional dos Idosos”, cujo lema escolhido foi “Mantenha-se ativo para envelhecer melhor”. Daí, o Ministério da Saúde inaugurou campanhas anuais de vacinação contra a gripe. Neste mesmo ano, por meio da Portaria GM/MS nº1.395/99, instituiu-se a Política Nacional de Saúde do Idoso.

A implantação das políticas públicas de saúde e as campanhas para o idoso estão, de modo geral, vinculadas ao tema “Envelhecimento Ativo”. Recomenda-se que os Estados adotem medidas para assegurar padrões de saúde e bem-estar para as pessoas idosas, promovam estilos de vida saudáveis mediante iniciativas comunitárias e implemente programas de promoção e recuperação da saúde do idoso, além da prevenção de doenças.

Para a promoção do envelhecimento saudável, o Ministério considera fundamental a preparação dos profissionais de saúde para atender e cuidar dos idosos e que eles identifiquem as principais doenças que acometem este segmento etário.

É inegável que essas ações comprometidas com a inserção do idoso como cidadão ativo na sociedade vêm trazendo novas perspectivas de ampliação da



participação social e de estratégias para a melhoria das condições de saúde da população idosa. Mas, em contrapartida, tal abordagem proposta prioriza a esfera da saúde, em detrimento das outras dimensões do humano.

É indiscutível a relevância das atividades educativas, socioculturais, de lazer e integração dirigidas aos idosos. Para exemplificar, o movimento das Universidades Abertas à Terceira Idade vem experimentando incremento substancial, nos últimos anos, difundindo conceitos e experiências práticas que representam uma nova forma de promover a saúde da pessoa que envelhece.

A enorme gama de cursos e atividades nas mais diversas áreas do saber científico (equipe interdisciplinar), as estruturas de apoio, como laboratórios, bibliotecas, além das tecnologias inovadoras desenvolvidas na universidade, foram agregadas ao projeto como suporte para transmissão de conhecimentos novos e qualificados para os estudantes com mais de 60 anos.

Desejo, com isso, chamar a atenção para a importância da emergência de novos modelos de atenção ao idoso sintonizados com políticas de saúde que levem em consideração outros âmbitos: social, cultural, psíquico, educacional, intelectual, esporte.

Na área da educação, por exemplo, a adequação dos currículos escolares com conteúdos voltados para o processo de envelhecimento; a inserção da Gerontologia e da Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores; os programas de ensino destinados aos idosos; o apoio à criação de Universidades da Terceira Idade, parecem ser uma alternativa interessante.

Ampliar o olhar sobre os modelos até então vigentes, significa considerar a complexidade do envelhecimento humano. Nesse sentido, focalizar a capacidade

produtiva, criatividade, inteligência, memória, cognição, o aspecto psicológico, o espírito crítico; promover a auto-estima, o resgate da cidadania, incentivar a autonomia, independência, auto-expressão, também podem contribuir para uma velhice ativa, dinâmica e saudável.

Pode-se, desse modo, conceber a saúde em um sentido mais amplo, que toma como pressuposto ser a saúde expressão de toda a dimensão existencial do sujeito idoso com qualidade.

O Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003), aprovado pelo Congresso Nacional e sancionado pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, ampliou a expectativa do Estado e da sociedade em atender às necessidades dos idosos, assegurando-lhes seus direitos, concretizando, assim, uma importante e fundamental conquista para o nosso país.

No decurso dos anos, o Brasil vem experimentando um processo de envelhecimento muito rápido, deixou de ser um “país de jovens”, podendo ser considerado, no início do novo milênio, como um “país de população idosa”. Para a OMS, os países em desenvolvimento têm numeroso contingente de idosos, quando 7% dos habitantes ultrapassaram a faixa etária dos 60 anos.

O significado desses dados traduz-se num alerta para a sociedade brasileira, pois nos tempos atuais, ainda é relativamente grande a desinformação sobre a velhice e suas especificidades no cenário social. Por esta razão, é de suma importância lançar um olhar para esse segmento tão negligenciado, estigmatizado e marginalizado, sendo, portanto, uma questão que transcende motivações singulares e individuais.

Apesar do aumento considerável das estatísticas de idosos, será possível assegurar-lhes um espaço digno, de respeito e significação no campo social? Afinal, ao que parece, tudo leva a crer que o lugar reservado aos velhos é exatamente o “não-lugar”. Ou é um lugar denegado?

A proposta de colocar em discussão essa temática procede do interesse de dar vez a esses idosos, ou seja, reservar-lhes um “lugar” e, sobretudo, do desejo de dar-lhes “voz”, mediante a escuta atenta de seus discursos, já que com frequência, não estamos abertos, dispostos ou disponíveis para ouvi-los.

É necessário pensar e encarar a velhice como um período de vida que ainda alimente projetos para o futuro, abrindo, assim, perspectivas para novas descobertas e horizontes de criatividade. Os idosos podem ressignificar suas experiências de vida, fazer construções, desconstruções e reconstruções de suas histórias biográficas, contribuindo, de fato, para o envelhecimento saudável, ativo do ponto de vista físico, psíquico, mental, social, com a vida produtiva no seio da família, na sociedade e, até na economia, com a sua inclusão no mercado de trabalho.

Partindo desse panorama, o objetivo desta pesquisa é identificar as especificidades do envelhecer no cenário cultural da contemporaneidade. Ao levarmos em consideração que cada sujeito envelhece de modo absolutamente singular, podemos, então, admitir que existam inúmeras formas de envelhecimento e velhices. Neste sentido, pode-se questionar: que tipos de velhice estão sendo produzidos na atualidade?

A fim de analisar a maneira como os idosos estão se inserindo no contexto cultural contemporâneo, foram realizadas 06 entrevistas com idosos, de ambos os

sexos, acima dos 60 anos de idade, de classe média da zona urbana da Cidade do Recife, que estavam exercendo algum tipo de atividade física, ou seja, de preocupação e cuidado com o corpo e a saúde. Eles também têm hábitos de leitura de revistas, livros, jornais, assistem aos noticiários jornalísticos, a filmes, isto é, realizam atividades capazes de preservar a capacidade cognitiva e de estímulo ao trabalho intelectual.

Tratar-se-á, portanto, de uma pesquisa teórica com ilustrações clínicas, de inspiração psicanalítica. Tem o caráter do método clínico, uma vez que os depoimentos colhidos serão submetidos à interpretação, sob o ponto de vista da psicanálise. Um trabalho, pois, de cunho hermenêutico.

Cabe ressaltar que não tenho a pretensão de fazer generalizações, a partir da análise clínica interpretativa das informações colhidas nas entrevistas, mas apenas de tecer algumas reflexões, considerando, sobretudo, as singularidades do envelhecimento de cada sujeito.

Para alcançar os objetivos propostos, circunscrevo o seguinte campo epistemológico e roteiro metodológico que pretendo percorrer: a pesquisa será dividida em três capítulos. No 1º, introduzo as concepções teóricas de Christopher Lasch e Guy Debord concernentes à constituição da cultura narcísica e do espetáculo, na qual o sujeito só encontra recurso e referência em si mesmo. Em seguida, destaco alguns comentários acerca do papel exercido pelos meios de comunicação de massa e pela publicidade em relação à exaltação da cultura da imagem.

Trarei as contribuições dos psicanalistas contemporâneos: Joel Birman, Jurandir Freire e Contardo Calligaris, autores que se destacam no tocante à

abordagem do tema em estudo, pelo fato de pontuarem em seus posicionamentos teóricos, reflexões sobre a cultura do narcisismo e do espetáculo.

Foram também abordados outros autores que se preocupam em estudar os problemas da atualidade, em vista de uma compreensão mais fecunda do âmbito social, são eles: Maria Rita Kehl, Carmen Da Poian, Amparo Caridade e Isabel Marin. Esses são, portanto, os principais tópicos a serem desenvolvidos no primeiro capítulo que fará as vezes de um pano de fundo desta dissertação.

No 2º capítulo, apresentarei a distinção das noções de processo de envelhecimento e velhice, as quais são comumente empregadas como sinônimos de modo errôneo. Destaco para a discussão as contribuições mais recentes de psicanalistas (Messy, Goldfarb, Messina) que estão se dedicando, atualmente, em seus estudos, à temática do envelhecimento.

Como suporte para análise, também faço um breve passeio pela literatura de outros autores (Beauvoir, Caridade), cujas reflexões são significativas para a compreensão do envelhecimento e da velhice, na tentativa de redimensioná-las e contextualizá-las na contemporaneidade. Sublinho ainda breves passagens, tanto dos escritos de Freud quanto dos de Maud Manonni, em virtude de serem dos poucos psicanalistas que se reportam à sua própria velhice.

No 3º capítulo, pretendo articular as relações entre narcisismo, auto-estima, imagem corporal e velhice. Tomarei por esteio a metapsicologia freudiana no que tange ao conceito de narcisismo e a noção de imagem inconsciente corporal em Françoise Dolto. Também vou trabalhar a noção de “estádio do espelho” em

Jacques Lacan, mas, apenas como uma contribuição para enriquecer a leitura sobre a constituição do corpo narcísico.

Gostaria de frisar que a trilha teórica a ser perseguida neste capítulo será ilustrada com fragmentos clínicos e com os depoimentos de alguns idosos por mim entrevistados. O material clínico extraído das entrevistas visa ilustrar as reflexões teóricas, nas quais se fundamenta nosso modo de ver e conceber o processo de envelhecimento no mundo contemporâneo.

Apesar de reconhecer a amplitude não só do acervo bibliográfico, mas dos assuntos que envolvem o tema da velhice, ressalto que não pretendo abranger e aprofundar os aspectos econômico, fisiológico, biológico e sexual, restringindo-me, portanto, ao âmbito social e cultural. Deter-me-ei, principalmente, na literatura de cunho psicanalítico, porque agrega fundamentais contribuições para a compreensão do envelhecimento saudável – senescência, o qual optei por abordar neste trabalho, direcionando a discussão para essa perspectiva.

Desse modo, eximo-me de trabalhar o envelhecimento patológico - senilidade que compreende as seguintes demências: Alzheimer, isquêmica, vascular, dentre outras patologias (Parkinson, Aids, Diabetes, câncer, A.V.C, etc).

No que concerne aos quadros demenciais, ressalto o interesse de contemplá-los e revisitá-los para pensar numa clínica possível, com escuta atenta, manejo transferencial e da técnica diferenciados com esses pacientes demenciados, além do cuidado, orientação e atenção a seus familiares.

E, finalmente, apresento uma discussão final, na qual pretendo lançar novas perspectivas sobre a problemática abordada nesse estudo, além de apontar outras questões para futuras pesquisas.

# ***CAPÍTULO I***

## **NARCÍSICO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

---

**“Força e beleza são bens da juventude,  
comedimento, a flor da velhice. (...) O velho  
foi jovem, mas quanto ao jovem, é  
incerto se ele chegará à velhice.  
Portanto, o bem realizado vale mais que o  
que está ainda por vir e é incerto”.**

**Demócrito de Abdera (460-370 a.C), filósofo grego.**

**“A velhice, com efeito, é honorável, contanto que  
se defenda a si mesma, que mantenha seus direitos, que  
não se submeta a ninguém e que até o derradeiro  
alento guarde seu império sobre os seus. Assim como  
estimo um adolescente no qual se encontra algo de  
um velho, assim aprecio um ancião no qual se encontra  
alguma coisa de um adolescente; aquele que seguir  
esta regra, poderá ser velho de corpo, não o será  
jamais de alma”.**

**Cícero (106-43 a.C), em “Da velhice e da amizade”.**



## CAPÍTULO I

### NARCÍSICO MUNDO CONTEMPORÂNEO

#### 1.1. A exaltação do eu e a sobrevalorização do “culto ao corpo”

As idéias esboçadas no percurso da minha Monografia de conclusão do Curso de Graduação em Psicologia (2003), intitulada: “Reflexões sobre a cultura narcísica e do espetáculo”, remeteu-me à constatação de que, com efeito, estamos vivendo numa sociedade marcada pela exacerbação do narcisismo, estando balizada no culto ao corpo – idolatria que nos é vendida o tempo todo, além de vigorar a ênfase atribuída ao desempenho, à performance, bem como a busca incessante de prazer e satisfação no aqui e agora – faceta hedonista.

Nos tempos atuais, tornou-se comum falar de “cultura do corpo” em alusão à preocupação desmedida com a forma física, a estética e a saúde, ou seja, o que se vigora é a idolatração e o amor pela imagem de si mesmo. Na vertente do individualismo contemporâneo, o sujeito viu-se levado a basear o sentimento de identidade em dois suportes primordiais: o narcisismo e o hedonismo privado, tal como enuncia Jurandir Freire Costa<sup>7</sup>.

Em paralelo a isto, outras características específicas regem o mundo contemporâneo, dentre as quais pode-se destacar: a ferocidade da lógica do

---

<sup>7</sup> COSTA, Jurandir Freire. *O Vestígio e a Aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 185.

mercado capitalista; a influência poderosa do universo publicitário e da mídia, além da fetichização do consumismo.

Trata-se de uma engrenagem social que elegeu como pauta de comportamento, práticas narcisistas em detrimento das coletivas, induzindo, pois, os sujeitos a se desvincularem de projetos solidários e ideais comuns. É regida também por uma ética de sobrevivência do “mínimo eu”, no dizer de Lasch (1986)<sup>8</sup>, caracterizando, portanto, uma moralidade pautada no modo narcísico de viver que glorifica e enaltece o reino das aparências, o êxtase das encenações, a supremacia e sedução das imagens configurando-se, aqui, o que se pode denominar de cenário espetacular e narcísico, no qual o sujeito acredita ser livre, onipotente e soberano para tudo desejar e consumir.

Ao deparar-me com o pressuposto de que o narcisismo é um fenômeno cultural da contemporaneidade, evidenciado, sobretudo, nos apelos pelo cultivo exacerbado do “corpo perfeito” na cena do espetáculo, lancei-me a alguns questionamentos que servirão como objeto de discussão e análise nesta dissertação: Se a sociedade encontra seu padrão estético no corpo jovem, belo, saudável e esbelto, isto é, no movimento enaltecedor da juventude eterna, qual seria, então, o lugar reservado aos idosos nesse contexto cultural?

Os primeiros sinais do envelhecimento são denunciados através do corpo (as rugas, os cabelos brancos) que sofre, inevitavelmente, certas transformações com a passagem do tempo. O corpo, entretanto, não revela por si só o envelhecer.

---

<sup>8</sup> LASCH, Christopher. **O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. 4ª ed. São Paulo. Brasiliense, 1986.

A velhice enquanto estigma se instala no corpo. Será, então, que isso produz alguma inquietação no idoso? A sociedade freqüentemente caracteriza a velhice com atributos negativos, sugerindo, portanto, a imagem de um corpo “imperfeito”, “enrugado” e “enfraquecido”.

Quando a velhice passa a inquietar os idosos, isto acontece em decorrência de uma avaliação de si mesmos e de suas próprias imagens corporais igualmente estigmatizadas? Ou eles não se sentem incomodados com o avançar da idade e as marcas irremediavelmente inscritas no corpo? Essas questões que motivaram-me a desenvolver esta pesquisa serão aprofundadas num outro momento.

## 1. 2. Considerações sobre a Contemporaneidade

*A cultura somática de nosso tempo, esvazia a moral dos sentimentos em benefício da moralidade do corpo. O mal do século é o mal do corpo. A personalidade somática é a que tem na imagem social do corpo o referente central do caráter ou da identidade.<sup>9</sup>*

**Jurandir Freire Costa (2004)**

**“O Vestígio e a Aura”**

Vive-se, na atualidade, sob a égide da ditadura de corpos magros, esbeltos, musculosos e atraentes, segundo os moldes da indústria estética e cultural.

---

<sup>9</sup> Jurandir Freire Costa utiliza no livro “O Vestígio e a Aura” (2004), as expressões “cultura somática” e “personalidade somática”, seguindo as sugestões conceituais cunhadas por Christopher Lasch que no início dos anos 70 falava em “cultura narcísica” e “personalidade narcísica”. Entretanto, Jurandir concebe que os traços relevantes da cultura do narcisismo, conforme os estudos de Lasch, foram destronados pelo interesse contemporâneo com a corporeidade, daí ter efetuado a substituição dos termos.

Valoriza-se triunfalmente a plástica de um “corpo perfeito”. O corpo passou a ser glorificado e supervalorizado pela indústria da vaidade, impondo-se como alvo preferencial de adoração na cultura do narcisismo.

Criou-se um círculo vicioso em que a preocupação consigo mesmo e o excesso de investimentos na própria corporeidade deixam de ser uma escolha livre e passam a ser uma obsessão, uma compulsão.

Insere-se, neste contexto, o crescimento vertiginoso e ascendente do consumo dos serviços de embelezamento; cosméticos; tratamentos estéticos; difusão das academias de ginástica; alimentação balanceada, etc. O consumismo joga sedutoramente com o mal-estar peculiar à sociedade contemporânea, na proporção em que promete suplantar o tédio, a intranqüilidade e a apatia vividos pelos indivíduos que se mostram permanentemente insatisfeitos e sentindo-se impotentes.

A meta é consumir, ir às compras para possuir os mais diversos objetos que trarão, supostamente, a felicidade e a tão desejada completude narcísica outrora perdida na infância. Na tentativa insana e desesperada de restaurá-la, os sujeitos passam a atender às ofertas do consumo como uma forma de tamponar a falta que é constitutiva do ser humano. Nesse sentido, há uma articulação direta entre a valorização da imagem de si e o consumismo, como uma marca identitária privilegiada na contemporaneidade.

O corpo torna-se auto-referência para o sujeito ser feliz e sentir-se socialmente aceito. Ele lhe confere um sentimento de pertinência. É, portanto, objeto transformado pela publicidade em fascinação estética e exuberância.

O discurso da mídia, o universo publicitário e propagandístico também enfatizam essa ideologia: os sujeitos desejam se “parecer” com os atletas do mundo dos esportes e com os famosos “astros” do cinema e da televisão, todos olhados como ídolos, pessoas célebres. Conforme escreve Jurandir Freire Costa (2002):

O que nos inspira são os modelos impessoais dos artistas de sucesso ou das figuras de *outdoors*. Só que tais modelos são mudos e se manifestam, apenas quando se trata de nos convidar para comprar mais um produto comercial ou industrial. O corpo da publicidade não nos fala diretamente. Não nos solicita sensorial ou emocionalmente, nem considera as peculiaridades de nosso caráter ou de nossas histórias de vida, ao provocar nosso desejo de imitá-lo.<sup>10</sup>

É no mundo contemporâneo de concretude, do instantâneo e da imediatez que a imagem corporal ganha um papel de relevância e destaque. O que nos resta é correr atrás, de forma angustiante e exaustiva, do corpo da moda, que se apresenta como um ideal a ser perseguido.

Esses “personagens” do “mundo dos espetáculos” têm seus corpos controlados pela indústria de perfeição estética. São recrutados como modelos para incentivar o consumo. Por exemplo, pessoas como Gisele Bündchen, pelo fato de serem referências padronizadas de beleza, tornam-se objetos de admiração e inveja.

Indubitavelmente, não se trata de um sujeito, mas de uma escultura a ser venerada. O que importa é a representação estetizada; a projeção da auto-

---

<sup>10</sup> COSTA, J.F. **A Subjetividade Exterior**. Artigo disponível desde o ano de 2002 no site: <[http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia e Educacao/9/Artigos/subjetividade.html](http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia_e_Educacao/9/Artigos/subjetividade.html)>.

imagem e a aparência sedutora. Nesse contexto, o corpo torna-se um dos objetos de consumo, no capitalismo atual.

Os sujeitos submetidos a uma nova ordem de valor (o fetichismo do corpo), aos estímulos publicitários e narcísicos, ficam aprisionados a um estereótipo social forjado pelo sistema cultural que os reduz a “homem-objeto”. No auge da vaidade, envolvem-se, pois, numa fatídica ilusão de glorificação e soberania do eu.

Na era da simulação há uma crise de todos os referenciais e valores a serem cultivados: ética, respeito, compromisso, afeição e ternura. O que prevalece é a estética corpórea respaldada no incremento da busca contínua do prazer.

Segundo Jurandir Freire Costa (2004), “o narcisista cuida apenas de si porque aprendeu a acreditar que a felicidade é sinônimo de obtenção de prazer. Quanto maior, mais imediato, mais constante for o prazer, mais feliz é o sujeito”.<sup>11</sup> Realça-se o valor de troca; o corpo tomado como objeto de troca de gozos, isto é, o ser humano passa a ter o valor medido pelo o que vale enquanto objeto.

Os apelos da sedução estética mercantilizada e o império do efêmero tornaram-se os princípios reguladores do meio social. A modelação corporal vem carregada das promessas de encanto, rejuvenescimento, distinção e glamour que ocupam um lugar privilegiado na sociedade atual.

Eis, então, a enumeração de algumas características que a determinam: velocidade; informação; avanços científicos e tecnológicos; globalização; consumo ávido e voraz; publicidade; hedonismo; “reino dos espetáculos”; tudo isso aliado ao perpétuo estado de insatisfação e ansiedade ao qual os narcisistas enamorados do espelho estão condenados.

---

<sup>11</sup> Ibid. p. 185-186.

### 1.3. A “Cultura do Narcisismo” (Lasch) e a

#### “Sociedade do Espetáculo” (Debord)

*[...] Para o narcisista, o mundo é um espelho.*

**Christopher Lasch**

*E sem dúvida o nosso tempo [...] prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser.*

**Feuerbach**

Delineia-se, aqui, um cenário denominado pelo norte-americano Christopher Lasch (1983) como a “cultura do narcisismo” que tem como alicerce e sustentação a “sociedade do espetáculo”, de acordo com a interpretação do filósofo francês Guy Debord (1997), ambas se retro-alimentando.

A cultura do narcisismo é marcada pela celebração da aparência física, o triunfo do espelho, ou dito de outro modo, pelo culto da própria imagem, cujo modelo emblemático é Narciso.

No horizonte dessas questões, situa-se a problemática da produção dos novos modos de subjetivação marcados pela cultura narcísica, que enfatizam o autocentramento do sujeito, enquanto que, por outro lado, a sociedade do espetáculo focaliza a exterioridade. É exatamente esse paradoxo que se sobressai na atualidade.

Parafraseando Lasch (1986), pode-se afirmar que sobra para o eu retraído hoje, um “lugar mínimo”. Trata-se, pois, de um enclausuramento em si mesmo fechado e defensivo, ou se preferirmos, o movimento do sujeito é rumo à sua redoma narcísica auto-suficiente, de perfeição e onipotência do seu ego ideal.

O narcisismo contemporâneo apresenta-se como uma forma de defesa necessária, instituída como proteção contra a falta de fronteiras entre o mundo interno e o mundo exterior circundante, sendo uma estratégia capaz de garantir a sobrevivência psíquica do eu.

Configura-se, assim, uma cultura dominada fundamentalmente pelas aparências, na qual fantasia e realidade dificilmente se distinguem. No afã da padronização e do consumismo, horizontes oferecidos pela nova configuração social, emerge a figura do narcisista, situada no centro de uma crise de valores e atravessada por uma profunda crise de identidade.

Resta ao sujeito narcísico, autocentrado, preocupado exacerbadamente com os cuidados do corpo e investindo na glamurização de sua auto-imagem, a experiência subjetiva do vazio interior, isolamento, impotência e desamparo. Mergulha, então, num mundo de aparências que ele mesmo construiu como uma forma de escapar desse vazio existencial.

Carmen Da Poian (2001) observa que vivemos num mundo desencantado e experimentamos a sensação de angústia, futilidade no sentimento de existir e o mal-estar nascido dos vazios provocados pela ausência de princípios, crenças, de Deus, fé, ordem e lei. Donde, a nostalgia, a insegurança por falta de referências éticas, as certezas perdidas em um mundo de incertezas, o que importa é o prazer



dos instantes. Daí a referida psicanalista apontar a depressão como o sintoma típico da contemporaneidade.

O vazio identitário e a falta de identificações subjetivas estão entrelaçados com a perda de pontos referenciais duradouros, consistentes e bem demarcados: Sociedade sem herança, indivíduos órfãos de ideais e de verdades simbólicas [...] identidades adotadas sem firmeza alguma, pois o mundo de hoje exige volatilidade, mudanças, trocas, descartabilidade.<sup>12</sup>

Corroborando essas análises, Contardo Calligaris refere que o indivíduo, ao afirmar a sua autonomia como valor primeiro e preocupar-se com a exaltação do eu privado, vale mais do que a própria sociedade que o abriga. Portanto, para ser alguém, somente lhe resta simplesmente correr atrás de imagens sedutoras. Trata-se, nesse sentido, de uma identidade fundada na imagem.

[...] em nossa época, diluem-se os valores e as referências tradicionais; e talvez, momentaneamente, prevaleça a caça às imagens agradáveis (aos outros) [...] O homem de hoje é narcísico, ou seja, ele se constitui apenas seguindo a sedução das imagens que o mundo lhe propõe, e com as quais ele tenta – na falta de identificação – arrumar uma identidade.<sup>13</sup>

Jurandir Freire Costa pontua que basear a identidade no narcisismo significa dizer que o sujeito é o ponto de partida e chegada do cuidado de si. Não obstante, pode-se tecer um campo semântico contextualizado nas palavras de ordem que estão em consonância com os valores narcisistas contemporâneos: rejuvenescer; saúde, beleza, vitalidade, força física, jovialidade, busca de

---

<sup>12</sup> DA POIAN, Carmen (org). **Formas do Vazio: desafios ao sujeito contemporâneo**. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2001. p. 12.

<sup>13</sup> CALLIGARIS, Contardo. **Crônicas do Individualismo Cotidiano**. São Paulo: Editora Ática, 1996, p. 50-51.

novidades, além de uma exposição maciça aos recursos que adiam, mascaram ou combatem o envelhecimento.

As extraordinárias descobertas das Ciências; os progressos da Medicina, da genética e das pesquisas biológicas mudaram o perfil da idealização da imagem corporal, conforme observa Jurandir: “hoje, imagina-se que a perfeição será conseguida pela *perfectibilidade* física prometida pelas novas tecnologias médicas”. E, prossegue dizendo: O sujeito contemporâneo padece de um fascínio crônico pelas possibilidades de transformação física anunciadas pelas próteses genéticas, químicas, eletrônicas ou mecânicas.<sup>14</sup>

Na concepção da psicanalista Maria Rita Khel, é preocupante não só o fato do sujeito se desvincular da angústia do viver, mas, sobretudo, de se eximir de qualquer responsabilidade no que tange às suas próprias atitudes e destinos pulsionais. O que se busca, incessantemente, é eliminar, a todo custo, a sensação de mal-estar que habita o indivíduo em sua internalidade, ao invés de se interrogar qual o sentido dessa inquietude.

A partir dessas premissas, caberá a um Outro – os avanços médicos, as pesquisas científicas e as inovações tecnológicas que por sua vez, oferecem a possibilidade de retardar o envelhecimento através de intervenções cirúrgicas e estéticas, ou seja, é no real do corpo que se busca “alterar” a imagem do sujeito em processo de envelhecimento, na tentativa insana de substituir sumariamente um traço individual – “o que se é” que demarca a singularidade, por aquele idealizado – “o que se gostaria de ser”.

---

<sup>14</sup> Ibid. p. 77.

É na teia da cultura narcísica de exibição publicitária que entra o papel da mídia, cujo cenário fantasístico é construído por meio de imagens, que despertam o encantamento, a sedução, objetivando nos convencer, fascinar e persuadir. No artigo “Você Decide... e Freud Explica” (1996), o cerne do pensamento de Maria Rita Kehl é assim sintetizado:

A publicidade convoca os sujeitos a apostar em sua onipotência. O sujeito das “culturas do narcisismo”, no dizer de Christopher Lasch, adaptado às condições desejanças das grandes sociedades de mercado [...], acredita que tem uma espécie de direito natural ao desfrute de todos os bens que a publicidade lhe oferece ou, pior ainda, acredita que tem uma espécie de dever de desfrutar deles. O sujeito onipotente da Cultura do Narcisismo vive um delírio semelhante ao que Freud descreveu como o estado psíquico regido pelo Princípio do Prazer: sem história, sem mediação de tempo e esforço entre desejar e obter, sem dívida para com nenhum passado, nenhuma instância paterna. É o self-made-man imaginário que se acredita sem outro compromisso a não ser com o próprio gozo, ao qual a mídia publicitária [...] apela incessantemente.<sup>15</sup>

Além de todo esse arsenal, a correção física da aparência corpórea, ou melhor, a experiência narcísica de construção da imagem do corpo idealizada, também, está aliada à propagação das informações veiculadas pela mídia que nos bombardeiam, ininterruptamente, com imagens. Sigamos suas instruções de consumo. Elas difundem a crença de que é possível “silenciar” os sinais indicadores da passagem do tempo e negar a possibilidade da premência da morte.

Trata-se, portanto, de um contexto cultural que está se desenvolvendo em torno da juventude. E, convergindo nesta direção, exclui o idoso, confirmando o

---

<sup>15</sup> KEHL, Maria Rita. **Você Decide... e Freud Explica**, In: *Psicanálise e o Contemporâneo*. CHALHUB, Samira (org). Hacker Editores, Cespuc, 1996.

estado de segregação. O Brasil era tido até pouco tempo atrás como um “país de jovens”. Será que o nosso país preparou-se para a realidade do envelhecimento?

A cultura narcísica e espetacular atribui à velhice uma conotação de déficit, desgaste e perda, reservando, por outro lado, à juventude o benefício e a aquisição. Sobre esse assunto, Amparo Caridade trouxe-nos em seu artigo “Somos nossa História” (2004), algumas considerações interessantes:

A Sociedade do Espetáculo, com a qual convivemos, não chama a atenção para o brilho que vem de dentro das pessoas maduras, enfoca, ao contrário, a falta de brilho da pele, os sinais da aparência modificada pelo tempo, o corpo marcado pelo peso dos anos vividos. Nessa sociedade, não aprendemos a ver a beleza nas marcas que o tempo inscreve em nosso corpo.<sup>16</sup>

Diante do exposto, pode-se interrogar: O mito da juventude permanente é garantia de suprema satisfação e realização? Seria o estágio da velhice uma situação tão ameaçadora e apavorante a ponto de dever ser rejeitada? Afinal, vivemos numa época que condena o natural processo de envelhecimento e, nesta perspectiva, os idosos não podem ser olhados como padrão de beleza.

Quando sugere ou vende produtos e serviços para retardar o envelhecimento, estaria o mercado publicitário, veladamente ou explicitamente, reforçando o repúdio e temor ao envelhecer? E os direitos que dignificam os idosos? Por ventura, a acumulação de experiências passadas, as contribuições produtivas perdem a importância já que prevalece o fascínio de imagens jovens sedutoras? Seria isso a expressão da intolerância do angustiante contato com a consciência da própria finitude?

---

<sup>16</sup> CARIDADE, Amparo. **Caminhos e Caminhantes**. Recife: Bagaço, 2004, p. 142.

Numa sociedade em que se procura desesperadamente perpetuar a juventude, tentando prolongar indefinidamente a vida, estaríamos fazendo uma denegação da morte? A recorrência aos procedimentos para evitar a velhice seria uma forma de minimizar a angústia face à inexorabilidade da morte?

Todas essas indagações aproximam-nos das reflexões da psicanalista Isabel Marin em seu livro “Violências” (2002), quando afirma que se vive, na atualidade, a obsessão pela imagem perfeita – de corpo e alma. Nesse sentido, destaca a autora que a proliferação das “academias”, das terapias corporais, dos métodos de rejuvenescimento, das medicações para potência sexual, vêm ao encontro de um modelo de sociedade, na qual a passagem do tempo – as marcas do envelhecimento e, conseqüentemente, da morte – pode desaparecer.<sup>17</sup>

Não é nosso propósito nesta dissertação discutir as razões dos sujeitos que recorrem à indústria estética buscando nela a felicidade, o bem-estar e integração num espaço social que lhes exige submissão quase escravagista à ideologia do “corpo escultural”, modelado segundo as agências de controle do mercado e consumo; mas refletir qual seria o lugar dos idosos que também estão expostos ao tribunal do julgamento social e o modo como estão se inserindo nesse cenário cultural. A velhice seria, portanto, um espelho em que Narciso não se reconhece.

Retomemos, a propósito, a seguinte questão: a inclusão do mito da juventude eterna é uma das mais sedutoras formas de convencimento estratégico da publicidade e propaganda que, sob estas circunstâncias, fazem parte de uma mesma engrenagem e se destinam a atrair os sentidos e a trabalhar os desejos dos consumidores inseridos no reino encantado e hedonista.

---

<sup>17</sup> MARIN, Isabel da Silva Khan. **Violências**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2002, p. 52-54.

O fascínio pela celebridade se realiza sob a forma de um tipo de aprovação que aplaude e admira não as atitudes morais do sujeito, mas sim, os atributos pessoais e, especialmente, a imagem que atualmente, é suficiente para garantir o sentimento de identidade do sujeito.

Reporto-me novamente à Maria Rita Kehl (2002) quando pontua que face ao poder da mídia com suas excitações sensoriais, a constituição das subjetividades estaria ficando cada vez mais reduzida à dimensão imagética, produzindo assim, conseqüências psíquicas, pois, as formações imaginárias se organizam em torno do eu narcísico, das identificações e das demandas de amor e reconhecimento, o existir por intermédio da imagem torna insuportável qualquer forma de exclusão. Se eu não sou visto, eu não sou.<sup>18</sup> Ou seja, recorre-se ao semblante corporal como critério identitário.

Jurandir Freire Costa (2004) propõe que referir o sentimento de identidade pessoal significa dizer, na atualidade, que somos o que aparentamos ser, “o corpo passa a servir como vitrine compulsória”. Portanto, a marca identitária e os atributos físicos corporais tendem a ser uma só e mesma coisa. E, mais adiante diz: “a cultura somática finalizou o assédio ao fazer do corpo espelho da alma”.

O cuidado de si, antes voltado para o desenvolvimento da alma, dos sentimentos ou das qualidades morais, dirige-se agora para a longevidade, a saúde, a beleza e a boa forma. Inventou-se um novo modelo de identidade, a *bio-identidade*, e uma nova forma de preocupação consigo, a *bioascese*, nos quais a *fitness* é a suprema virtude. Ser jovem, saudável, longo e atento à forma física tornou-se a regra científica que aprova ou condena outras aspirações à felicidade.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> KEHL, Maria Rita. **Sobre Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 25.

<sup>19</sup> COSTA, Jurandir Freire. **O Vestígio e a Aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 190.

A necessidade de projeção da imagem num mundo de aparências configura o cenário característico ao que Debord atribuiu a denominação de “reino do espetáculo”, alicerçado no êxtase das encenações. É também sustentado na produção de bens, mercadorias e de representações: A raiz do espetáculo está no terreno da economia que se tornou abundante, e daí vêm os frutos que tendem afinal a dominar o mercado espetacular.<sup>20</sup>

Num artigo intitulado “A Sedução Totalitária” (1988), Calligaris toma como referencial teórico as idéias propostas por Marx sobre o capitalismo, buscando a compreensão de como o fator econômico promove implicações e repercute diretamente nos modos contemporâneos de construção da subjetividade.

Marx afirma que uma sociedade capitalista pode ser definida como aquela em que o acúmulo de mercadorias é preponderante, o que remete à própria circulação de bens e objetos, investimentos por parte dos sujeitos em ideais particulares do consumo como fonte de identidade.

Tal análise põe em evidência a forma pela qual os indivíduos passam a assumir o lugar dos próprios objetos de consumo, nas relações efêmeras, mutuamente estabelecidas. Se esse movimento de consumo é que determina os novos referenciais identificatórios, então, Calligaris propõe que “com efeito, o capitalismo institui a passagem de uma sociedade, digamos assim, com valores do lado do ser para uma sociedade onde o valor está do lado do ter”.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 11.

<sup>21</sup> CALLIGARIS, Contardo. **A Sedução Totalitária**, In: ARAGÃO, Luiz (org). **Clínica do Social: Ensaios**. 1ª. São Paulo: Escuta, 1991, p. 117.

Na sociedade do espetáculo, consagra-se o “reino das aparências”, provocando, conseqüentemente, o paulatino deslocamento do ser para o ter e, sucessivamente, para o parecer.

A lei do mercado impõe que o importante é o potencial de compra e venda de produtos. A mercantilização era a base principal que fundamentava a sociedade capitalista, a qual segundo Marx, aparece como uma “imensa coleção de mercadorias”. Debord, baseando-se nas idéias marxistas, propôs que a sociedade moderna capitalista marcada pelo intercâmbio de mercadorias degenerou-se a ponto de fazer da imagem, também uma mercadoria, estabelecendo, desse modo, o culto à celebridade. Os indivíduos inseridos neste espetáculo passariam, então, a consumir imagens, de forma passiva.

Assim, na concepção de Debord, a sociedade do consumo é, por excelência, uma sociedade do espetáculo, na qual impera não somente a supremacia da imagem em detrimento de qualquer outro modo de comunicação, mas, também, a alienação do sujeito decorrente da submissão à mídia, pautada pelos imperativos da publicidade.

A acumulação de capital era um dispositivo de sustentação das sociedades de produção do século XIX e, neste sentido, a mercadoria tornou-se um fetiche. A indústria do consumo tornar-se-ia o alicerce das relações humanas impregnadas pelas permutas mercantis, motivo pelo qual as experiências existenciais transformar-se-iam em representação. O espetáculo se caracterizaria pela relação social entre os indivíduos mediatizada por imagens.



Debord (1997), parafraseando Marx, salienta: toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação.<sup>22</sup> É a este fenômeno que o autor chama de “espetáculo”, o qual instaura-se quando o fluxo contínuo de mercadorias ocupa totalmente a vida da sociedade e, portanto, numa economia mercantil-espetacular, a produção alienada associa-se ao consumo alienante.

O sujeito frente à máquina capitalista e ao universo do lucro, tornou-se o objeto, consumidor de ilusões. A felicidade, neste contexto, seria equivalente ao consumismo caracterizando, assim, o reino narcísico do objeto como uma forma de espelho para o sujeito. Em seu livro “A Sociedade do Espetáculo” (1997), Debord apresentou diversas características para definir o que seria esse reino espetacular:

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens [...]. Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares - informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos -, o espetáculo constitui o *modelo* atual da vida dominante na sociedade.<sup>23</sup>

A noção de espetáculo também está estreitamente articulada à de teatro, havendo assim, a inserção e inscrição de atores enquanto personagens na cena cultural. Tratar-se-ia, antes de tudo, de máscaras, mediante as quais as *personas*

---

<sup>22</sup> Ibid. p. 13.

<sup>23</sup> Ibid. p. 14.

se inscrevem e desfilam no cenário social, como escreve Joel Birman (2001). A lógica das aparências se instaura sob a desconfiança de que todos são forçados a viver estrategicamente e sedutoramente para entrar no “palco”.

Os apelos publicitários induzem ao exibicionismo e à teatralidade da autoimagem como um grandioso projeto. Os sujeitos são destinados ao palco das representações, sendo o tema central da peça em cartaz, a adoração de si mesmo e o pedido constante da aprovação dos outros.

Os sujeitos-atores, integrantes da cena espetacular, exibem-se com glamour, valorizando exacerbadamente a demanda do desempenho e da performance que regulam a estetização do eu, transformada na finalidade de sua existência.

A exigência de transformar a vida numa obra de arte evidencia o narcisismo que o indivíduo deve cultivar na sociedade do espetáculo. Institui-se a hegemonia da aparência que funciona como critério fundamental do ser. A imagem de si mesmo é cultuada, tal como fazem os artistas quando criam objetos de arte para apreciação estética.

Exalta-se a imagem enquanto um dispositivo privilegiado para exercer um controle nos modos de ser, pensar, agir e sentir do sujeito. Desta maneira, é mediante a acumulação de espetáculos que a realidade privada e íntima, torna-se socialmente conhecida, divulgada e devastada, sobretudo, pela mídia, como bem nota Joel Birman quando nos adverte que:

Sem esta o espetáculo se esvazia, perdendo seu colorido retumbante e o poder da captura do outro. Tanto pelas vias da

televisão quanto da informática e do jornalismo escrito, a cena pública se desenha sempre pelas imagens.<sup>24</sup>

#### 1.4. O papel dos meios de comunicação de massa

Poder-se-ia dizer que os meios de comunicação de massa difundem-se em termos de consumo. Cabe ao sujeito adquirir determinado produto, realizando assim, de imediato, seus sonhos. Isto tem um efeito altamente nocivo, haja vista que a publicidade em sua dimensão espetaculosa e sensacionalista é, de certo modo, enganosa, apela para a nossa fantasia de termos acesso ao “paraíso” prometido, ou seja, aos padrões corpóreos narcísicos impostos.

Experimenta-se como sendo quase da ordem do insuportável, o adiamento da satisfação que seria alcançada ao se atingir uma meta idealizada. A exigência é alcançar, “ontem”, a imagem corporal incessantemente desejada. Não se reconhece mais a dor e a frustração como constitutivos das configurações psíquicas.

Percebe-se, portanto, que o imediatismo enquanto valor permeia vários aspectos da cultura, constituindo uma qualidade essencial a qualquer objeto ou bem material a ser consumido.

É principalmente através dos meios de comunicação de massa em que se veicula a satisfação imediata e, sobretudo, é com o privilégio da televisão que esse imediatismo se difunde, consolidando-se como valor. No império sedutor da

---

<sup>24</sup> BIRMAN, Joel. **Mal-Estar na Atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 188.

mídia publicitária é que se divulgam, explicitamente, por meio de propagandas com apelo ao erotismo, linguagem comercial, técnicas de marketing e conteúdos das notícias veiculadas, que a melhor qualidade de um produto traduz-se por sua rápida e contínua eficácia. Na obra “Violência e Psicanálise” (1986), Jurandir Freire Costa observa que:

O narciso de nossa época tornou-se intransigente e tirânico em relação a tudo e a todos que porventura possam opor-se à gratificação imediata de seus desejos [...]. A felicidade que lhe cabe é a felicidade desidratada do consumo, orquestrada pela propaganda das mercadorias.<sup>25</sup>

Lasch já havia postulado que a mídia “intensifica os sonhos narcisistas de fama e glória”. Faz-se necessário, portanto, criar uma imagem de si como vencedor para se sobressair, irradiar brilho, carisma e juntar-se aos célebres.

Os espectadores seduzidos por esse cenário imaginário e pelo discurso publicitário, bem como aprisionados ao registro imagético são poupados do ato de pensar, processar as informações, ficando, portanto, acomodados sem fazer qualquer julgamento sobre como isso repercute em suas vidas.

O retrato do mundo em pequenos flashes é com facilidade assimilado e introjetado, ficando assim, minimizada a possibilidade de apropriação crítica e seletiva das mensagens que se revestem de tamanha magnitude: tudo se torna maravilhoso, sedutor, triunfante, consumível e prazeroso. Conforme descreve Da Poian (2001), trata-se da “repetição mimética dos modelos propostos pela mídia,

---

<sup>25</sup> COSTA, Jurandir Freire. **Violência e Psicanálise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986, p. 144.

em que a publicidade controla o poder de decisão do indivíduo fazendo-o consumir o que a indústria precisa vender”.<sup>26</sup>

Ambas mídia e propaganda ao venderem ilusões e mistificações se empenham em fragmentar o raciocínio lógico e destruir a noção de historicidade, na negação do passado ligado ao futuro. Tudo é regido por demandas artificialmente criadas e a lógica vigente é a da permanência do poder que usa de todos os artifícios para se perpetuar. É no âmbito dessa trama imagética de fascinação que o eu encontra-se capturado.

O papel desempenhado pelos meios de comunicação, em especial, a televisão que possui impressionante força pedagógica e linguagem penetrante, tornou-se o veículo mais influente quando se trata de impor padrões estéticos e influenciar a opinião da massa, repercutindo diretamente na configuração da subjetividade contemporânea, sendo, portanto, uma fonte de modelos identificatórios. Simular por imagens e palavras ofertadas de sedução é ofício da Tv, o que significa apagar a diferença entre real e imaginário, ser e aparência.

A publicidade televisiva está inserida num universo fascinante. O reino da fantasia dá ao corpo a primazia da conquista do sentimento de felicidade plena, aqui e agora. A televisão é um precioso canal de comunicação para difusão de imagens publicitárias com alcance incomensurável.

O corpo no universo publicitário é convidado à exibição, ao destaque e à inveja alheia. Ao analisar o mundo das mercadorias e os efeitos psicológicos do consumismo, Christopher Lasch (1986) argumentou que o indivíduo-consumidor aprende não somente a “avaliar-se face aos outros”, mas também, “a ver a si

---

<sup>26</sup> Ibid. p.14.

próprio através dos olhos alheios”. A publicidade e a propaganda fabricam o seu próprio produto que seria o consumidor permanentemente insatisfeito, ansioso e entediado, isto para que o consumismo se afirme como o verdadeiro modo de vida nas sociedades capitalistas.

É na discussão da estética do corpo onde se instala o narcisismo. O próprio corpo tomado como performance é que dita a inserção social e, neste sentido, a meta é a sujeição aos ditames do “modelo ideal” e da “bela forma física”.

Em linhas gerais, a mídia escrita (jornais, revistas) também está acompanhando essa tendência da televisão, ambas pertencentes ao mundo dos simulacros, na proporção em que recorre, cada vez mais, ao uso de imagens para vender produtos e estimular serviços.

Ora, se na contemporaneidade prevalece a lógica do impacto das informações transmitidas, sobretudo, pela profusão imensa de imagens, com apreensão rápida, globalizante e panorâmica, isto acarreta, como consequência, a transformação da existência humana e do mundo numa simples aparência e, de acordo com as postulações de Debord, em “verdadeiras acumulações de espetáculos”.

Com a utilização dos meios de comunicação de massa como principal veículo de reprodução da sociedade de consumo, os ideais de subjetividade passaram a ser o maior produto a ser consumido. Joel Birman nos lembra:

Toda esta construção, colorida pelos ouropéis do artifício, é mediada pelo universo da imagem. Esta é sempre a personagem principal, valorizada e inscrita nos roteiros performáticos da pós-modernidade. A imagem é, pois, condição *sine qua non* para o espetáculo na cena social e para a captação narcísica do outro. A imagem é a condição de possibilidade da sedução e do fascínio

sem a qual o ideal de captura do outro não pode jamais se realizar nesse festim diabólico de exibicionismo.<sup>27</sup>

A imagem também é fonte de transmissão de conhecimentos capaz de se adequar à demanda de rapidez e imediatismo. É nesse grandioso espetáculo que a vida fica pobre de sentido, haja vista os indivíduos serem obrigados a contemplar e consumir de forma passiva imagens do que lhes falta na vida real.

À medida que os sujeitos consomem a super abundância das imagens, além do fato de estarem imersos nessa imensa acumulação de espetáculos, passam, então, a ficar alienados de seus próprios desejos. Para Debord, a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente [...]. O espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana – isto é, social – como simples aparência.<sup>28</sup>

A mídia, nesse contexto espetacular, torna-se imperiosa e impositiva pela supremacia e sedução das imagens, em detrimento de qualquer atividade elaborativa ou motivacional, sendo isto, por excelência, alienante. Desliza-se, então, gradativamente do ser para o ter e, atualmente, ocorreu a passagem para o parecer, remetendo-nos, pois, mais uma vez às reflexões de Birman (2001):

Na cultura do espetáculo, o que se destaca para o indivíduo é a exigência infinita da *performance*, que submete todas as ações daquele. De novo aqui se confunde o ser com o parecer, de maneira que o aparecimento ruidoso do indivíduo faz acreditar no seu poder e fascínio. Nessa performance, marcada pelo narcisismo funesto em seus menores detalhes, o que importa é que o eu seja glorificado, em extensão e intenção. Com isso, o eu

---

<sup>27</sup> Ibid. p. 188.

<sup>28</sup> Ibid. p. 15-16.

se transforma numa majestade permanente, iluminado que é o tempo todo no palco da cena social.<sup>29</sup>

A cultura narcísica e do espetáculo subvertem as hierarquias entre falso e verdadeiro, cópia e original, público e privado, simulacro e real. A economia narcísica da individualidade é tão valorizada que, em decorrência disso, o indivíduo autocentrado perde em interioridade, transformando-se em máscara para a exterioridade, para as exposições fascinantes, como também para a captura dessas imagens através do olhar do outro. Vive-se na superfície, ignora-se a profundidade. Neste contexto, Birman observa que a idéia de intimidade tende ao esquecimento no universo espetacular.

Configura-se, portanto, uma cena social na qual há um intercâmbio de relações especulares. Como diria Lacan, o eu no espelho aliena-se na sua própria imagem. No processo de modelagem subjetiva pela via da fascinação, tende-se a suprimir a dimensão da singularidade do sujeito. O narcisista passaria, então, a estabelecer uma nova relação com o outro, na qual o eu fixa seu olhar no outro de si mesmo.

Essas reflexões remetem-nos ao que lembra Jurandir Freire no artigo: “Considerações sobre o corpo em Psicanálise” (2004): O corpo físico volta a ser julgado como causa real da ferida narcísica, mostrando a compulsão do eu para causar o desejo do outro por si mesmo, mediante a idealização da própria imagem.<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> Ibid. p. 168.

<sup>30</sup> COSTA, Jurandir Freire. **O Vestígio e a Aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 77.



Em “Crônicas do Individualismo Cotidiano” (1996), Calligaris se empenhou em fazer uma análise da cultura ocidental moderna, a qual funda-se sobre a noção de individualização como traço dominante. Daí ele ter observado que:

O indivíduo autônomo de nossos tempos não coincide com um conjunto preestabelecido de obrigações simbólicas, por isso ele é obrigatoriamente narcísico: sua consistência subjetiva, em princípio, não é o peso da herança recebida, mas o fruto de suas contínuas tentativas de se manter desejável aos olhos dos outros.  
<sup>31</sup>

O eu privatizado e grandioso, apesar de sua ilusão de onipotência, torna-se dependente dos semelhantes para legitimar sua própria auto-estima. “Ele não consegue viver sem uma audiência que o admire”, diz Lasch, caracterizando assim, uma nova estrutura de sociabilidade alicerçada num registro especular. O sujeito narcísico percebe o mundo como um espelho, passando a relacionar-se com os outros através das atenções refletidas em si mesmo. “É que Narciso acha feio, tudo o que não é espelho”, canta Caetano Veloso.

A exaltação desmesurada do eu, o culto à auto-imagem, esvazia o sentido de historicidade e o senso de realidade. A tendência é a supressão do tempo processual. Submerso pela oferta de mercadorias, o sujeito contemporâneo restrito ao pólo narcísico de seu ser, desliga-se do compromisso social, banaliza ideais coletivos, não se preocupa com os desejos e sentimentos alheios, nem valoriza os princípios norteadores da alteridade: troca, acolhimento, respeito e solidariedade.

---

<sup>31</sup> Ibid. p. 43.

De conformidade com essas referências sobre a cultura do narcisismo, Birman (1997), destaca: as idéias ligadas aos laços sociais e inter-humanos perdem substância e volume, se esmaecendo e sendo silenciadas progressivamente.<sup>32</sup>

O individualismo, levado ao extremo, provoca a destituição de valores nas relações afetivas humanas, o desrespeito aos princípios éticos, morais e o paulatino abandono da responsabilidade comum pela vida e sobrevivência dos outros. De acordo com Jurandir Freire Costa, no artigo “O Humanismo Ameaçado” (1999), o interesse por si monopolizado pelos cuidados com o corpo, vem desgastando progressivamente a importância emocional atribuída ao outro humano próximo ou distante.

O cuidado de si excessivo faz com que o sujeito se transforme em objeto para ser admirado pelo outro. O sujeito narcisista, regulado pela performatividade, na tentativa de enaltecer o próprio eu, não hesita em tomar o outro como um mero instrumento para extração de gozo, prazer e usufruto. Ou, como diria Joel Birman em “Mal-Estar na Atualidade” (2001): O outro lhe serve apenas como instrumento para incremento da auto-imagem, podendo ser eliminado como um dejetivo quando não mais servir para essa função abjeta.<sup>33</sup>

Na leitura do referido autor, o outro não é aceito em sua radical diferença, nem reconhecido em sua singularidade, mas sim, usado e manipulado vorazmente como marionete numa “ação predatória”, que está a serviço de sua própria satisfação narcísica. Trata-se de uma coisificação. Esse outro é, portanto, objeto

---

<sup>32</sup> BIRMAN, Joel. **Estilo e Modernidade em Psicanálise**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 228-229.

<sup>33</sup> Ibid. p. 25.

descartável após o esgotamento da cota de prazer desejada, ou seja, quando não mais servir para enaltecer o próprio eu.

A manipulação do outro se constitui como técnica de existência, cujo objetivo é a expansão desenfreada da inflação e exaltação do próprio eu. O exercício predatório contínuo do outro, reduzindo-o a um simples fetiche é o ponto de convergência dessa forma vazia de existir na engrenagem teatral.

Lasch (1983) observou que a contração do eu nesse “mínimo eu”, segundo sua terminologia, dar-se-ia face à desvalorização e o rompimento dos laços com as tradições do passado, sendo esta uma das características mais importantes da cultura do narcisismo. Resume-se na ênfase do aqui e agora – “hedonismo”, de um tempo pontual.

Instaura-se, pois, uma descrença e pessimismo quanto à perspectiva de futuro. Se o passado não serve como guia para o presente, logo, o futuro torna-se imprevisível. Esvai-se, portanto, a noção de temporalidade e história. O desespero de uma sociedade sem herança, que não consegue pensar na possibilidade de enfrentar as futuras gerações fez o autor dizer que:

Faz sentido vivermos somente para o momento, fixarmos os olhos em nossos próprios “desempenhos particulares”, tornarmo-nos peritos em nossa própria decadência, cultivarmos uma “auto-atenção transcendental”.<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> LASCH, Christopher. **A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983, p. 26.

Jurandir Freire Costa, apoiando-se nas propostas de Lasch quanto ao contexto de despreocupação com a posteridade, ou melhor, o enfraquecimento da idéia de continuidade e sentido de tempo histórico, sublinhou o seguinte: é o reinado do “mínimo eu” apolítico e hiperpsicológico; dos sujeitos que contentam-se apenas em olhar para si ou, no máximo, para o *petit comité* encarregado de satisfazer suas necessidades.<sup>35</sup>

O autor quando nos diz que o traço fundamental característico da cultura narcísica e do espetáculo é o superinvestimento afetivo da imagem de si, sendo o corpo, critério de identidade, ou seja, a intensa preocupação e ênfase dada à forma corpórea, transcende essas reflexões à medida que forjou o termo “estultícia” para designar “a inércia em cuidar de si próprio”, isto é, a incompetência para o exercício da vontade nos domínios do corpo e da mente.

Hoje, a figura, por excelência, do desvio é a estultícia. Criamos um código axiológico no qual os melhores, os “normais”, os aprovados, são os que dão mostras da “vontade forte”. No pólo oposto, estão os fracos, os piores, os “estultos” [...]. O estulto, agora, nos ameaça com o mau exemplo da “fraqueza de vontade”. A estultice é o correlato desviante da personalidade somática de nosso tempo. Em oposição à personalidade narcísica de Lasch, a personalidade somática tem na imagem social do corpo o suporte, por excelência, do caráter ou da identidade. (COSTA, 2004, p. 195)<sup>36</sup>

O estulto é, portanto, o desviante, aquele que por movimento próprio dirige-se no sentido contrário às doutrinas e aos preceitos da qualidade de vida,

---

<sup>35</sup> COSTA, Jurandir Freire. **A Ética e o Espelho da Cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 96.

<sup>36</sup> Ibid, p. 195. A palavra “stultitia” no latim significa: loucura, tolice, desatino, estupidez. Jurandir a emprega para designar a contrapartida desviante da personalidade somática de nosso mundo contemporâneo.

passando, então, a ser percebido como antinorma da bio-identidade estabelecida e socialmente aprovada.

A título de ilustração, Jurandir Freire propôs uma classificação das personalidades denominadas estultícias em cinco tipos, segundo o grau ou a natureza do desvio: a) *dependentes ou adictos*; b) *desregulados* (bulímicos, anoréxicos); c) *inibidos* (distímicos, apáticos, não assertivos, “não-assumidos”); d) *estressados*; e) *deformados*. Neste último grupo, os estultos seriam aqueles que não se adequam ao padrão da boa aparência corporal: obesos, sedentários, tabagistas, não siliconados, não-lipoaspirados, manchados de pele; envelhecidos precocemente, etc. A propósito diz: são os “perdedores”, os que ficam para trás na maratona da *fitness*.<sup>37</sup>

Impõe-se, portanto, aos indivíduos que não correspondem ao modelo estético corporal “perfeito”, uma profunda e insuportável sensação de mal-estar, ou seja, quando se fica perplexo ao deparar-se com a impossibilidade de corresponder às expectativas exigidas pela padronização. Os sujeitos são instados a se reprovarem emocionalmente pelo desvio e isso produz efeitos altamente danosos e negativos nas subjetividades. Há um sentimento persecutório da vulnerabilidade ao olhar do outro.

Suponhamos, então, seguindo a linha do pensamento do autor que os idosos não têm um “lugar” nessa cultura somática, sendo, portanto, considerados estultos, desviantes, pela sociedade do consumo e do espetáculo.

---

<sup>37</sup> Ibid, p.195-196.

De acordo com essas colocações, pode-se perguntar: Se a inquietude e o incômodo vinculados diretamente à imagem corpórea, emergem quando houver, de algum modo, a deterioração da forma física, como se sentem os idosos?

Existem inexoravelmente transformações que se inscrevem no corpo do sujeito em processo de envelhecimento. No entanto, mesmo sendo da ordem do inexorável, o ideal seria não uma tentativa de ocultação ou fuga, mas vivenciar o envelhecer da melhor maneira possível. Afinal, as qualidades interiores: inteligência, dignidade, benevolência, saber escutar o outro, capacidade de compreensão, ternura, doação, tendem a se aprimorar e a sobressair; afirmando-se sobre as físicas.

Explicitemos melhor o que foi dito. O inevitável desgaste físico – pele enrugada, o corpo menos ereto, cabelos esbranquiçados, falta de rigidez e firmeza na pele serão, pois, compensados pelo brilho interno de cada sujeito, por isso, não se faz necessário submeter-se constantemente às intervenções cirúrgicas, maquiagem exagerada, tratamentos estéticos excessivos, uso de roupas e acessórios extravagantes e sim, aceitar o avançar da idade e todas as suas repercussões, sejam elas físicas, psíquicas, emocionais ou culturais, não se resignando a padrões convencionados, estereótipos ou preconceitos sociais. Dizendo de outra forma, é acolher aquilo que é irremediável, inexorável, mas sem a ele se escravizar.

Não somos somente aparência, somos resultado de nossas experiências, de nossa própria história, construída no decorrer dos anos, a qual não pode ser negligenciada. A beleza, elegância e vitalidade são possíveis em todos os estágios da vida. E ainda, podemos ser felizes aos 70, 80 ou 90, fortalecendo

laços familiares, amorosos, de amizade, investindo em projetos, interesses, com abertura para as possibilidades e desejos, isto é, curtindo os prazeres das coisas agradáveis e, sobretudo, amando a vida intensamente.

O preconceito fundamental de nossa época é: a juventude é boa, bela, com direito de ousar, renovar, curtir e de ter um lugar, enquanto que a velhice é um castigo, uma maldição, fase do surgimento de doenças crônico-degenerativas, é sem graça.

A sociedade necessita superar a visão negativa de enclausurar os velhos num processo de deterioração e declínio, rumo à morte. Esse é um fantasma de aniquilamento, destrutivo que se alia ao pavor do envelhecer e se alimenta do temor de morrer, o qual cresce consideravelmente quando o vazio interior lhe concede um imensurável espaço.

Envelhecer significa, de modo geral, crescimento, maturidade e não mutilação, paralisia. É algo processual, em curso com plena vigência e força. Viver é tecer naturalmente a trama da existência e, nesse contexto, cada fase do desenvolvimento é marcada com seus encantos e limitações, perdas e ganhos, riquezas e privações.

A idéia que ora persigo é a de que precisamos superar essa cultura hedonista do prazer imediato, do consumo voraz, do estar sempre na moda, por cima, do agitar e curtir sem parar um só momento. É de crucial importância também a reclusão, o entrar em contato com nossa interioridade, pois esse recolhimento possibilita uma melhor compreensão de si mesmo e do mundo circundante.

Considera-se, portanto, que há, sim, um lugar para os idosos no mundo contemporâneo, independentemente da beleza, aparência corpórea ou idade cronológica.

As rugas e dobras do rosto  
são as inscrições deixadas  
pelas grandes paixões,  
pelos vícios,  
pelas intuições que nos falaram.

Walter Benjamin

O corpo embora se transforme fisicamente, tem uma memória, um registro de histórias no horizonte da temporalidade. O sujeito idoso tem uma história biopsicossocial construída através de uma sucessão ininterrupta das experiências vividas durante toda a sua existência.

O que passou não conta?;  
indagarão as bocas desprovidas.  
Não deixa de valer nunca.  
O que passou ensina  
com sua garra e seu mel.

Thiago de Mello

O presente trabalho visa trazer à luz a possibilidade de se lançar um novo olhar para os sujeitos que estão envelhecendo radicado na busca de superação



das condições preconceituosas e estigmatizadas às quais os nossos velhos estão sendo submetidos. A meta é redimensionar a velhice no mundo contemporâneo, transformando-a no objeto de um olhar com abertura para novos sentidos, significações e compromissos éticos.

O próximo passo consistirá em discernir os termos processo de envelhecimento e velhice, que são de forma errônea utilizados como sinônimos. Isto é o que tratarei no capítulo a seguir.

## ***CAPÍTULO II***

### **O SUJEITO EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E A VELHICE**

---

---

#### **“JUVENTUDE TRANSITÓRIA”**

**Não menospreze oh! jovem, a velhice,  
usufrua da sua convivência,  
nos mais velhos reside a experiência  
muitas vezes, no jovem, a criancice.**

**Há na maturidade a prudência,  
cuidados para não fazer tolice  
e há na mocidade a inteligência  
da busca do servir e bem servir-se,**

**Se hoje em dia um homem cinqüentão  
é quase tido como um ancião,  
pelo que julga a mocidade inglória,**

**Eu proclamo sereno esta assertiva:  
“A minha velhice é definitiva,  
a sua juventude é transitória”.**

**CAVALCANTI, CARLOS <sup>38</sup>**

---

<sup>38</sup> CAVALCANTI, Carlos Severiano. *Caminhos Da Vida*. Recife: Bagaço, 1997.

## CAPÍTULO II

### O SUJEITO EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E A VELHICE

*“A juventude é o momento de estudar a sabedoria; a velhice é o momento de praticá-la”.*

**Jean-Jacques Rousseau (1712-1778)**

Pretendo sublinhar inicialmente que está em destaque, na atualidade, a queda nos níveis de natalidade e mortalidade, provocando o aumento progressivo da longevidade no Ocidente. Estes são os principais fatores para o crescente envelhecimento populacional brasileiro, que adquiriu, com efeito, uma maior visibilidade social, configurando, portanto, um grande desafio que a sociedade brasileira contemporânea terá de enfrentar neste novo século, com todas as repercussões contundentes.

Em virtude desta transição demográfica acelerada que foi se incrementando nas últimas décadas, a problemática do envelhecer e da velhice passou a ser um tema relevante e de extrema significância; de forma a exigir uma modalidade de interesse e preocupação sociais até então inexistentes em nossa tradição cultural.

Nas sociedades tradicionais, os idosos tinham uma aura simbólica que os envolviam. Ocupavam um lugar de referência, respeito e suas produções, histórias, fazeres e dizeres eram extremamente valorizados. Eram eles os

representantes da sabedoria e das experiências vividas a serem transmitidas às futuras gerações.

A questão crucial que se impõe, hoje, é lançar um olhar para esse segmento da população pouco valorizado, retirando-o do limbo do esquecimento em que foi lançado durante tantos anos. Dito de outro modo, estamos pressupondo que a figura do sujeito idoso, na contemporaneidade, perdeu seu valor social e simbólico positivos, passando a ocupar um lugar marginalizado e carregado de estigmas, estereótipos e preconceitos. O velho, hoje, já não é mais reconhecido simbolicamente como um dos agentes fundamentais de transmissão dos valores ancestrais e da memória coletiva.

Nossa idéia é atribuir um lugar social e cultural à velhice, sob signos positivos de inclusão e significação. Esboça-se com isso, a possibilidade de reconhecimento do idoso enquanto sujeito em constante e sempre inacabado processo de transformação e subjetivação, além de ter o direito à dignidade e ao exercício pleno de sua cidadania.

## **2.1. O Envelhecimento como processo**

Delineado esse panorama, é fundamental ressaltar que comumente só consideramos o envelhecer às pessoas de idade mais avançada. Convém enunciar que o envelhecimento não diz respeito apenas aos velhos, mas sim, trata-se de um processo inevitável, irreversível e contínuo de mudanças físicas,

psíquicas e sociais que se inscreve no horizonte da temporalidade. Inicia-se com o nascimento e culmina com a morte do indivíduo.

Nesse sentido, envelhecemos desde o dia em que fomos concebidos, sendo, portanto, o envelhecimento um processo que percorre toda a nossa vida, logo, o ser humano envelhece enquanto vive. Desta maneira, o envelhecimento não é estático, mas processual, concerne a todos os sujeitos, independentemente de qualquer idade cronológica.

É por esta razão, que o propósito deste capítulo é fazer uma breve análise dessas noções: envelhecimento e velhice, freqüentemente confundidas e utilizadas indevidamente, quando empregadas como se fossem equivalentes. Esta confusão de termos, conforme afirma Jack Messy (1999) fortalece uma ilusão de salvação em que, pretensamente, só os velhos envelhecem.<sup>39</sup>

Somos inconscientemente levados a rejeitar e a ignorar a velhice, não atribuindo-lhe um lugar de destaque em nossas reflexões, mantendo a morte à distância. Dominam, aliás, em nossa sociedade contemporânea, o mito da beleza e a exaltação da eterna juventude.

A equivocada utilização desses dois termos como sinônimos, seria uma forma de negação da existência do processo inexorável do envelhecer concernente a todos os sujeitos? O repúdio e a perplexidade ao deparar-se com o envelhecimento denunciam, de algum modo, a angústia ante o sentimento de finitude que se instala inexoravelmente? Será que o pavor e o medo de se

---

<sup>39</sup> MESSY, J. **A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice**. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: ALEPH, 1999, p. 17.

defrontar radicalmente com a morte se estendeu à rejeição ao envelhecimento e à velhice?

O próprio Freud escreveu a Lou Andreas-Salomé, em 16 de maio de 1935: “A que grau de bondade e de humor não se tem que chegar para suportar o horror da velhice [...] Finalmente sei o que é sentir o frio...”.<sup>40</sup>

As concepções ilusórias de pensar que somente os velhos envelhecem, ou que o “velho é sempre o outro”, como escreve Simone de Beauvoir<sup>41</sup>, não seria uma forma de busca inconsciente da imortalidade? Segundo Freud, inconscientemente, cada um de nós está persuadido da própria imortalidade.<sup>42</sup> Não podemos ter uma representação de nossa própria morte, é um saber impossível e inimaginável.

Maud Mannoni (1995) lembra-nos: a condenação à morte está lá, presente, desde o nascimento. Acaba-se por esquecê-la.<sup>43</sup> Isto nos remete às postulações freudianas, quando em 1915, no texto “Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte”, diz que nossa própria morte, no inconsciente, não é representável. Se nosso inconsciente é inacessível à representação da morte própria, permanecemos, então, diante dela, como meros espectadores. A velhice significaria a aproximação imaginária do fim de nossa jornada no tempo, isto é, a premência do encontro com a morte.

---

<sup>40</sup> ANDREAS-SALOMÉ, L. Correspondance avec Sigmund Freud. Gallimard, 1970. p. 255. Carta de Freud de 16 de maio de 1935. Citado por MANNONI, M. **O Nomeável e o Inonimável: a última palavra da vida**. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 30.

<sup>41</sup> BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

<sup>42</sup> FREUD, S. Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte. In: **Ensaio de Psicanálise**. Payot, 1981, p. 26.

<sup>43</sup> MANNONI, M. **O Nomeável e o Inonimável: a última palavra da vida**. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 16.

Refletir sobre o sentido do envelhecimento e a conseqüente aproximação da velhice é evocar em nós mesmos, o temor da morte. No entanto, faz-se necessário enunciar que a velhice também nos remete à nossa historicidade, vivência da temporalidade, memória, ou seja, ao próprio processo de envelhecimento, podendo, então, ser considerada como uma fase, um momento da vida e não apenas a anti-câmara da morte. Já dizia a psicanalista Françoise Dolto: “morre-se, quando se termina de viver”. Envelhecer é, desse modo, um processo inerente à vida, com todo o seu ímpeto criador, constitutivo e produtivo.

Na língua francesa, a palavra “vieillessement” se inicia com “vie” que significa vida. Daí, o psicanalista francês Jack Messy sugerir que o envelhecer é a própria vida e, prossegue dizendo: O envelhecimento não é a velhice, como uma viagem não se reduz a uma etapa. Começa com o nascimento e acaba na destruição do indivíduo.<sup>44</sup>

O envelhecimento não é algo estanque, pelo contrário, é um processo dinâmico e contínuo de transformação - que vai acontecendo durante a vida do sujeito, situando-o em sua temporalidade. Estamos falando da ação do tempo sobre o indivíduo, que adere à história de sua vida, dentro de uma cultura e num determinado momento histórico.

Tal processo cíclico de mudanças varia de uma pessoa para outra, variações estas que sofrem influências tanto de fatores intrínsecos quanto extrínsecos. A partir desse ponto de vista, pode-se considerar que qualquer tentativa de generalização torna-se inviável, pelo simples fato de não existir um envelhecer e uma velhice idênticos para todos os indivíduos.

---

<sup>44</sup> Ibid. p. 17.

Procura-se, então, compreender o ser humano em sua singularidade, envelhecendo de modo absolutamente único e particular. Daí a sugestão de pensarmos em incontáveis formas de envelhecermos e inúmeras velhices.

É preciso perceber aquele sujeito singular que está envelhecendo e as pessoas de idade avançada, olhando-as em suas particularidades e dimensões humanas mais abrangentes e dinâmicas. Isso envolve tanto a dimensão individual da experiência temporal, quanto a social, no que concerne às relações estabelecidas com o meio.

Em nosso percurso existencial, passamos por uma sucessão de perdas e ganhos. Entretanto, a sociedade contemporânea de consumo tem a tendência de associar o envelhecimento às “perdas” múltiplas, dentre as quais, destacam-se: o declínio das funções biológicas e cognitivas; a diminuição da resistência e da força física para realização de atividades; a perda das insígnias e dos emblemas de beleza padronizados pelos moldes atuais - corpo jovem, esbelto; a perda da vitalidade e firmeza, do equilíbrio e vigor; a perda do status social e do prestígio devido ao afastamento do mercado de trabalho; perda da posição economicamente ativa decorrente da aposentadoria; perda dos entes queridos, de colegas, do contato mais próximo e diário com os filhos e da rapidez para executar tarefas, etc.

Todas essas perdas se impõem inevitavelmente com o passar da idade, exigindo, conseqüentemente, do indivíduo que envelhece, a elaboração de um verdadeiro trabalho de luto contínuo. A confrontação com essas perdas narcísicas dolorosas implica em metaforizá-las e ressignificá-las, transformando as frustrações em novas possibilidades criativas realizadas pelo trabalho da



sublimação. Cabe ao sujeito a ressignificação do seu projeto existencial e nas relações com seus limites e impasses, delinear novos contornos. Para isso, é necessário um horizonte de futuro.

A vulnerabilidade às doenças crônicas, a própria vivência da finitude e a inevitabilidade da morte como algo intransponível e intransferível também são característicos do “entardecer da vida”. É incontestável que para os idosos, a morte como limite da vida humana se apresente como possibilidade real de forma mais tangível. A velhice é a fase da existência que mais está próxima deste horizonte.

Por tudo isso pode o termo envelhecimento ser concebido em sua face negativa, depressiva, deficitária e de desvalorização, evocando sempre a idéia de desgaste, enfraquecimento e declínio. Pode-se, talvez, pensar que as pessoas mais velhas perdem seu estatuto positivo ao serem destituídas de seu lugar privilegiado e de respeito, no que tange à sua condição e representatividade social.

Essas numerosas perdas, assinaladas ao longo da existência, funcionam como marcos de referência e produzem efeitos psíquicos, por vezes traumatizantes, nas subjetividades dos seres que envelhecem. No entanto, uma perda não implica necessariamente num término, mas muitas vezes, nos mobiliza a buscarmos outros projetos, a nos lançarmos visando horizontes outros e possibilidades. Isto, sim, é a dimensão da criatividade.

Nesse sentido, uma perda pode até engendrar aquisição, maturação, progresso. O envelhecimento exprime, concomitantemente, a idéia da dinâmica de sucessivas perdas e aquisições que podem acontecer ao mesmo tempo. Trata-se,

pois, de uma questão de equilíbrio entre esses dois componentes. Portanto, um pólo invoca o outro, devendo sempre serem pensados em termos de representações inconscientes e não no sentido físico e concreto destas palavras.

## **2.2. Envelhecimento x Castração**

É importante lembrar, como diz Messy que o que é perdido, o é irremediavelmente para sempre. Trata-se de uma perda originária concernente a todos os seres humanos, uma insatisfação fundamental que nos impulsiona a busca de objetos inatingíveis. Nenhum objeto coincide com aquele subjetivamente buscado. Freud já alertara que para o sujeito encontrar o objeto necessário à realização de seus desejos, haverá sempre reencontros com o objeto perdido.

Durante a vida inteira, à medida que envelhecemos, sofreremos perdas de objetos investidos libidinalmente. A perda de um objeto investido libera a libido que possibilitará o redirecionamento da energia para a aquisição de um outro objeto. No entanto, há perdas que não podem ser substituídas por aquisições, como por exemplo, a de entes queridos. Daí, a inevitável associação do envelhecimento com a castração - experiência psíquica inconsciente que, sem cessar, é constantemente renovada no decorrer da vida.

Na teoria psicanalítica, castração é algo constitutivo, fato que se repete, remetendo sempre a outras experiências de cortes. Freud designou diversas experiências de castrações simbólicas que todo ser humano experimenta, todas elas traumáticas, marcadas pela angústia, desde a primeira - o nascimento,

caracterizada pela separação do corpo materno, passando pelo desmame, a perda do objeto de amor e do amor de objeto. A renúncia à mãe (1º objeto de amor tanto para o menino quanto para a menina) é que vai marcar a falta.

Poderíamos, então, talvez, articular o envelhecimento ao âmbito tanto das perdas quanto ao da falta. O sujeito na sua condição de mortal é incompleto, inacabado e percorre sua existência sob a ameaça constante de frustração e de aniquilamento pela morte, como possibilidade eminente. Messy afirma: Talvez não seja a morte que cause medo, mas a idéia que temos dela.<sup>45</sup> A morte delimita o sujeito em sua temporalidade.

O medo de envelhecer não seria o pavor de perder a vida, assim como tivemos que perder o útero e o seio materno? Entretanto, essa perda, como já vimos, não é possível de ser representada. Não seria o temor de envelhecer uma metáfora da angústia de castração?

Sente-se falta daquilo que não se tem. E esta é uma das razões de nosso desejo incessante. O desejo é aquilo que nos move. Sobre isso, Zeferino Rocha escreve: Só deseja aquele que reconhece o limite do não-ter e a experiência da falta. O desejo, portanto, só é possível onde não existe a completude.<sup>46</sup>

É a falta que funda o desejo, o qual acompanha o sujeito até o momento de sua morte. Independentemente da idade, o homem continua sendo um ser de desejo. Há uma correlação entre castração e morte (situação limite). Estas noções estão intimamente articuladas.

---

<sup>45</sup> Ibid. p. 49.

<sup>46</sup> ROCHA, Z. **Freud: Aproximações**. 2ª ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1995, p. 192.

É também por esse viés de pensamento, que, muitas vezes, confundimos erroneamente o envelhecimento com a velhice. O envelhecer é associado à proximidade do fim da vida e se articula à finitude, fonte de angústia e inquietação existencial. A angústia surge justamente frente ao indefinido, o desconhecido, é vivida inconscientemente sob a forma de um estado afetivo ou de um sintoma. A esse respeito, Amparo Caridade sublinha: O medo de envelhecer nos reenvia à certeza da morte.<sup>47</sup>

### **2.3. Conquistas e Ganhos no Envelhecimento**

Faz-se oportuno ampliarmos nossas reflexões sobre o envelhecimento e analisarmos o elemento da aquisição, dos ganhos, conquistas e benefícios que embora sejam tão desprezados, se constituem como muito importantes.

O sujeito em processo de envelhecimento é capaz de atualizar-se e reorganizar-se, a fim de poder se adaptar ao mundo em sua constante mutação. Diante das acentuadas mudanças, é possível formular novas modalidades de acolhê-las, buscando respostas apropriadas às exigências das demandas internas, que devem encontrar ressonância com as do meio exterior, o que requer uma certa flexibilidade.

À angústia da iminência de separações e perdas, soma-se a necessidade de engajar-se em outras expectativas de vida, acalentar sonhos, realizar desejos, desenvolver potencialidades e não se deixar aprisionar pelo envelhecimento.

---

<sup>47</sup> CARIDADE, A. Somos nossa História. In: **Caminhos e Caminhantes**. Recife: Bagaço, 2004, p. 142.

Existe, para o idoso, a possibilidade de reconstrução; a mobilidade para formação de novos vínculos; o entusiasmo para exercer atividades; manter-se produtivo, fazer investimentos; renovar crenças, ressignificando assim, sua história de vida para que possa, sobretudo, flexibilizar a aceitação das perdas como forma de abrir espaços para que surjam as aquisições. Ele pode descobrir novas maneiras de estar-no-mundo com qualidade, além de construir sentidos e reencontrar outros significados para sua existência.

É fundamental aprender a valorizar o que fomos - passado, o que somos – presente e compreender que temos a liberdade de fazer escolhas para o amanhã. O futuro está entreaberto com todos os seus possíveis. É isso que constitui nossa própria historicidade com o trabalho do tempo. O sujeito do desejo se constitui na trama da temporalização.

Isto revela não somente a face bonita e alegre do existir, apesar das contingências e adversidades, mas também o cuidado de si, ou como diria Joel Birman, a estilística da existência, implicando, então, uma ética, uma política e uma estética. Somos responsáveis por escrevermos nossa história.

Caso contrário, a pessoa que envelhece pode mergulhar numa profunda nostalgia e ser lançada forçosamente numa melancolia, podendo-se até se instalar um quadro depressivo, propiciado pelo estado de desamparo, isolamento, segregação, obsoletismo, sentimento de inutilidade e improdutividade. Maud Mannoni observa: A pessoa idosa, quando constata que não pode mais agir como

antes sobre o mundo ambiente, não tem, ao que parece, outra escolha senão retirar-se (do mundo) na depressão.<sup>48</sup>

Resumindo o que dissemos, podemos lembrar estas sugestivas palavras de Amparo Caridade:

Envelhecimento é tempo de perdas sim, e a força para enfrentá-las, terá de vir de nós mesmos. Encorajamento, beleza, fortaleza e confiança perante a vida, resultam de uma construção pessoal no transcorrer do existir. Supõe o sentido do que fazemos a nós mesmos, aos outros e ao mundo. Supõe que se consolide nosso ser pessoas satisfeitas com a vida e a passagem do tempo. O sentido do que fazemos, é encanto para a existência. Ele dá graça, sabor e sustentação à nossa história. O vazio de sentido é capaz de proporcionar uma velhice angustiada. Integrando, amando a própria história, teremos razões para sentir bem estar no envelhecer.<sup>49</sup>

A análise que fizemos do processo de envelhecimento revela sua complexidade e seu caráter multifacetado. É necessário transformar o olhar para que se redimensione e se modifique a imagem negativa do sujeito que envelhece, deixando de ver nela apenas as perdas, os retrocessos e as limitações.

Imagem esta construída por uma sociedade que não concebe o envelhecimento como processo natural – o ser humano se transformando através do horizonte da temporalidade, e sim, como ameaça de morte, o que faz gerar tanta inquietação e medo. Tudo isso confirma que é indevida a sinonímia entre os termos envelhecimento e velhice, pois ela nega o processo irreversível que diz respeito a todos nós, do recém-nascido ao idoso.

---

<sup>48</sup> Ibid. p. 21.

<sup>49</sup> Ibid. p.143.

## 2.4. Como definir a velhice?

Quando podemos demarcar o início da velhice? A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a entrada na velhice a partir dos 60 anos. A legislação brasileira que dispõe sobre a política nacional do idoso, a lei nº 8.842 no seu artigo 2º, também considera como idoso *“a pessoa maior de sessenta anos de idade”*.

A Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu os 60 anos como a idade que demarca o estágio da velhice nos países em desenvolvimento e 65 nos países desenvolvidos. Embora existam muitas variações individuais e sociais, em cada época são estabelecidos critérios para agrupar categorias etárias. A sociedade assim o faz como uma forma de oferecer respostas às mudanças evolutivas, seja em virtude de determinação biológica, histórica, social ou cultural.

Tanto os critérios médicos quanto as convenções sociais têm igual dificuldade para definir o momento de entrada na velhice. Uns demarcam o período da aposentadoria, outros apontam a fronteira da idade cronológica ou, ainda, o surgimento dos primeiros sinais de dependência ou debilidade.

Pressupõe-se, então, que teorizar acerca do conceito de velhice, que é indefinível enquanto tal é algo bastante complexo, pois qualquer parâmetro quer seja no registro biológico, psicológico ou social parece-nos insuficiente para dar conta de uma definição categorizante, dadas as variações individuais, sociais e os acontecimentos da vida.

Nesta perspectiva, não é fácil definir a velhice. O velho é um ser bio-psico-social, conseqüentemente, tem uma estrutura biológica, é um ser de linguagem e

está inserido na cultura. O modo de conceber a velhice também dependerá do pano de fundo dos valores que definem um determinado contexto cultural. Na cultura grega, por exemplo, assim como na oriental, os idosos são respeitados e extremamente valorizados. Na sociedade contemporânea, os velhos não têm um lugar, são desvalorizados e não podem competir com os jovens.

Mas, afinal, o que é a velhice? Como podemos defini-la? Seria, não obstante, uma fase já avançada do envelhecer? Como fixar o momento da entrada na velhice? A propósito, o psicanalista Jack Messy assim se posiciona: se o envelhecimento é o tempo da idade que avança, a velhice é o da idade avançada, entenda-se, em direção à morte [...]. A velhice não é um processo como o envelhecimento, é um estado que caracteriza a posição do indivíduo idoso.<sup>50</sup>

O autor ressalta, ainda, que ao se evocar a presença da criança que se foi e do adulto em transformação que se é, conservando assim, uma parte jovem imperecível, não se abre espaço para sentir os efeitos do envelhecimento, nem da velhice. Ele lançou a hipótese de que a entrada na velhice seria circunstancial e ocorreria por ocasião de uma ruptura brutal do equilíbrio entre as perdas e as aquisições.

Mannoni escreveu em sua última obra “O Nomeável e o Inominável”: “Quando a velhice se ‘apossa’ de alguém, o faz de forma inesperada”. A autora também descreve a velhice como algo que surge subitamente, sendo, portanto, uma ruptura do envelhecimento causada, sobretudo, pelas perdas que remetem ou se relacionam com outras perdas.

---

<sup>50</sup> Ibid. p. 23.



Já a escritora Simone de Beauvoir declara: A velhice é um além de minha vida, do qual não posso ter nenhuma plena experiência interior.<sup>51</sup> Para ela, a velhice é o que acontece às pessoas que ficam velhas, tornando-se impossível encerrar essa pluralidade de experiências num conceito, ou mesmo numa noção e, mais adiante diz: morrer prematuramente, ou envelhecer: não há outra alternativa. E, Drummond de Andrade sublinha: “Só o velho saberia contar o que é a velhice; se ele soubesse”.

Délia Catullo Goldfarb nos lembra que do ponto de vista social, como por exemplo, a aposentadoria, não faz de um sujeito um velho.<sup>52</sup> Observa-se que ao considerar apenas como critério social, o potencial de produção e acumulação de riqueza, investe-se sobre a velhice apenas valores de negatividade, até porque essa fase da vida demarca o rompimento da atividade laboral que coincide com o período da aposentadoria. Em consonância com estas propostas, Maud Mannoni afirma:

É por isso que a noção de velhice, fixada arbitrariamente em 60-65 anos, com a “aposentadoria”, e comparada ao fim da vida ativa, tem por vezes, sobre alguns, efeitos traumáticos, devastadores. É a obrigação de abandonar a vida ativa que assinala a partir de então, para o sujeito, a entrada na velhice. Tal não é o caso para os que têm a sorte de encontrar nessa idade atividades substitutivas.<sup>53</sup>

A autora coloca em realce a questão da criatividade, o fato do idoso procurar outros objetos para investir: ações comunitárias, trabalhos voluntários, participação em grupos de terceira idade, seriam algumas saídas para se obter

---

<sup>51</sup> Ibid. p. 357.

<sup>52</sup> GOLDFARB, D. C. **Corpo, Tempo e Envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 24.

<sup>53</sup> Ibid. p. 17.

satisfação e para que se sintam válidos, úteis e significativos para a sociedade. Nesse sentido, o investimento da libido numa atividade qualquer geradora de prazer é muito importante na velhice.

Ao dirigir a energia para outros objetos que não só o trabalho, ou seja, a capacidade de mudar a direção do investimento de um objeto para outro (metas artísticas, intelectuais ou culturais), implica em sublimar. A sublimação é uma defesa bem sucedida que elimina a tensão.

O que está subjacente à adoção de designações negativas para tratar da velhice é a ausência de um lugar e de reconhecimento simbólico para o idoso. Não se delinea para ele, qualquer possibilidade de horizonte de futuro. Partindo desta concepção, resta-lhe apenas a rememoração do passado, conforme enfatiza Norberto Bobbio<sup>54</sup> e o confronto brutal com o momento fatídico de retirar-se da cena do mundo – a morte.

Segundo Joel Birman no ensaio “O Futuro de Todos Nós” (1997), esta seria uma lógica perversa porque retira do sujeito idoso qualquer possibilidade de existir um projeto possível de futuro. Seria esse o impasse e a tragicidade que se coloca para a pessoa de idade avançada situada nessa condição existencial de falta, face à ausência de perspectivas futuras.

A inexistência da possibilidade de relação do sujeito com a temporalidade, centrada na exclusão da dimensão de futuro, fez Birman designar a psicopatologia da terceira idade: depressão, paranóia e a mania. É válido ressaltar que não é

---

<sup>54</sup> BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos**. Tradução de Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

nosso objetivo neste trabalho, a releitura proposta por esse autor, desses quadros clínicos delineados pela nosografia psiquiátrica. Ele acredita que essas *três formas paradigmáticas* de ordenação psíquica do idoso seriam maneiras diversas de este lidar e manejar o impasse de sua condição trágica. Dito de uma outra forma são *estilos psíquicos* diferenciados de o sujeito se defrontar com a tragicidade da morte.<sup>55</sup>

A modernidade ocidental, a partir de uma construção social, inscreveu a velhice num lugar impossível, isto porque o idoso ao perder tanto a possibilidade de reprodução biológica como a de produção dos bens materiais, deixa de existir enquanto individualidade. Eis as palavras do autor:

O que está em pauta nessa retomada recente da problemática da terceira idade é um processo tardio de reconhecimento simbólico da subjetividade dos idosos [...]. Contudo, o paradoxo persiste, pois se o idoso é reconhecido finalmente como sendo um sujeito, ele continua destituído do lugar de agente social e do mundo das trocas simbólicas.<sup>56</sup>

Um outro enfoque sobre a velhice que considero interessante é quando Maud Mannoni, magistralmente nos adverte:

A velhice nada tem a ver com uma idade cronológica. É um estado de espírito. Existem “velhos” de 20 anos, jovens de 90. É uma questão de generosidade de coração, mas também uma maneira de guardar em si uma certa dose de cumplicidade com a criança que se foi.<sup>57</sup>

---

<sup>55</sup> BIRMAN, J. O Futuro de Todos Nós. In: **Estilo e Modernidade em Psicanálise**. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 201.

<sup>56</sup> Ibid. 204.

<sup>57</sup> Ibid. p. 16-17.

Sem dúvida a autora ao focalizar a velhice como estado de espírito, traz uma dimensão muito sugestiva para a compreensão desta etapa da vida, abrindo para a perspectiva do lúdico, do humor, da brincadeira, dos chistes, das piadas. Apesar de concordar com esta afirmação, sublinho que isso evidentemente, não quer dizer que o idoso não se depare com alguns obstáculos e limitações em relação aos mais jovens. Amparo Caridade (2004) sugere:

[...] Haverá uma “eterna juventude” interior se mantivermos uma atitude aberta para a vida, se renovarmos nosso gestual humano, se atualizarmos o gozo de estar vivos, se ressignificarmos sempre nossa presença no Mundo [...] Assim, o corpo pode estar maduro e portar uma alma menina.<sup>58</sup>

## 2.5. Freud e a Velhice

Está fora do nosso propósito tentar descrever minuciosamente a biografia do criador da Psicanálise. Parece-nos, pois, interessante citar alguns dados biográficos de sua história, para em seguida, aproximarmo-nos de seu próprio processo de envelhecimento e das idéias que concebia sobre a velhice, construindo, assim, uma possível articulação entre a gerontologia e a psicanálise.

Entre os anos de 1850 a 1900, ocorria na Europa uma série de revoltas de cunho popular e nacionalista contra o Império Austríaco, provocando algumas

---

<sup>58</sup> CARIDADE, Amparo. Entardece a Vida. In: **Caminhos e Caminhantes**. Recife: Bagaço, 2004, p. 134.

reformas e mudanças políticas. O mundo estava marcado por um acelerado processo de industrialização crescente.

Nesse meio sócio-político e cultural, nasce Sigmund Freud, em 06 de maio de 1856, na pequena cidade de Freiberg, na Morávia. Era o primogênito do terceiro casamento de seu pai, Jakob Freud, comerciante de lãs. Sua mãe, Amália, era muito jovem quando se casou e aos 21 anos, teve seu primeiro filho, Freud. Ela era bastante preocupada com a educação dos seus filhos.

Em 1859, deflagrou-se uma crise econômica que arruína o comércio de Jakob, levando a família judaica a se instalar em Viena, em 1860, com complicada situação financeira, quando Freud tinha 04 anos. Durante a infância fora super investido por sua mãe, chegando mais tarde a reconhecer que seria o filho favorito dela. Foi um brilhante aluno, inteligente, sempre com excelente desempenho acadêmico, apesar das dificuldades e da limitada posição financeira de sua família.

Pelo fato de ser judeu, foram-lhe vedadas todas as carreiras profissionais, exceto a Medicina e o Direito, tal era o clima anti-semita prevalecente na época. Influenciado pelos trabalhos de Darwin e Goethe, decidiu entrar na Faculdade de Medicina de Viena em 1873.

Trabalhou no laboratório fisiológico do Dr. Ernst Brücke, fora pesquisador na área da neurologia e da psiquiatria, além de ter publicado alguns artigos sobre anatomia. Aos 26 anos, recebeu seu diploma de médico. Em novembro de 1882, Breuer lhe fala do caso de Anna O. Em 1885, tinha se estabelecido numa posição prestigiosa de conferencista na Universidade de Viena e sua carreira começava a parecer promissora. Neste ano, obteve uma bolsa de estudos e fez sua primeira

viagem à França, onde começa a trabalhar com Charcot, na Salpêtrière, em Paris. Lá observava as manifestações histéricas e os efeitos da sugestão hipnótica.

Freud começa a se questionar sobre a etiologia da histeria e das neuroses em geral como, também, pelas suas formas de tratamento. Retornando a Viena, ficou amigo de Bleuler, médico neurologista e, juntos, passaram a elaborar novas teorias para as neuroses. Nas primeiras pesquisas centraliza o interesse na questão da sexualidade infantil. Sua genial descoberta foi dar a palavra ao “doente dos nervos” que deixava de ser passivo no tratamento.

A partir desse novo enfoque – ouvir o discurso dos pacientes, através da associação livre, foi mudando a técnica de abordagem do material psíquico, assim como o método. Esta foi a grande revolução da Psicanálise como método de cura.

Em 1886, decide dedicar-se à clínica privada e inaugura seu consultório. Casa-se em setembro com Martha Bernays com quem teve seis filhos (3 homens e 3 mulheres). Publica em 1894 o artigo sobre as *Psiconeuroses de Defesa* e em 1895, *Obsessões e Fobias*. Nesse mesmo ano, ocorreu o lançamento dos *Estudos sobre a Histeria*. Escandaliza o auditório numa conferência sobre a etiologia sexual da histeria.

Em 1896, aos 40 anos, usou pela primeira vez o termo “psicanálise” num artigo chamado *A herança na etiologia das neuroses*, para descrever seus métodos. Aqui, ele propunha uma psicoterapia pela fala. Sua rigorosa auto-análise se inicia em 1897. Em 1900, publicou a *Interpretação dos Sonhos* e começou a análise de Dora. Um círculo de médicos interessados juntou-se a Freud e o movimento psicanalítico passou a se expandir.

Percebe-se que no início da obra freudiana há muitos textos sobre a técnica psicanalítica, a histeria e a sexualidade infantil. Entre 1914 a 1920, Freud escreveu vários artigos sobre a morte, a agressividade e a guerra. Sua produção intelectual nesta época foi bastante influenciada pelos acontecimentos trágicos em sua vida pessoal e também pelo contexto social, cultural e político, num mundo devastado pelas guerras, pela fome, doenças e violência.

Gradualmente, foi deslocando o interesse para temas de cunho social, com as seguintes publicações: *Psicologia de Grupos e análise do ego* (1921); *O Futuro de uma ilusão* (1927) e *Mal-Estar na Civilização* (1930). Os escritos de Freud e o contexto em que surgiu a psicanálise estão intimamente articulados às idéias predominantes e à cultura de sua época.

Reportemo-nos, agora, ao que nos fala Freud sobre a velhice. Para ele, a entrada na velhice se fixaria em torno dos 50 anos. Quando tinha uns 47 anos, escreveu:

Em uma idade próxima aos 50 anos criam-se condições desfavoráveis à psicanálise. A acumulação de material psíquico dificulta o trabalho, o tempo necessário para a recuperação torna-se longo demais e as possibilidades dos processos psíquicos acharem novos caminhos começam a se paralisar.<sup>59</sup>

Prosseguiu, acrescentando um ano mais tarde:

A idade dos doentes desempenha também um papel importante na sua relação para um tratamento analítico, pois, em primeiro lugar, as pessoas próximas aos 50 anos freqüentemente carecem da plasticidade dos processos anímicos necessária para se empreender uma psicoterapia. Os velhos não são educáveis.<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup> FREUD, S. **Sobre Psicoterapia**, 1904. p.396. In: GOLDFARB, D.C. Ibid. p.15.

<sup>60</sup> Ibid. p.15.

Estas citações demonstram, com clareza, o posicionamento de Freud acerca de mostrar-se contrário à aplicação do método psicanalítico em pessoas mais velhas. Somente em 1937, ele reconheceu que esses fenômenos que impedem a aplicabilidade da psicanálise: rigidez, resistência à mudança, esgotamento da plasticidade e flexibilidade, estariam muito mais relacionados com o quadro clínico apresentado pelo sujeito do que propriamente com a idade cronológica do paciente em análise.

Em 1914, aos 58 anos, gozava de prestígio e do reconhecimento de seus discípulos. Tinha uma situação financeira tranqüila devido ao seu consultório. Declarada a Grande Guerra na Europa, dois de seus filhos foram para a frente da batalha, assim como muitos de seus pacientes, esvaziando sua clínica. Mas, em nenhum momento deixou de trabalhar nem de escrever. Recebeu ajuda financeira de amigos já que não podia sustentar sua família.

A estreita relação da velhice com a morte era também uma fonte de preocupação para Freud que, a partir de 1921, passou a fazer alusão às freqüentes queixas relativas ao seu envelhecimento, conforme relata Ernest Jones. Numa carta a Sandor Ferenczi, ele escreve: No dia 13 de março deste ano, entrei bruscamente na velhice verdadeira. Desde então o pensamento da morte não me abandonou e por vezes tenho a impressão de que sete de meus órgãos internos disputam a hora de pôr fim à minha vida.<sup>61</sup>

Os últimos anos da vida de Freud foram difíceis, sofrera sucessivas perdas narcísicas irreparáveis, tais como: o luto pela morte de seus pais, de alguns de seus filhos, de outros entes queridos e amigos. Aos 64 anos, perde a filha Sophie,

---

<sup>61</sup> JONES, E. A **Vida e a Obra de Sigmund Freud**. T. III. P.U.F., 1975, p. 85.



de uma epidemia de gripe e, na mesma semana, morre de câncer seu amigo íntimo Von Freund.

Em abril de 1923, aos 67 anos, adoece e morre de tuberculose seu neto Heinelle, aos 04 anos (filho menor de Sophie), por quem Freud tinha uma verdadeira paixão e admiração por sua capacidade intelectual: Acho esta perda muito difícil de suportar. Não acredito ter experimentado jamais uma tristeza tão grande... Tudo perdeu o significado para mim... Me arrebataram o futuro.<sup>62</sup>

Ele tinha afeição pelos outros netos, só que Heinelle era o seu favorito, com quem tinha convivido e observado desde bebê e, inclusive, se refere a ele em alguns textos, como quando descreveu o jogo do carretel, o “for-da”, em Além do Princípio do Prazer. Nesse mesmo ano, descobre que está com câncer na boca e na mandíbula. Passa pela provação de uma doença incurável. Esteve muito mal de saúde, tinha dores contínuas que lhe causava um insuportável sofrimento. Passou por 33 operações para deter a doença que se expandia ao longo dos anos, chegando até a usar uma prótese que o incomodava muito, provocando grande dificuldade até para comunicar-se.

Aos 77 anos, Freud escreve a Jones, em maio de 1933:

[...] Como as pessoas velhas devemos ficar contentes quando a balança quase se equilibra entre a inevitável necessidade de descanso final e o desejo de aproveitar ainda um pouco de amor e amizade dos que lhes são próximos. Creio ter descoberto que essa necessidade de repouso não é algo elementar e primário, mas expressa o desejo de se livrar de um sentimento de insuficiência em detalhes dos mais significativos da existência.<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> GAY, Peter. **Uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. In: GOLDFARB, D.C. **Psicanálise e envelhecimento**. Revista Kairós, São Paulo, Caderno Temático 2, agosto de 2002, p. 13-38.

<sup>63</sup> Ibid. p. 206.

Esse trecho traduz o estado de espírito de Freud, articulando a necessidade de repouso com o sentimento de incapacidade e inutilidade característico da velhice, enquanto que, por outro lado, há ainda o desejo de viver. Isto retrata o dualismo pulsional, ou seja, o conflito inconsciente entre as pulsões de vida e a de morte, tendências opostas que atuam simultaneamente.

Esse discurso pessimista de Freud não diz respeito ao fato de ele considerar-se velho aos 77 anos, mas decorre da imagem essencialmente negativa, ligada ao sofrimento a que ele foi submetido no seu próprio corpo marcado pelo câncer. Nesta época estava muito doente, dependia de tratamentos e sofria, também, com as perseguições anti-semitas da Alemanha hitlerista.

Aos 82 anos sofre um exílio. Resistiu muito a sair de Viena, de sua casa onde havia morado durante uns quarenta anos, mas a princesa Maria Bonaparte, sua amiga, que também era psicanalista, conseguiu convencê-lo a retirar-se da Áustria, em tempo de salvá-lo do nazismo. Foi, então, transferido para Londres, onde foi muito bem recebido, acolhido e solicitado. Procurou refúgio na Inglaterra acompanhado por sua filha Anna Freud, de quem não podia prescindir por causa das operações mutilantes.

Apesar do seu estado de saúde bastante debilitado, fragilizado, das dores e dos sofrimentos físicos causados pela doença que o atormentava, dos lutos que não afetaram seu encanto e sua atitude ante a vida e da convicção de seu fim próximo, ele continuou trabalhando sem cessar, no plano da criação de sua obra psicanalítica e escreveu até o fim de sua vida.

Em 23 de setembro de 1939, aos 83 anos, seu médico Max Schur cumpriu a promessa que houvera feito cerca de 20 anos atrás e lhe aplicou uma injeção de

morfina, conforme seu desejo, vindo a falecer em Londres. Sua vida transformou-se numa tortura, sem sentido nem esperança para que chegasse a renunciá-la.

A psicanálise ajudou-o a superar a angústia frente ao perigo daquilo que a patologia referia como ameaça. Deixou a vida lúcida e teve a possibilidade de fazer a escolha de uma maneira mais tranqüila e serena para abordar sua própria morte.

Referimo-nos a título de ilustração, a um exemplo de um personagem ilustre que reconhecia já ter passado seu momento de grandes realizações e também de perdas. Sofria a ruptura e a descontinuidade na experiência do viver já percorrida. Seu universo apresentava-se limitado em decorrência da doença e a vida lhe parecia um tanto quanto dolorosa, sombria e angustiante.

O processo de envelhecimento de Freud foi marcado por muita tristeza e depressão que atuava como um pano de fundo em tudo o que fazia, escrevia e produzia. Não se tratava, no entanto, de uma depressão patológica, pois continuou ativo, dinâmico e criativo, mantendo o interesse por vínculos, atividades e pelo trabalho.

Escreveu numa carta à Lou Andreas-Salomé em 16 de maio de 1935: [...] A facilidade que tive antes para conceber idéias, eu a perdi. Desde que não posso fumar mais à vontade, não desejo escrever [...] ou talvez este pretexto sirva-me para mascarar a infertilidade da velhice [...]. Um velho não tem mais idéias novas, só lhe resta repetir-se.

O velho Freud não só se repetia nos seus textos e nas correspondências pessoais, mas também estava sempre criando algo novo e introduzindo idéias novas às suas Obras Completas. À medida que envelhecia e se aproximava da

morte, manteve acesa a chama da criatividade e sua paixão pela descoberta e pelo saber científico foram superiores à força destrutiva das circunstâncias e contingências trágicas pelas quais passou em sua vida.

## **2.6. Velhice: novos horizontes**

Podemos falar a velhice enquanto uma etapa de transição, potencialmente geradora de tensão, conflitos e crises, cuja reorganização vai depender dos recursos internos disponíveis, preparação para elaborar lutos, rumo ao retorno de um novo equilíbrio e, assim, sucessivamente. É preciso preparar-se criando subterfúgios para vivenciar as mudanças significativas que se operam continuamente, de modo a ter condições para experienciá-las prazerosamente.

Daí a noção do tempo que se inscreve como passagem, com seus efeitos sentidos duplamente: em si mesmo e nas barreiras sociais. É a experiência vivencial que determina a emergência da consciência temporal. O tempo da velhice não pode ser vazio nem sem significado, mas ao contrário, repleto de sentidos e realizações, abrindo também espaço para a afeição, a ternura.

Cabe aqui, citarmos uma poesia que retrata o sonho, desejo, o renascer, a esperança, presentes em todos os sujeitos, independentemente da idade e que nos direciona para a vida.

Nova esperança, bate coração  
Renascer cada dia  
Com a luz da manhã  
Despertar sem medo  
Enganar a dor  
Disfarçar essa mágoa

Que anda solta no ar  
Ter que acreditar  
No regresso da estação  
Como o sol volta a brilhar  
Com as chuvas de verão  
Ter que acreditar  
Só pra ter razão  
De sonhar mais uma vez  
Nova esperança, bate coração  
Renascer cada dia  
Com a luz da manhã  
Semear a terra  
Certo de colher  
Da semente o fruto  
Depois descansar.

**GUEDES & ROTH**<sup>64</sup>

Vista por uma outra ótica, a velhice é mais uma das etapas naturais da vida que pode se revelar engrandecedora quando se permite a abertura para o desenrolar de outras perspectivas, vislumbrando possibilidades. Precisa-se deparar com as intempéries da trajetória e ter a oportunidade para escolher caminhos a trilhar.

O desafio se constituirá na medida em que cada idoso vai poder buscar algo novo dentro de si ou mesmo potenciais que poderiam estar embotados, adormecidos com o decorrer do tempo, mas que ainda se encontram à disposição para serem desabrochados e desenvolvidos, promovendo assim, uma renovação.

O idoso pode ultrapassar as dificuldades e continuar a ser atuante e criativo. Isto é, por excelência, a capacidade adaptativa do viver construindo, desconstruindo e reconstruindo.

---

<sup>64</sup> Versos da canção Nova Estação, de Luiz Guedes e Thomas Roth.

A velhice, em nossa sociedade, é encarada de forma negativa e destrutivamente, considerando-se apenas os obstáculos e declínios. Esta pesquisa se propõe à subversão desta lógica perversa da imagem dos nossos velhos e do espaço ou o não-espaço a eles atribuído. Interessa-nos quebrar certas normas, tabus e descobrir as faces positivas desse período, o qual poderá ser vivido mais intensamente e com serenidade. Apesar de ser instituída cronologicamente a partir dos 65 anos, convém salientar que a idade não é ponto de estagnação, lamúria, nostalgia ou resignação.

O corpo envelhece, estamos falando do velho corpo, mas o espírito pode permanecer jovem, condensado em intensidade e brilho. A velhice tem seus segredos, belezas, surpresas e virtudes próprias, passíveis de manifestação. A imagem que se carrega da velhice é a do próprio viver. Como nos diz Simone de Beauvoir: “O que define o sentido e o valor da velhice é o sentido atribuído pelos homens à existência”.

No capítulo subsequente, pretendo estabelecer as relações entre as noções de auto-estima, narcisismo, imagem corporal e velhice. Tomarei como suporte teórico a metapsicologia freudiana no que tange ao conceito de narcisismo e o da imagem inconsciente corporal em Françoise Dolto. Será também revisitada a teoria do “estádio do espelho” de Lacan, para então, chegar às minhas proposições articulando os pressupostos teóricos psicanalíticos apresentados com o tema da velhice e, ilustrando a teoria com os fragmentos clínicos e os depoimentos dos idosos entrevistados.

## ***CAPÍTULO III***

### **NARCISISMO, AUTO-ESTIMA, IMAGEM CORPORAL E VELHICE**

---

---

#### **“O VELHO NO ESPELHO”**

**Por acaso, surpreendo-me no espelho: quem é esse  
Que me olha e é tão mais velho do que eu?  
Porém seu rosto... é cada vez menos estranho...  
Meu Deus, Meu Deus... Parece  
Meu velho pai – que já morreu!  
Como pude ficarmos assim?  
Nosso olhar – duro – interroga:  
‘O que fizeste de mim’?  
E acrescento: tempo, o que fizeste de mim?**

**QUINTANA, MÁRIO <sup>65</sup>**

---

<sup>65</sup> QUINTANA, Mário. **A cor do invisível**. Catálogo da exposição Vida e Poesia de Mário Quintana. Rio de Janeiro, 1997.

## CAPÍTULO III

### NARCISISMO, AUTO-ESTIMA, IMAGEM CORPORAL E VELHICE

*Ninguém pode estar na flor da idade, mas cada um pode estar na flor da sua própria idade.*

*Mário Quintana (1906-1994)*

Este capítulo se propõe a fazer uma articulação entre narcisismo, auto-estima, imagem corporal e velhice. Desejo pesquisar os vínculos que, ao meu ver, existem entre essas noções. O processo de envelhecimento modifica, no aspecto visível, a aparência do corpo de várias maneiras: rugas, cabelos brancos, reflexos menos rápidos, flacidez, lentidão dos movimentos, diminuição da força muscular, compressão da coluna vertebral. Todos esses são elementos que assinalam a entrada na velhice, em termos orgânicos e estéticos.

Na concepção do psicanalista Messy (1999)<sup>66</sup>: podemos ter essas coisas, sem sermos socialmente velhos, como podemos ter bastante idade sem aparentar, para satisfação de um narcisismo galante. Indubitavelmente é no registro corpóreo, onde se instalam os sinais do envelhecer, mediante a inexorável passagem do tempo, criando, para cada indivíduo, diferentes representações sobre o seu corpo.

---

<sup>66</sup> MESSY, J. **A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice**. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: ALEPH, 1999, p. 25.



O corpo não expõe apenas os traços do passar do tempo, mas também o que este tempo representa e significa. Com suas marcas, revela a história vivida, tendo, portanto, uma expressão histórica, movimento de mudança permanente.

Assim sendo, objetiva-se refletir sobre as repercussões das transformações corporais para a pessoa de idade avançada e os impasses que engendram. A análise da aparência física na velhice implica em perceber as inúmeras atribuições que são imputadas à subjetividade e ao valor social dos idosos.

Para dar início à tessitura dessa delicada rede, parece-me interessante lembrar que desejar a imortalidade, glorificar com ardor a longevidade, buscar incessantemente a eterna juventude e, sobretudo, adiar ou aniquilar a velhice e a morte, fazem parte de um sonho mítico que todos os seres humanos acalentam desde os tempos mais arcaicos.

Trata-se, pois, de uma discussão relevante devido à intransigência ao enaltecimento do corpo jovem e à exclusão e depreciação do corpo do velho que pressupõe feiúra. No contraste juventude/velhice, capta-se a mudança da ascensão para o declínio.

O mundo contemporâneo celebra o comportamento, os valores, a aparência e a moda dos jovens. Como já vimos, a ideologia vigente é o corpo esbelto, bonito, bronzeado, ágil, saudável que deve ser exibido com prazer e satisfação. É este o padrão estético definidor da beleza, objeto de desejo, cobiça e modelo a ser perseguido.

Vivemos numa sociedade que supervaloriza o novo, dos descartáveis, que preconiza: o belo é o instante. Logo, pareça legítimo pensar no corpo do idoso

como aquele que está velho, ultrapassado e precisa, portanto, ser descartado, escamoteado. O que desagrada, por ser ameaçador, é recusado, rechaçado.

Nega-se o envelhecimento combatendo-o e o adiando mediante inúmeras estratégias e disfarces. Cuida-se da saúde, previnem-se as doenças, faz-se uso dos recursos da indústria da beleza e do rejuvenescimento. É bastante comum alguém não querer “ser” ou “parecer” velho. Hoje, um dos grandes elogios que se pode fazer a uma pessoa é exatamente dizer que ela “aparenta” estar bem mais jovem do que sua própria idade cronológica.

A sedução tornou-se instrumento para a conquista do espaço existencial. O corpo que seduz é socializado. O apelo da sedução vem acompanhado da premissa equivocada da perfeição. O corpo construído e modelado para ser aceito é desterritorializado, destituído de subjetividade. A significância do olhar alheio torna-se requisito básico à aceitação.

Com a subjetividade pulverizada, sobra apenas o corpo objeto, como diria Jurandir Freire Costa (2001): O corpo passa a servir como vitrine: o que eu sou é o que eu aparento, meu corpo fala por mim. O que vemos hoje são homens-vitrine, com a alma mais rasa.<sup>67</sup>

É mais comum pensar no corpo de vitrine do que no corpo como processo vivo e inacabado, numa busca árdua e constante de experiências e significados. Em decorrência das mudanças inexoráveis do envelhecimento, perde-se o corpo que seduz e isto é algo ameaçador, fonte de angústia.

---

<sup>67</sup> COSTA, Jurandir Freire. **Em busca do sujeito contemporâneo**. Disponível em: <[http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia\\_e\\_Educacao/9/Artigos/sujeitos.html](http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia_e_Educacao/9/Artigos/sujeitos.html)>. Acesso em: 01 maio 2003.

Entretanto, assumir o tempo vivido é também a possibilidade de descobrir não só a beleza do corpo que envelhece, mas a harmonia do todo – mundo exterior e interior. Afinal, a vida é transitoriedade, movimento incessante, motivo pelo qual o ser humano envelhece. A mudança é inevitável, é passagem.

Os sujeitos narcísicos contemporâneos buscam a todo custo uma imagem que agrade ao outro. Muitos não medem esforços para ter uma “bela forma”, um corpo perfeito que clama pela não exclusão no campo social, a fim de sustentar a fonte de significação. Será que para ser belo é preciso ter pele firme, viçosa, exibindo tonicidade? O corpo do sujeito que envelhece perde seu estatuto erogênico com a erosão natural e irreversível do passar do tempo?

A dinâmica do processo de envelhecimento sofre influência da singular representação de um corpo biológico que declina, sofre uma involução, mas não de um corpo por onde circulam os conflitos pulsionais, se traduzem as representações recalçadas, se expressam as emoções, os afetos, as trocas com o mundo externo, corpo erógeno que é tanto veículo como fonte de prazer, na busca incessante de satisfação e gozo. Corroborando estas idéias, a psicanalista Mônica Messina (2002) questiona:

Como pensar o corpo erogênico dos velhos no regime das identificações corporais, com seus modelos de corpos esvaziados, peles, bundas e seios caídos e suas próteses corretivas, nestes tempos em que os valores simbólicos estão empobrecidos, onde vigora cada vez mais um apelo à cultura do corpo.<sup>68</sup>

---

<sup>68</sup> MESSINA, M. **Dimensões do Envelhecer na Contemporaneidade**. Disponível em: [http://www.estadosgerais.org/atividades\\_atuais/messina.shtml](http://www.estadosgerais.org/atividades_atuais/messina.shtml). Acesso em: 20 maio 2004.

Em muitos casos, o idoso não se sente ou não se vê mais enquanto objeto de desejo, impressão confirmada pela sociedade que a todo instante lhe sinaliza o quanto ele é agora “velho”, “feio”, improdutivo, inútil.

Na contemporaneidade, dependemos de nossa imagem no espelho do outro, ou seja, devemos ser ativos, competentes, produtivos, atraentes, competitivos, belos. Uma sociedade marcada pelos ideais narcísicos que nos faz permanecer na imediatez persuasiva e exclusiva das imagens com as quais os sujeitos passam a se identificar.

A perda do corpo jovem seria apenas um dos lutos que o sujeito em processo de envelhecimento deve enfrentar e elaborar. Nos comunicamos com o mundo externo por meio de nosso corpo. O que estaria comunicando o corpo do velho? O que está acontecendo com o seu ideal do ego, cuja origem é narcisista e tem a ver com o narcisismo perdido da infância, quando ele mesmo era o próprio ideal? Será que a imagem que o idoso tem de si próprio permaneceria assegurada? O idoso consegue manter sua auto-estima elevada, apesar de não mais corresponder a um modelo “jovem” de beleza?

O lugar do olhar e da imagem, presentes aqui, nos incita a retomar a questão do narcisismo. Parece-me, neste momento, oportuno e indispensável dizer algumas palavras sobre o mito de Narciso, bem como tentar definir, em suas linhas principais, aquilo que Freud entendia por narcisismo primário e secundário.

### **3.1. Narcisismo: do mito à teoria**

#### **3.1.1. Mito de Narciso**

Na mitologia grega, Narciso era um jovem de beleza rara, própria dos deuses, filho do rei Céfiso e da rainha ninfa Liríope. Após o seu nascimento, o adivinho Tirésias profetizou que ele deveria viver sem ter conhecimento de sua própria beleza.

Na versão de Ovídio, é nas águas puras e límpidas de um rio que Narciso vai se dessedentar e descobrir sua própria imagem. Ao defrontar-se com sua imagem refletida no espelho das águas, primeiramente não se reconhece. Neste primeiro instante, que é de não reconhecimento, ele encantado e capturado pelo fascínio de sua própria imagem, fica prisioneiro do imaginário.

O caráter ilusório da paixão de Narciso por si mesmo fez com que ele ficasse deitado, contemplando sua imagem durante muitos dias, vindo a morrer nesse local. Ora, fixado na ilusão e condenado a não amar senão a si mesmo, retira a libido e o interesse dos objetos externos para, embevecido, contemplar sua própria imagem. Vive, assim, uma forma de amor que não o conduzia à vida, mas à morte. Até porque o amor de si, quando não se tem abertura para a comunicação com o outro, é mortífero.

Conforme as predições de Tirésias, o belo Narciso não pôde atingir a velhice porque olhou sua imagem. Ele viveria somente enquanto a si mesmo não se visse. Por referência a esse mito, Freud concebe e elabora sua teoria sobre o

narcisismo como um estado normal no processo da constituição e do desenvolvimento da realidade psíquica. Vejamos o essencial de sua doutrina sobre o narcisismo.

### **3.1.2. Narcisismo em Freud**

Para melhor compreender o essencial do que Freud ensina sobre o narcisismo, convém partir do que ele chama de narcisismo primário ou originário, hipotético estado inicial da vida humana. Um estado caracterizado pela ausência de relações com o meio externo e pela indiferenciação entre o ego e o outro, tal como assinalou em 1916-1917, nas “Conferências Introdutórias à Psicanálise”.

Neste texto, destacou que o protótipo desse estado primitivo seria a vida intra-uterina, uma fantasia originária, na qual o sono seria uma metáfora do nascimento, isto porque, ao dormir, o sujeito restabelece um estado equivalente à vida fetal.

Em 1914, Freud situou esse termo como uma etapa entre o auto-erotismo e o amor de objeto. O auto-erotismo é um estado anterior à constituição unitária do ego. Desse modo, é uma fase que precede ao narcisismo.

Sabe-se que o ego não está presente desde o nascimento e, por isso, tem que ser desenvolvido para estruturar-se enquanto uma unidade. Inicialmente, a criança não experiencia a sensação de um corpo unitário, tomado como objeto total, mas sim, como um corpo fragmentado, constituído por um aglomerado de objetos parciais, no qual as pulsões parciais investem de forma auto-erótica,

encontrando em cada zona erógena, o “prazer de órgão”, correspondente. Os objetos investidos são as próprias partes do corpo, havendo, assim, o predomínio da sexualidade infantil, marcada pela parcialidade no modo de funcionamento.

Assim, a primeira forma de satisfação da libido é o auto-erotismo, ou seja, o prazer que um órgão retira de si mesmo, mediante as pulsões parciais que se satisfazem anarquicamente, independentes umas das outras. Daí Freud afirmar que a criança é uma pequena perversa polimorfa.

O auto-erotismo corresponde à inscrição da sexualidade no corpo biológico, processo este resultante da erogeinização do corpo por parte do grande Outro materno, no estado de dependência absoluta. Na concepção freudiana, esse estado é aquele em que a mãe, através do carinho, afeto, acolhimento, proteção, cuidados, de seu olhar desejante, bem como, mediante sua “sedução”, subverte o corpo biológico, instintual da criança, transformando-o em corpo erógeno, pulsante.

Neste contexto, como as pulsões auto-eróticas são parciais, demandam uma “nova ação psíquica” que as unifique, estruturando o corpo numa unidade narcísica.

No texto de 1914, diz Freud:

[...] O ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo [...]. (FREUD, 1914, p. 93)

Assim se faz a passagem do auto-erotismo para o narcisismo no desenvolvimento psíquico. Diante desta postulação, ocorre, paulatinamente, uma

primeira unificação das pulsões sexuais, surgindo assim, o narcisismo primário. Logo, num primeiro movimento no sentido da unificação pulsional em torno de uma imagem integrada, o ego passa a ser tomado como objeto de amor a ser investido.

O narcisismo infantil coincide com a constituição do ego enquanto unidade psíquica e representação corporal. Freud designa o narcisismo primário como um estado precoce de desenvolvimento do ego, em que a criança investe libidinalmente em si mesma, tomando a si própria como objeto de amor, antes de recorrer a objetos exteriores.

Constitui-se, então, um campo de ilusão narcísica, no qual a criança passa a internalizar uma imagem do corpo ao mesmo tempo integrada e perfeita, podendo, a partir daí, identificar-se e reconhecer-se. Freud pontua essa imagem de si mesma como “ego ideal”, forjado segundo o modelo onipotente das figuras parentais. Em última instância, esta relação de amor da criança consigo mesma, sofre uma transformação, suscitando uma nova demanda: a de ser objeto de amor de um outro.

O ego ideal se inscreve no psiquismo como uma referência, um modelo ao qual o eu tenta incessantemente retornar a esta posição em que a onipotência e a perfeição narcísica se assentam nas manifestações ilusórias da criança de ter sido amada e admirada incondicionalmente.

O narcisismo, na sua dimensão primitiva e primária, corresponde à constituição do eu através do olhar de um outro, nomeadamente, a mãe. Assim, o outro é investido como objeto, na proporção em que satisfaz às demandas narcísicas do psiquismo infantil.



No momento narcísico em que o eu passa a ser alvo do próprio amor, para o qual são dirigidos os investimentos libidinais, não existe, ainda uma relação objetual propriamente dita, sendo este o tempo da identificação primária. Pode-se considerar, então, o narcisismo primário como um tempo “mítico”, das ilusões do desejo infantil, onde sujeito e objeto encontram-se indiferenciados, fusionados, indiscriminados. O desejo é regido pelo princípio do prazer, sem ainda ter que se confrontar com as exigências do princípio da realidade.

A partir dessas concepções é possível compreender melhor que o narcisismo infantil constrói-se, efetivamente, mediante a revivescência do narcisismo das figuras parentais. A respeito disso, Nasio (1997) em “Lições sobre os sete conceitos cruciais em psicanálise”, coloca o seguinte:

Em 1914, Freud colocou em relevo a posição dos pais na constituição do narcisismo primário:” o amor dos pais pelo filho equivale ao seu narcisismo recém-renascido “[...]. Produz-se uma” revivescência“, uma ”reprodução“ do narcisismo dos pais, que atribuem ao filho todas as perfeições e projetam nele todos os sonhos a que eles mesmo tiveram de renunciar.” Sua Majestade o Bebê “realizará “os sonhos de desejo que os pais não puseram em prática”, assim garantindo a imortalidade de seu eu [...]. (NASIO, 1997, p. 49)

De certo modo, o narcisismo primário pode representar uma espécie de onipotência ilusória cuja organização é possível quando se promove o encontro do narcisismo nascente do bebê com o renascente dos pais e, tal como assinalou Freud:

[...] Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram [...]. Além disso, sentem-se inclinados a suspender,

em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados [...]. (FREUD, 1914, p. 107-108)

Dentro deste contexto, somente a partir da constituição do ego como unidade psíquica, é possível pensar a questão da relação com os objetos e da escolha objetal. A passagem do narcisismo primário para o secundário pressupõe, portanto, um retorno da libido, retirada dos investimentos objetais, ao ego. Sobre isso, Freud (1914), destacou:

[...] A libido afastada do mundo externo é dirigida para o ego e assim dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo [...]. Isso nos leva a considerar o narcisismo que surge através da indução de catexias objetais, como sendo secundário, superposto a um narcisismo primário que é obscurecido por diversas influências diferentes. (FREUD, 1914, p. 91)

O narcisismo secundário é regido pelo ideal do ego, que se organiza quando o ego infantil é deslocado de sua onipotência. Cabe aqui, uma indagação: Qual seria a razão para o fato da criança sair do narcisismo primário e passar para o secundário?

Na interpretação freudiana, o que vem abalar essa imagem narcísica e ilusória em torno do ego é o “Complexo de Édipo”, momento em que há a interdição paterna, ou seja, a entrada do pai enquanto representante da lei, de autoridade para barrar o desejo incestuoso, promovendo a ruptura da relação dual, fusional entre mãe-bebê.

Trata-se, portanto, da castração – operação simbólica que proporciona o corte necessário à identificação com a figura paterna, constituindo assim, a

triangulação edípica. A partir desse processo identificatório, a criança assimila, internaliza, introjeta a lei paterna, podendo ser inserida no registro simbólico e ter acesso à linguagem. A passagem do “ego ideal” para o “ideal do ego” só se faz pela aceitação da castração simbólica, na superação do Édipo que é estruturante e fundante para o sujeito.

A partir destas pontuações, pode-se afirmar: após a renúncia libidinal ao objeto no Édipo, concebe-se o narcisismo como uma estrutura de permanência no sujeito, em que será sempre solicitado um equilíbrio entre os investimentos narcísicos e objetais, através do ideal do ego.

Nesse sentido, a satisfação pulsional já estaria ligada à imagem integrada, totalizada de um corpo. O ideal do ego constitui-se, pois, como herdeiro do ego ideal e, assim, o estado narcísico do eu ideal é transferido para os ideais que o sujeito pretende ser e para isso, se esforçará para alcançar no futuro aquilo que ele projetou como gostaria de ser. Esse ideal se coloca como algo a ser seguido, isto numa tentativa de restituir, ao menos em parte, a perfeição narcísica outrora perdida.

Sobre a distinção entre libido do ego e libido objetal, pode-se mencionar que a gênese desta última é através da libido narcisista, na qual o eu é tomado como objeto de amor. Já no narcisismo secundário, a libido narcisista é retirada dos objetos, havendo a reversão, secundariamente, para o ego.

Para resumir as idéias aludidas acima, destaco as colocações de Nasio (1997):

No final das contas, o narcisismo secundário se define como o investimento libidinal (sexual) da imagem do eu, sendo essa

imagem constituída pelas identificações do eu com as imagens dos objetos. (NASIO, 1997, p. 55)

### 3.1.3. O corpo narcísico

Conforme vimos, em Freud, o investimento libidinal dos pais no corpo da criança, totaliza-o. Esse “algo a mais” é acrescentado ao auto-erotismo para assim, constituir o narcisismo. Daí o corpo auto-erótico, fragmentado e apossado pelas pulsões sexuais parciais se unificará num corpo narcísico. A respeito disso, Zeferino Rocha (1995) assinala:

[...] Freud postula uma “nova ação psíquica”, pela qual se faz a passagem do auto-erotismo para o narcisismo. Foi o que Lacan, magistralmente, desenvolveu como a **fase do espelho**. Sem esta experiência estruturante, o Ego será para sempre prisioneiro das fantasias do corpo despedaçado. Sem esta captação da imagem unitária do corpo no espelho, a confrontação futura do homem com sua própria imagem será problemática e angustiante [...].<sup>69</sup>

Esta leitura da constituição do corpo narcísico se enriquece com a contribuição oferecida por Jacques Lacan, no seu trabalho sobre o “estádio do espelho”, o qual marca o esboço do caráter imaginário do ego. Representa, pois, a constituição do ego narcísico a partir de uma imagem corporal totalizada, de uma *gestalt* de seu próprio corpo.

No Congresso Internacional de Marienbad, em 1936, Lacan apresentou seu trabalho sobre o “estádio do espelho”, redimensionando a teoria do ego e enriquecendo, consideravelmente, as reflexões freudianas sobre o narcisismo.

---

<sup>69</sup> ROCHA, Z. **Freud: Aproximações**. 2ª ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1995, p. 196.

O estágio do espelho revela a dialética entre a alienação e a subjetivação. A partir desta teorização, Lacan elaborou o registro do imaginário, considerado, por ele, como um dos três registros psíquicos. O ego constituído por uma imagem especular, na relação com a imagem do semelhante, seria do registro imaginário.

A fase do espelho se organiza quando a criança entre os seis meses e dois anos e meio passa a se reconhecer no espelho, apreendendo a totalidade de seu corpo numa imagem unitária, tomando conhecimento de si própria. A identificação primordial com esta imagem unificada do próprio corpo promove a estruturação do eu, terminando, pois, com a vivência psíquica singular que Lacan designa como fantasma do corpo esfacelado.

A criança vê sua imagem refletida pelo espelho, entretanto, há uma discordância entre a visão global de sua forma corporal que precipita a formação do eu e o estado de dependência, impotência motora e o estado de imaturidade neurofisiológica em que se encontra. Lacan enfatiza que a condição de impotência da criança e a prematuridade biológica seria a razão da alienação imaginária no espelho. Daí ela não perceber a totalização de seu corpo.

A imagem que a criança vê, é vista por um outro (a mãe) que a nomeia e a reconhece, permitindo ao bebê reconhecer-se enquanto tal. A criança se identifica através desse outro – a mãe, numa “antecipação jubilatória” com a imagem que, apesar de ser sua, é a de um outro que representa igualmente um espelho. Tal como nos diz Rocha: no espelho, porém, o eu aliena-se na sua imagem e a

relação que aí se constitui é ainda uma relação dual. O outro especular é o reflexo de sua própria imagem.<sup>70</sup>

Dolto afirma que a imagem do corpo é elaborada como uma rede de segurança linguageira com a mãe. Diz, ainda, que é apenas a experiência do espelho que dá à criança o choque de captar que sua imagem corporal não era suficiente para corresponder, para os outros, a seu ser conhecido por eles.<sup>71</sup>

Ela antes vivenciava-se como um corpo despedaçado e, agora, se acha fascinada por essa imagem do espelho e se rejubila. Para Nasio (1997): Toma-se pela imagem e conclui: “a imagem sou eu”, embora essa imagem se situe do lado de fora, externa a ela. Aí está o que Lacan chama de identificação primordial com uma imagem ideal de si mesmo.<sup>72</sup>

A captação imaginária do eu é o que caracteriza o narcisismo. A estrutura egóica e o corpo narcísico se organizam a partir desta externalidade, representada pela figura dos pais que investem libidinalmente a criança. A imagem ideal de si mesma vai se confundir com a imagem do semelhante e constituir seu ego ideal, através do processo de identificação, na concepção lacaniana.

Passemos, então, a analisar a relação do idoso no confronto com sua imagem frente ao espelho e as instâncias do ego ideal e ideal do ego. Vamos abordar a questão do “susto diante do espelho”, onde entra a dimensão do narcisismo. Toda relação narcísica é especular em que o outro é o reflexo da própria imagem.

---

<sup>70</sup> Ibid, p. 196.

<sup>71</sup> DOLTO, Françoise. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984, p. 122- 124.

<sup>72</sup> NASIO, J. D. **Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 57.

Perplexidade e estranhamento marcam o confronto do idoso com sua imagem refletida no espelho. Mas, o encontro com o outro do espelho, pode ser entendido como o encontro com o mesmo, já que o eu se constituirá por este olhar externo que o constituiu.

A imagem refletida no espelho é a de si e, ao mesmo tempo, de um outro externo. É o mesmo sujeito, apenas em idades diferentes que tentam com resistência se reconhecerem um no outro, apesar de serem o mesmo. O sentimento de estranheza dá-nos a impressão de que um é desconhecido do outro e isto chega a ser apavorante, como examinaremos mais adiante.

O idoso desejando alcançar o aconchego anterior da possível completude narcísica pode se perder no imaginário de uma juventude eterna que não existe – narcisismo ferido (ego ideal) como, por exemplo, usar roupas extravagantes e inadequadas.

A tomada de consciência dos limites abre uma perspectiva de ideal do ego que não tem idade e está como horizonte de possibilidades. Veremos também o caso do político Byron Sarinho que se suicidou por não suportar o envelhecer e o ficar doente. Antes, porém, sublinho alguns comentários sobre a relação entre auto-estima e a velhice.

### 3.2. O Idoso e a Auto-Estima

É fundamental que os idosos aprendam a lidar com as transformações de seu corpo e que possam compreender que essas modificações fazem parte do processo do envelhecer, bem como aprender a tirar proveito de sua atual condição, prevenindo e mantendo, em bom nível, sua independência e plena autonomia.

Na velhice é necessário que o idoso procure tudo quanto beneficie a sua saúde física e psíquica como, por exemplo, ter estilos de vida ativos, integrar exercícios físicos a seu cotidiano, alimentação saudável, espaço para o lazer, realizar atividades prazerosas, bom relacionamento familiar e, sobretudo, investir em si próprio, cuidar de si e valorizar-se.

Auto-estima significa gostar de si mesmo, apreciar-se. Não se trata, porém, de um excesso de valorização de si, de arrogância ou egocentrismo, mas de gostar daquilo que se é, aceitando o equilíbrio entre as habilidades, potencialidades e as limitações.

A auto-estima é a capacidade que um sujeito tem de confiar em si, de se sentir capaz para poder enfrentar os desafios da vida. É expressar de forma adequada, para si e para os outros, as necessidades e os desejos, é ter amor próprio.

Sair-se bem em qualquer situação, ser mais assertivo, driblar os obstáculos, ter coragem para ousar não são tarefas fáceis, mas é preciso se arriscar, acreditar



em si mesmo, o que é de extrema importância para soltar as amarras que prendem a auto-estima.

A busca de uma vida ativa com qualidade e o não aniquilamento da capacidade de amar a si e ao outro, seriam as principais alavancas do bem-estar, da felicidade, da longevidade e, conseqüentemente, do não adoecimento. No artigo de 1914, Para Introduzir o Narcisismo, Freud nos lembra:

Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em conseqüência da frustração, formos incapazes de amar. (FREUD, 1914, p. 101).

O cuidado pessoal e de quem se gosta são importantes indicadores de uma auto-estima elevada e que envolve muito mais do que tentativas de manter uma aparência jovem. Os valores sociais contemporâneos e os preconceitos acerca do envelhecimento exercem um impacto negativo sobre a auto-estima dos idosos.

Quando estes se baseiam fundamentalmente naquilo que é valorizado pelo mundo contemporâneo, dominado pelo padrão de beleza da juventude, isto se torna um dos fatores que podem interferir numa avaliação negativa de si mesmo: “Já fui tão bonita, minha pele tinha um certo brilho e hoje me acho feia, horrorosa, meu corpo está envelhecido” (sic), relatou-me uma paciente idosa de 87 anos. Estas palavras evidenciam notadamente o sentimento de baixa auto-estima, de auto-desvalorização, auto-depreciação que pode até gerar ansiedade, medo, fobias, depressão e isolamento social

De acordo com a idéia que construímos sobre nós mesmos, da avaliação, positiva ou negativa, que fazemos, de como percebemos nossa auto-imagem (como nos vemos e como achamos que os outros nos vêem), conduzimos nossos julgamentos, comportamentos e nos impulsionamos para a vida.

A auto-estima, também, está intimamente relacionada com a confiança na capacidade para enfrentar as dificuldades ou as crises com as quais nos defrontamos e fazer os reparos e ajustes necessários para prosseguir vivendo de forma equilibrada e serena, gerenciando a própria existência.

A percepção da velhice é subjetiva. Por exemplo, existem pessoas de uma mesma idade cronológica, que podem se considerar idosas ou não. De modo geral, os idosos que não estão doentes, ou emocionalmente deprimidos, não se consideram velhos e podem até estar felizes e satisfeitos com as mudanças corporais.

A auto-estima não tem nada a ver com a idade, mas, sim, com o que realizou e com o ainda não realizado. É necessário, então, deixar fluir dentro de nós a espontaneidade, a criatividade, abrindo caminhos para a renovação. O idoso vivaz não permite que essa valorização desmedida que fizeram do jovem na contemporaneidade o afete. O que importa é a postura diante da vida, a forma de ser e de buscar a própria felicidade.

A velhice é um processo contínuo de reconstrução, que se faz com sabedoria, beleza, sonhos, desejos e curiosidades. Para isso, é preciso uma preparação interna. Ter projetos e colorir a existência com novos matizes após os 60 é possível, apesar das frustrações, vivências traumáticas e dos dissabores. Fazer planos para o amanhã é viver.

O importante é não desistir nem muito menos se entregar a um ócio mortífero. A acomodação estagnada, o desalento é uma opção auto-destrutiva. Manter a auto-estima num nível elevado é poder dizer em todas as idades “eu sou mais eu”, o que evidencia uma forma de narcisismo sadio. Como já anunciara Freud, quem não tem um pouco de estima de si, adoece. Logo, uma dose de narcisismo é fundamental para o equilíbrio psíquico.

### **3.3. “Susto diante do Espelho”: o velho do espelho, um outro?**

Apresentarei, neste tópico, alguns recortes dos discursos das vivências de meus pacientes idosos, oriundos da escuta clínica e da literatura que servirão para ilustrar a teoria.

O início da minha prática clínica com idosos foi marcado pela participação como psicóloga voluntária das atividades desenvolvidas e psicoterapia individual, no Ambulatório de Psicologia e Gerontologia no Núcleo de Atenção ao Idoso – NAI, subprograma do PROIDOSO, na Universidade Federal de Pernambuco/UFPE - Centro de Ciências da Saúde / Departamento de Medicina Social.

Atualmente trabalho com idosos em consultório particular, bem como faço parte da equipe de Geriatria do Real Hospital Português, daí a escolha de alguns fragmentos de casos clínicos por mim acompanhados que ilustrarão minhas asserções.

Com o propósito de analisar a maneira como os idosos estão se inserindo no contexto cultural contemporâneo, fui a campo e entrevistei seis idosos, de ambos os sexos (4 mulheres e 2 homens), de classe média da zona urbana da Cidade do Recife, acima dos 60 anos de idade.

Todos eles levam uma vida saudável, caminham na praia, praticam atividades físicas, fazem alguma modalidade de exercício (hidroginástica, musculação) em academias, evidenciando, portanto, as práticas de cuidado com o corpo, a saúde e comprometidos com a qualidade de vida.

Inicialmente, entrei em contato com alguns idosos a fim de averiguar aqueles que se adequariam ao nosso universo de pesquisa. A escolha se deu de forma aleatória e os critérios adotados foram: faixa etária e classe social.

As entrevistas transcorreram sem maiores dificuldades e todos eles se mostraram bastante receptivos e disponíveis para falar sobre o próprio processo de envelhecimento. Existia um roteiro pré-estabelecido (vide anexo I), mas apenas como uma direção dada pela pesquisadora, baseada nos objetivos da pesquisa.

Foi utilizado um mini-gravador e fitas áudio-cassete para gravar as entrevistas realizadas, as quais posteriormente foram transcritas, respeitando-se o vocabulário e o estilo das respostas dadas. A idéia era escutá-los atentamente, incentivando a associação livre em seus discursos.

Os depoimentos colhidos na relação terapêutica e nas entrevistas, ilustram como o envelhecimento se efetua de modo singular no decorrer da vida de cada sujeito, segundo a organização psíquica e a capacidade de enfrentar as diversas experiências de perdas e aquisições que tocam o ser individual em sua dimensão existencial, corporal, social e cultural.

Isso confirma, no meu entender, que existem inúmeras formas de envelhecer e de velhices, a depender das contingências familiares, sociais e das forças pulsionais que os impulsionam na direção de algum ideal de vida.

O escritor Osman Lins expressa com sensibilidade essa singularidade do processo de envelhecimento, ao escrever em “Nove novena”: Conheci dezenas de velhices, para não dizer centenas. Ninguém pode ensinar-me o que é ser velho.

As ilustrações clínicas que se seguem, contribuíram substancialmente para corroborar as reflexões teóricas dos autores, sobre os quais me apoiei. Espero que elas proporcionem um maior aprofundamento do tema que estamos trabalhando nesta dissertação.

### **3.3.1. O Velho é sempre o Outro**

A escritora Simone de Beauvoir fala que a velhice pertence à categoria dos “irrealizáveis” de Sartre, isto porque o sujeito idoso não pode ter uma experiência interior plena do ser velho. Trata-se, portanto, de uma experiência em si própria, irrealizável: O que somos para outrem, é impossível vivê-lo no modo do para-si.

O velho não pode conceber sua imagem como é para os outros, ou seja, ele não pode assumir a velhice enquanto exterioridade nem pode assumi-la existencialmente, tal como ele é para o outro, fora de si. É o olhar do outro (aquele que observa do exterior), que sinaliza nosso envelhecimento, nossa decadência. Em linhas subseqüentes, a referida autora nos adverte:

[...] para reencontrar uma visão de nós mesmos, somos obrigados a passar pelo outro: como esse outro me vê? Pergunto-o ao meu espelho. A resposta é incerta: as pessoas nos vêem, cada uma à sua maneira e nossa própria percepção, certamente, não coincide com nenhuma das outras. (BEAUVOIR, 1990, p. 363-364)

Que cumplicidade se encontra no olhar dos outros? O que ninguém quer ver de si? Partindo desta idéia, o velho será sempre o outro, em quem não nos reconhecemos. Como nos diz Carlos Drummond de Andrade: os outros enxergam a velhice que se esconde em nós.

A velhice é particularmente difícil de se assumir, porque sempre a consideramos como algo estranho: será que nos tornamos uma outra pessoa, enquanto permanecemos nós mesmos, apenas em idades diferentes? Tal situação é vivida com espanto e desconforto.

Para Messy (1999): A imagem da velhice parece uma imagem “fora”, no espelho, imagem que nos apanha, quando é antecipada e produz uma impressão de inquietante estranheza.<sup>73</sup> Este sentimento do estranho inquietante foi descrito por Freud em seu artigo “O Estranho” (1919), quando tinha aproximadamente uns 63 anos. Recordemos uma passagem em que ele relata um episódio acontecido consigo mesmo, ao defrontar-se com sua própria imagem espontânea e inesperadamente:

Posso contar uma aventura semelhante que ocorreu comigo. Estava eu sentado sozinho no meu compartimento no carro-leito, quando um solavanco do trem, mais violento do que o habitual, fez girar a porta do toailete anexo, e um senhor de idade, de roupão e boné de viagem, entrou. Presumi que ao deixar o toailete, que ficava entre os dois compartimentos, houvesse tomado a direção errada e entrado no meu compartimento por

---

<sup>73</sup> Ibid, p.14.

engano. Levantando-me com a intenção de fazer-lhe ver o equívoco, compreendi imediatamente, para espanto meu, que o intruso não era senão o meu próprio reflexo no espelho da porta aberta. Recordo-me ainda que antipatizei totalmente com a sua aparência. (FREUD, 1919, p. 309)

Esse trecho ilustra muito bem o que acontece quando o apavorante se liga ao familiar. Apesar de íntima, em nada se parece com a imagem que se presentifica no espelho. Provém daí, portanto, a sensação de desagrado, de inquietante estranheza. O assustador constituiria, assim, o estranho, que não é nada novo ou alheio. Um paciente idoso, de 79 anos, dizia-me: “Um dia eu cheguei em casa, me olhei no espelho, tomei um susto e me perguntei: esse sou eu mesmo? (sic).

O espelho se mostra traiçoeiro, estaria o enganando. Esta não seria a sua “verdadeira” imagem. Recordo-me de um outro relato clínico de um idoso, aos 61 anos que dizia ao referir-se ao espelho: “eu não sou o que ele mostra, está deformando a minha imagem” (sic).

O espelho apresenta-se como opressor, mostra nosso desleixo com nossa imagem, nos cobra o cuidado com a aparência, reflete nossas nostalgias, saudades, alegrias e melancolias remetendo, também, à vivência do tempo que deixa suas marcas inscritas em nosso rosto, no corpo. Relatava-me este Sr.: “eu me olho no espelho e vejo a decadência física e digo: quanto cabelo branco, está todo grisalho [...]. Eu não me reconheço no sentido do rosto envelhecido, da minha aparência enrugada”. (sic).

Lembro-me de uma outra Sra, a quem chamarei de Dulce, de 75 anos que referiu: “certo dia, eu me olhei com muita atenção no espelho e vi no meu rosto as rugas, sinal que o tempo passou. Na cabeça, vi os fios brancos”. (sic).

A imagem do velho se desvanece no espelho, no qual não se reconhece neste rosto de hoje enrugado que é o mesmo de ontem, mas tão diferente, isto é, algo se transformou, se perdeu. Será que o idoso quando se olha no espelho se reconhece nessas rugas? Na aparência física totalmente modificada?

O velho no espelho pode tornar-se um outro, ou seja, aquilo que ele não quer ser, conforme afirmou Simone de Beauvoir “o velho é sempre o outro”. E, mais adiante acrescenta:

[...] em mim, é o outro que é idoso, isto é, aquele que sou para os outros e esse outro sou eu [...]. A aparência de nosso corpo e de nosso rosto nos informa com mais certeza: que contraste com nossos 20 anos! Só que essa mudança se opera continuamente, e nós mal a percebemos [...]. Em nós é o outro que é velho, que a revelação de nossa idade venha dos outros.<sup>74</sup>

O corpo revela uma velhice não esperada, não desejada que amedronta e assusta por se apresentar como uma grande ameaça: confronta-nos com nossa finitude e lembra que nosso ser está próximo de deixar de existir.

Quando o idoso não se reconhece na sua imagem, talvez permaneça fixado a um tempo passado, não aceitando o presente, o que é hoje. A temporalidade é imanente e nos constitui. Reconstituímos o passado, vivemos o presente no instante em que estamos, dando-lhe uma continuidade e, além disso, nos

---

<sup>74</sup> BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 348-351.



projetamos para o futuro. O corpo do velho que está diferente escancara esta relação com o tempo. Sobre isso, Délia Goldfarb (1998), traz uma importante contribuição:

O tempo do envelhecimento está ligado à consciência da finitude, que se instaura a partir de diferentes experiências de proximidade com a morte durante a vida toda, mas que na velhice adquire a dimensão do iniludível.<sup>75</sup>

A velhice nos remete também à nossa história. A título ilustrativo, basta lembrarmos que é muito comum ficarmos espantados quando vamos rever álbuns de fotografias. Ao depararmo-nos com os “velhos retratos”, por vezes, dizemos: “Era eu nessa foto?”. Daí provém as recordações de como se era no passado: modo de se vestir, corte e penteado do cabelo, aparência mais jovial.

Para pensar esta questão, trago uma situação que acontece muito freqüentemente no atendimento clínico aos idosos. Eles trazem para o setting terapêutico seus álbuns de fotos. Seria, talvez, uma forma de resgatar suas histórias através das recordações que constituem sua identidade. Nelas, vem à tona toda a bagagem de reminiscências e experiências que eles têm e que atualmente dificilmente podem transmitir, porque “ninguém” os escuta, nem valoriza o que têm a dizer.

O sentimento de estranheza também é revelado quando os idosos revêem as fotografias da juventude e passam a perceber as diferenças, o que lhes faz experimentar um certo espanto. Dona Marinete, de 77 anos, trouxe o álbum de seu casamento e comentou: “Ah! Olha como eu era [...] como eu estava alegre,

---

<sup>75</sup> GOLDFARB, D. C. **Corpo, Tempo e Envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 108.

bonita [...]. Eu era bem magrinha, tinha a cintura fina [...]. Era muita vaidosa, fazia diferentes penteados no meu cabelo, só usava vestidos da moda, sapato alto e de bico fino”. (sic).

Numa outra sessão, mostrou-me algumas fotos das viagens que fazia com sua família, dos passeios, hotéis, praias: “Eu era muito bonita quando era jovem [...]. Muitas pessoas comentavam, admiradas a maneira como eu me produzia, me vestia bem, meu rosto era bem afilado [...]”. (sic). O que chama a atenção nesses depoimentos é que o rosto procurado, quer no espelho ou nas fotografias, coincide com aquele de uma fase anterior, correspondente a uma maior satisfação narcísica.

É interessante também observar a utilização do verbo “era”. E não é mais? Quem seria, então? Um outro? A imagem do espelho ou da foto não mais corresponde à imagem armazenada na memória e que segundo Messy, “pode ser confundida com a imagem de um pai ou outro parente idoso, talvez morto”. Uma de nossas entrevistadas, de 64 anos, ao comentar seu próprio processo de envelhecimento disse:

[...] Na minha juventude eu era uma pessoa velha. Minha mãe morreu mais nova do que eu. Mamãe morreu com 62 anos e mamãe era uma velha no sentido lato, de cabelo, de roupa e até lentidão de movimento também, não fazia exercício, naquele tempo, a geração anterior à minha não fazia [...] Então, na minha imagem, mamãe era uma pessoa lenta, era uma pessoa de cabelo branco, envelhecida. Mamãe era uma pessoa velha com 62 anos [...]. (ENTREVISTADA 1, 64 anos)

Sua figura materna já não existe mais como respaldo e a entrevistada se volta para o passado na tentativa de encontrar os “bons-objetos”, nomeadamente, a mãe.

### 3.3.2. O Retrato de Dorian Gray

A obra literária, “O Retrato de Dorian Gray”, do escritor Oscar Wilde, traduz as principais preocupações estéticas do autor. O enredo trata de um tema bastante atual: a obstinação pela aparência e juventude eterna. O romance constitui uma reflexão sobre o envelhecimento, o prazer, o crime e o castigo/punição.

O personagem Dorian Gray é um homem rico, típico aristocrata inglês da época vitoriana. É retratado por um pintor que o admira. O artista fica embevecido com a perfeição dos seus traços, que conservava a candura do rosto juvenil. Ao olhar para a obra de arte concluída, Dorian não se contém ante sua imagem e se lamenta por saber que envelhecerá, enquanto seu retrato permanecerá sempre o mesmo, belo e jovem. E, se fosse o retrato, e não ele, a guardar as marcas do envelhecimento?

Como Narciso, Dorian Gray não podia se enxergar, pois corria o risco de sucumbir. Frente ao pavor de perder a beleza, única coisa que o fazia reconhecido pelos outros, ele faz um pacto macabro com a sua imagem. Faz, então, um pacto de não envelhecimento com o demônio, de modo que o tempo passa e o jovem permanece sempre com beleza singular.

Ele vai perfazendo suas maldades e a cada ato perverso, o seu retrato vai sendo marcado. O encontro entre Dorian e seu quadro se dá muitos anos depois, quando a pintura passou a retratar um verdadeiro e horrível monstro, enquanto a face do herói permanecia tal qual aos 21 anos de idade.

Dorian tenta desfazer a imagem do quadro, atingindo-a com um punhal. Neste momento seu próprio rosto assume as marcas do tempo e, se transforma num velho. A passagem das marcas do quadro para a face do personagem é uma metáfora do momento do encontro com o outro do espelho. A imagem indesejável invade o eu, destituindo-o de sua imagem ideal.

O herói não suporta mais seu retrato envelhecido e decrépito, como reverso de um ideal para sempre perdido. Como se o ideal fosse a pretensão de manter uma aparência bela e jovem que nunca envelhecesse.

Quando o “ideal” fracassa, revela-se o descontentamento e o descompasso entre a percepção e a vivência. Eis as palavras de Wilde: “a tragédia da velhice não é envelhecer, mas permanecer jovem”. Uma maneira de ver que corrobora com os valores preconizados pela cultura do narcisismo, pautada na valorização daquele que se mantém jovial e que parece, assim, gozar de maior reconhecimento.

O personagem, aqui analisado, passa a encarnar o drama: ser tão belo quanto a mãe. Ele ama aquilo que o faz sentir-se amado. Só se vê na procura do amor/olhar da figura materna. Passa a estabelecer relações meramente complementares e não se furta de destruí-las, quando se sente frustrado nas suas intenções.

Dorian Gray deseja estancar as marcas da passagem do tempo em seu rosto, transferindo para a pintura, isto é, para um outro, o desespero frente ao estado de impotência.

Havia enunciado o louco desejo de conservar-se jovem, enquanto envelhecesse o quadro [...] Ah! se sua beleza não devesse fenecer e fosse permitido ao retrato, pintado nessa tela, carregar o peso de suas paixões, de seus pecados! A pintura não poderia, pois, ficar assinalada pelas linhas de sofrimento e dúvida, enquanto ele conservasse o desabrochar delicado e a lindeza de sua adolescência?. (WILDE, 1993, p.100).

O quadro refletia o seu belo corpo, revelando, também, sua bela face pintada na tela. Tal como Narciso, mirando-se na própria imagem, ele ficava aprisionado pelo que via. Durante muitos dias, ele se colocara diante do seu retrato, maravilhando-se com sua própria beleza, enamorado de si mesmo. Mas, o que a velhice estaria lhe revelando de tão insuportável? O limite da onipotência infantil? Cito um fragmento em que Wilde retrata muito bem isso:

[...] De hora em hora, de semana em semana, a imagem pintada decairia: ela poderia escapar à disformidade do vício, mas a fealdade dos anos se fixaria. As faces tornar-se-iam encovadas e pelancosas. Os pés-de-galinha circundariam os olhos amortecidos, assinalando-os com um estigma horrível. Os cabelos perderiam o brilho, a boca, mole e entreaberta, apresentaria essa expressão grosseira ou ridícula que possuem todas as bocas de velho. O pescoço dessa imagem tornar-se-ia rugoso; as mãos mostrariam as veias azuis salientes; o corpo curvar-se-ia como o do avô, que fora tão áspero para ele na sua infância. O quadro devia ser afastado de todos os olhares. Ele não poderia proceder de outra forma. (WILDE, 1993, p. 133)

Sabe-se que o controle da onipotência se produz entre o desejo e a lei, no entanto, Dorian Gray não conta na infância, nem na vida adulta, com o olhar impeditivo; ao contrário, refugiou-se onde lhe reafirmassem que ele permaneceria sendo o Rei, o mais belo de todos. O predomínio desta forma narcisista do ego ideal na sua dimensão erótica se reflete no investimento e cultivo à beleza em

suas constantes tentativas de negar as marcas do transcurso temporal – o envelhecer.

É a isso que a própria cultura do narcisismo, marcada pelos imperativos da juventude, conduz os sujeitos: hedonismo, individualismo, busca da felicidade predominantemente procurada na fruição da beleza. Uma das idosas entrevistadas disse o seguinte:

[...] No meu tempo, tenho 77 anos, naquele tempo ninguém cultivava tanto esse negócio de magreza, de ser esbelto, essas coisas de cultivar mais o corpo, não existia isso. A gente normalmente levava a vida, era normal. Hoje em dia o povo faz até plástica [...] Mas, naquele tempo ninguém pensava nisso, pensava em viver normalmente a vida. (ENTREVISTADA 3, 77 anos)

Toda cultura exige, para sua sobrevivência e em prol da construção social, o sacrifício das exigências pulsionais, renúncia/privação, impondo, assim, muitas insatisfações. Não há época que não produza sofrimento e formas específicas de mal-estar, que fazem parte do contexto cultural.

Afastar-se do sofrimento, no caso de Dorian Gray, fazia com que buscasse uma satisfação inalcançável. Portanto, mal-estar e desejo caminham juntos, num movimento contínuo e ininterrupto. Na obra de Oscar Wilde, o incômodo e pavor ante os sinais do envelhecimento se colocam como um desespero frente ao inexorável: a finitude.

O choque que se dará diz respeito ao sofrimento oriundo da fragilidade dos nossos próprios corpos e da constatação da proximidade da morte como possibilidade. É por isso que, na velhice, em muitos casos, os sujeitos caem na

crise propiciada pela crença na decrepitude e inutilidade atribuídas às pessoas de idade avançada.

### 3.3.3. A fuga da Velhice pelo Suicídio

A velhice pode revelar desde o simples descontentamento com a própria imagem até a deterioração orgânica, antecipando a aproximação de um fim. É daí que advém a depressão em alguns idosos que, em casos mais extremos de não aceitação da velhice, pode levar ao suicídio. Podemos destacar como exemplo, o caso do político Byron Sarinho. Transcrevo um trecho de sua carta de despedida deixada para a família e os amigos:

[...] Minha motivação é somente uma, e sobre ela já venho lhes falando/escrevendo há muito tempo: não quero, não devo e nem posso ficar (mais) velho. Não pela idade em si, mas pelo inevitável cortejo de privações, desconforto e sofrimento que ela traz particularmente para alguém como eu, que vive (e ainda vivo) sem suportar limites e restrições. Vejam, por favor, as coisas por outro ângulo. Pensem no que todos estamos evitando: um velho pobretão, irritadiço e nostálgico da juventude. Na melhor hipótese, cheio de achaques; na pior, dependente ou até inválido. Vade retro! Este transtorno de agora, acreditem, é bem menor e mais passageiro do que o monumental estorvo que estou lhes poupando. A verdade é que nunca me preparei para ser idoso. E se minha vida ainda está bem razoável – para um sessentão, óbvio – por que tenho que esperar o pior, para mim e para as pessoas queridas? A saída tem que ser agora, antes que eu ultrapasse a marca dos 60 anos [...].<sup>76</sup>

---

<sup>76</sup> SARINHO, Byron. **Carta de despedida** deixada por Byron Sarinho para a família e os amigos. Disponível em: [http://geraldofreire.uol.com.br/carta\\_byron\\_sarinho.html](http://geraldofreire.uol.com.br/carta_byron_sarinho.html). Acesso em: 28 junho 2004.

Dentre os idosos entrevistados, no entanto, todos eram muito ativos, de vida social intensa, desenvolvendo suas potencialidades, realizando seus desejos e fazendo investimentos adaptados à sua própria realidade, enfim, se mantêm ocupados com atividades e conservam sua autonomia e independência. Isto é, têm condições de utilizar as capacidades sublimatórias disponíveis, mesmo diante das incontroláveis perdas decorrentes do avançar da idade. Um ideal do ego bem organizado e estruturado resistirá às marcas do tempo, das pressões e dos mandatos sociais. Vejamos trechos de alguns depoimentos:

[...] Transformação normal. Não encarei como castigo como muita gente pensa, não encarei como limitações [...] A gente tem que ter a sabedoria necessária para saber que a gente não é mais uma menina de 20 (risos). Eu sei das minhas limitações, convivo com elas, sigo com elas. Acho bonito a sua juventude, acho lindo o seu cabelo [...] O cabelo fica seco, a pele tem que usar muito protetor solar, mas são as limitações da idade (risos). Eu acho que isso é o ônus que a gente paga. (ENTREVISTADA 1, 64 ANOS).

Nunca me liguei nesse negócio de envelhecimento [...]. Até agora não me atingiu emocionalmente em nada, mas sempre é bom a gente procurar ir envelhecendo mais saudável. (ENTREVISTADA 2, 62 ANOS)

Estou ficando velha eu sei, 77 anos não é brincadeira, mas eu ainda estou com o mesmo senso, penso bem, ainda raciocino [...] Sou velha o corpo, o físico, mas a minha mente não. (ENTREVISTADA 3, 77 anos)

Olhe, honestamente eu ainda não me dei conta que estou envelhecendo porque eu acho que a pessoa quando se entrega é que começa a envelhecer. Sob minha palavra de honra eu não penso que estou com 82 anos. Tem velho de 82 anos todinho arriado, sem andar, sem dirigir automóvel. Eu dirijo automóvel não tem problema nenhum [...]. O envelhecimento é o princípio do término da vida porque você pode envelhecer com saúde e pode envelhecer estirado numa cama que é uma coisa horrível [...]. Eu não penso que estou envelhecendo, não me cabe na memória que eu estou envelhecendo. Eu estou conversando com você



agora e estou rodando a cabeça procurando o envelhecimento, ainda não chegou, ainda não chegou. (ENTREVISTADO 4, 82 anos)

[...] Hoje eu não sinto a idade que eu tenho de jeito nenhum, não tenho dificuldade com nada, nem raciocínio, nem disposição física, nada [...] O meu astral é bom graças a Deus [...] Tem que envelhecer e não se foge disso [...] Eu tenho alegria de viver, eu não paro para pensar na morte de jeito nenhum [...]. (ENTREVISTADA 5, 65 anos)

A partir dos 60 anos a gente já começa a ver que as reações do corpo não são as mesmas, mas eu realmente não senti um declínio muito grande em relação da idade de 50 para 60, senti alguma coisa, mas não um declínio. Tenho vigor, faço muitas coisas que já fiz e eu não me sinto uma pessoa, embora com 67 anos, não me sinto uma pessoa limitada. As mesmas coisas que eu fazia antigamente faço hoje, embora com menor intensidade e com menor frequência [...] Sinceramente falando até agora eu não senti o que é ser velho [...] Eu não me sinto como um ancião de 70 anos já quebrado, não tem mais vontade de fazer isso, não tem mais vontade de fazer aquilo, não tem resistência [...] eu me sinto ainda realmente com vigor, saudável. (ENTREVISTADO 6, 67 anos)

Como vimos nas entrevistas dos idosos, assistimos impotentes ao envelhecer de nossa imagem – as modificações corporais, sem, contudo, sentirmos realmente os efeitos da idade que avança. É interessante o que Messy comenta: se o envelhecimento acompanha os anos, a velhice, por sua parte, se trama nos espelhos.<sup>77</sup>

O corpo que durante anos conservou-se dentro de uma certa estabilidade, começa a mostrar sinais de declínio. Além de não mais corresponder aos anseios dos idosos, também mobiliza olhares e passa a ser notado. As transformações no registro corpóreo são a cada dia mais acentuadas e perceptíveis. A forma física

---

<sup>77</sup> Ibid, p. 16.

refletida no espelho vai distanciando-se da imagem que antes lhe serviu como protótipo de representação de si mesmo. Esta é a imagem da memória, idealizada que remete à familiaridade do eu especular.

Quando volta o olhar para sua imagem, não se reconhece, há um momento singular de estranhamento. De modo geral, a velhice não é reconhecida pela própria pessoa de imediato, é algo que vem de “fora para dentro”, tanto que alguns psicanalistas falam do “susto ao espelho” como um momento de surpresa e não reconhecimento frente à própria imagem. Conforme nos disse a psicanalista Goldfarb (1998):

O sujeito que envelhece sabe perfeitamente que aquela imagem lhe pertence, mas experimenta ante ela uma certa estranheza, um susto, como se a imagem fosse de outro: há uma falta de reconhecimento como imagem, não como sujeito [...].<sup>78</sup>

O velho diante do espelho pode se tornar uma outra pessoa, um outro. E esse outro velho é aquele que eu não quero ser – “esse não sou eu”. Confirmam-se as perdas, o declínio físico e a deterioração corporal. Goldfarb chama esse fenômeno de espelho negativo que “acontece na maioria dos casos antes da velhice se instalar, entre os 50 e 60 anos”. É o que podemos observar no depoimento de um dos idosos entrevistados:

Olhe (risos), eu tenho colegas meus que são mais novos do que eu e vejo que eles estão envelhecidos, o cabelo branco, a fisionomia assim, denotando que ele está envelhecido, os dentes, quer dizer, o idoso muitas vezes ele não se cuida como deveria, não sei porquê? Vejo tantos colegas meus que são mais novos do que eu e nem se compara [...]. (ENTREVISTADO 6, 67 anos.)

---

<sup>78</sup> Ibid. p. 53-54.

Na obra *Ficção Completa*, João Guimarães Rosa em “O Espelho” (1994), ilustra o tema aqui abordado:

[...] Eu era moço, comigo contente, vaidoso. Descuidado, avistei... Explico-lhe: dois espelhos – um de parede, o outro de porta lateral, aberta em ângulo propício – faziam jogo. E o que enxerguei, por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento, pavor. E era – logo descobri... era eu, mesmo! O senhor acha que eu algum dia ia esquecer essa revelação? Desde aí, comecei a procurar-me – ao eu por detrás de mim – à tona dos espelhos [...]. (ROSA, Guimarães, 1994, p. 439)

Uma imagem indesejável invade o eu, destituindo-o de sua imagem ideal. Pode-se, então, lançar a pergunta: quem é esse outro parecido comigo, mais velho que o eu conservado na lembrança? É uma desconstrução que se opera no sentido de uma falta de reconhecimento enquanto imagem, já que uma nova realidade se apresenta diante do espelho, denunciada pelas transformações corporais promovidas pelo avançar da idade.

Isto traz implícita a idéia de algo que muda com o passar do tempo e o degenerar como alterar, de não ser mais hoje o que se foi ontem. É o outro do espelho quem denuncia esta condição.

A descoberta dos sinais que marcam a passagem do tempo no corpo traz à tona o sentimento de estranheza do idoso ao se descobrir como um outro. Confrontar-se com o estranho põe em relevo as certezas sobre si mesmo. O novo, o diferente são ameaçadores porque ferem a própria identidade.

### 3.3.4. O Eu-feiúra na Velhice

No dizer de Messy (1999), o horror de envelhecer encontra seu reflexo no espelho, sob o aspecto do eu-feiúra. As mudanças que vão se operando no transcorrer da vida, além das sucessivas experiências de perdas, como certas restrições e diminuição das possibilidades corporais, sensórias e motoras, adquirem, na velhice, um significado particular.

Segundo o autor: essas falhas vêm reativar a imagem que não é mais a de um ego ideal, mas a de um *ego feiúra* revelado pela queda do ideal.<sup>79</sup> Sugere, também, que quando o ideal fracassa, revela-se a feiúra.<sup>80</sup>

Ele argumenta que a emergência do ego feiúra se dá pela queda do ego ideal, levantando a hipótese da existência de um outro estágio do espelho que se situaria entre os 50 e 60 anos, ao qual denominou de “tempo do espelho quebrado”, que se traduz por uma fase depressiva, correspondente à perda da imagem ideal. Aproximando-nos do que o autor comenta no texto:

[...] Minha assertiva, consistiria na antecipação, no espelho, ou na imagem de um outro mais idoso, de sua própria imagem da morte. Antecipação não mais jubilatória, mas ao contrário, aflitiva, ou retorno inesperado de uma inquietante estranheza, de um corpo fragmentado, cujo controle se perdeu, com a projeção de uma dependência do outro, como uma nova alienação do ego nessa imagem feia e repulsiva que designei de eu-feiúra, ao contrário do ego ideal outrora entrevisto.<sup>81</sup>

---

<sup>79</sup> MESSY, J. **A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice**. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: ALEPH, 1999, p. 34.

<sup>80</sup> Ibid, p.32.

<sup>81</sup> Ibid. p. 66.

Quando o idoso se olha no espelho, o que este lhe devolve é uma imagem ligada à deterioração, com a qual ele não se identifica, pois agride os ideais narcísicos de onipotência e perfeição. Não há júbilo, mas o sentimento de inquietante estranheza, daí o “susto” ou ele pensar: “esse não sou eu”, o que Goldfarb chama de espelho negativo. Há uma discrepância entre a imagem inconsciente corporal e a imagem que o espelho lhe devolve. O escritor Nanao Sakaki aponta uma saída: “para ficar jovem, para salvar o mundo, quebre o espelho”.

Faz-se necessário ressaltar que um ideal do ego bem estruturado, enquanto instância representante do social e seus discursos, pode outorgar ao sujeito que envelhece um lugar de reconhecimento, de ser desejado e desejante, daí não ser soterrado pelo eu-feiúra proposto por Messy.

Existe, também, a experiência do espelho positivo na qual, segundo Goldfarb (1998), “o indivíduo confirma sua identidade como imagem e diz: “sou eu”[...]. O espelho, como o positivo de uma fotografia, anuncia-lhe o Ideal”.<sup>82</sup> Isto foi o que me pareceu ter acontecido com os idosos entrevistados, do sexo masculino, como podemos verificar a seguir:

[...] Olhe, eu lhe digo sinceramente, eu não vejo nada de ruim para mim no meu corpo na velhice. Assim, agora no momento eu não vejo nada, nada absolutamente que me desconforte. (ENTREVISTADO 4, 82 anos)

[...] Não cheguei a me desleixar... acho que o idoso quando ele não se cuida, ele fica mais idoso ainda, não faz a barba, entendeu? Cabelo grande e outras coisas mais, não é? Agora quando uma pessoa tem essa condição de saber ele pode mesmo

---

<sup>82</sup> GOLDFARB, D. C. **Corpo, Tempo e Envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 55.

a gente vendo que ele é uma pessoa já de idade, mas ele não demonstra muito, tem um certo cuidado com o corpo. (ENTREVISTADO 6, 67 anos)

Em relação à aparência física no envelhecimento, as idosas entrevistadas se queixaram das rugas, cabelos brancos, pele seca, perda do corpo esbelto e magro da juventude. No aspecto estético da deterioração corporal, destaco tais depoimentos:

[...] É interessante eu não esqueço disso [...] A primeira foi ruga aqui no colo, não foi cansaço nem nenhum sintoma físico. Foi um dia eu olhei e me vi enrugada, aí o tempo chegou (risos) [...] A gente vê que com o tempo, corpo, cintura [...] É difícil [...] Isso é meio difícil da gente encarar [...] Corpo eu vou mudar mais? Não. (ENTREVISTADA 1, 64 anos)

[...] Já tive meu corpo de jovem, tive meu corpo de adolescente. Cada filho que eu tinha engordava 10 kg. Tinha 49 kg quando eu casei e hoje estou com 80 e tanto. Então, isso modificou muito o corpo, não é?. (ENTREVISTADA 3, 77 anos)

É um pouquinho chocante às vezes, não é? Porque você tinha aquele corpo arrumadinho tudinho [...] Hoje já é estria, barriga grande, não é? Mas, isso não me tira do sério de jeito nenhum, não tenho mesmo nenhum problema com a velhice, até agora não. (ENTREVISTADA 5, 65 anos)

Quanto às limitações provenientes da idade avançada e o surgimento das doenças orgânicas, apontaram: dificuldade de locomoção, cansaço, hipertensão arterial, artrose. Estas seriam as repercussões negativas do envelhecimento. Além disso, falaram também do preconceito, da falta de respeito, do caos na saúde

pública e da discriminação a que, de modo geral, os idosos sofrem em nosso meio sócio-cultural.

Em relação às positivas, destacaram: sabedoria, moderação, comedimento, experiências acumuladas, disposição física, motivação e energia para realizar atividades prazerosas, satisfação e bem-estar no seio familiar, alegria de viver.

Todos os idosos entrevistados não se “sentem” velhos e, isso é algo que vem de dentro, da interioridade. Lidam de modo satisfatório, ao menos para eles próprios, com o decurso do envelhecimento. Existe uma diferença crucial entre o “ser” e o “sentir-se” idoso, isto é algo que transcorre no mais íntimo de cada sujeito que envelhece.

O idoso, ao lançar o olhar para dentro de si mesmo, o importante é que possa aceitar as modificações corporais, porque o seu mundo interior não envelhece. Sofre, talvez, com as marcas do tempo, de uma maneira particular, marcas estas que lhe deram experiência de vida. Embora hajam as feridas que não conseguiu elaborar, mas definitivamente, em conjunto, permitiram-lhe o enriquecimento pessoal e amadurecimento.

Há uma “riqueza” nas rugas que a muitos idosos custa perceber. Dito de outra forma, essas rugas denunciam a articulação entre corpo e temporalidade, onde passado e presente se misturam, lançando-os, também, para o futuro.

“Os velhos e aqueles que ultrapassaram a flor da idade ostentam geralmente caracteres quase opostos aos dos jovens; como viveram muitos anos, e sofreram muitos desenganos, e cometeram muitas faltas, e porque, via de regra, os negócios humanos são mal-sucedidos, em tudo avançam

com cautela e revelam menos força do que deveriam. [...]. Vivem de recordação mais que de esperanças, porque o que lhes resta de vida é pouca coisa em comparação do muito que viveram; ora, a esperança tem por objeto o futuro; a recordação, o passado. É essa uma das razões de serem tão faladores; passam o tempo repisando com palavras as lembranças do passado; é esse o maior prazer que experimentam”.

### **ARISTÓTELES (384 - 322 a. C.)<sup>83</sup>**

---

<sup>83</sup> ARISTÓTELES. Caráter dos velhos. **In: Arte Retórica.**



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

**“Penso ser preferível para uma pessoa idosa continuar vivendo como se a vida não fosse acabar, aguardar o dia seguinte como se tivesse ainda muitos séculos pela frente. Então viverá de maneira adequada. Mas quando a pessoa tem medo, quando deixa de olhar em frente e passa a olhar apenas para o passado, ela petrifica-se, torna-se hirta, e morre antes do tempo. Se ela continua vivendo na expectativa da grande aventura que tem pela frente, então viverá – e isso é o que o inconsciente pretende fazer”.**

**JUNG, Carl Gustav**<sup>84</sup>

---

<sup>84</sup> JUNG, Carl Gustav (1875-1961). **In: Entrevistas e encontros**, de William MacGuire e R. F. C. Hull.

**UMA DISCUSSÃO...**

***[...] Só aquele que envelhece adquire uma completa e adequada compreensão da vida, ao vê-la em sua totalidade e em sua marcha natural.***

***Arthur Schopenhauer  
(1788-1860)***

***“Da diferença das idades da vida”.***

As reflexões esboçadas no transcurso desta dissertação sobre o processo de envelhecimento e a velhice nos remeteram à constatação de que o corpo envelhecido nessa cultura narcísica, marcada pelo padrão de beleza jovial, geralmente causa recusa e, portanto, os sinais do envelhecer devem, a todo custo, serem combatidos, eliminados. Perceber que o tempo urdiu e teceu suas tramas em nosso corpo é algo marcante e significativo.

Procura-se negar, ou denegar, o envelhecer, enquanto nos submetemos ao mito da eterna juventude, advindo daí a busca infindável aos esteticistas, aos cirurgiões plásticos, além da procura intensificada da indústria da beleza, que lucra bastante com este pavor que grande parte dos sujeitos contemporâneos têm de se “parecer” velhos.

Entretanto, é interessante realçar que nos discursos dos sujeitos idosos que compuseram a amostra desta pesquisa, não se evidenciou essa preocupação excessiva em relação a se submeterem às intervenções corporais para atender

aos apelos de juventude e beleza estética, valores preconizados pela cultura do narcisismo e do espetáculo.

Os idosos entrevistados não revelaram, explicitamente, em seus depoimentos, o desejo de corresponder aos padrões contemporâneos impostos de imagem perfeita. No entanto, todos relataram queixas referentes aos sinais do envelhecer inscritos no corpo, em decorrência da passagem irremediável do tempo: rugas, cabelos brancos, pele ressecada, flacidez, reflexos menos rápidos, lentidão para executar tarefas e atividades, etc. Na velhice, o corpo, vai sofrendo periodicamente alguns abalos e, começa a enviar os sinais de declínio. As mudanças vão se processando, gradativamente e, a cada dia se tornam mais acentuadas e perceptíveis.

A aparência física refletida no espelho vai distanciando-se daquela imagem armazenada na memória, que antes lhe serviu como protótipo de representação de si mesmo. Provém, diante da percepção da imagem corporal deteriorada, o estranhamento, o “susto”, a sensação de não reconhecimento e inquietação, a qual a grande maioria das pessoas que envelhecem se confronta.

Isto se corrobora não apenas nos depoimentos dos entrevistados, mas nos relatos clínicos de pacientes idosos por mim atendidos em consultório particular, bem como nos discursos de muitas pessoas idosas com as quais convivi em academias de ginástica e em grupos organizados de terceira idade.

Na contemporaneidade, a obsessão pelo corpo jovem e a tentativa de “apagar ou corrigir” as marcas da temporalidade inscritas no corpo, podem significar o desejo de evitar ou a vontade de camuflar a dor da finitude. A sensação de impotência diante da morte, que é mais próxima na velhice, articula-

se ao sentimento de desamparo, vivenciado pelo bebê ao nascer, dada a sua condição de fragilidade e dependência.

O desamparo, porém, também se revela como uma experiência estruturante da subjetividade e da condição humana, como nos fala Rocha<sup>85</sup> e, como tal, marca o ser naquilo que o singulariza como sujeito. Otto Rank já nos alertava que o nascimento seria a situação mais arcaica de perigo, fonte e modelo de toda a angústia, constituindo assim, o traumatismo fundamental da existência humana.

As contribuições de Rank levaram Freud a considerar o trauma do nascimento, como inaugural da angústia, ou seja, o nascer seria a vivência prototípica da angústia. A reação à separação da mãe representa para o recém-nascido uma angústia originária – estado de desamparo fundamental no qual o bebê é incapaz de ajudar-se a si mesmo. Dependerá dela para satisfazer suas necessidades vitais, garantindo, desse modo, sua subsistência.

No outro extremo, na velhice, o confronto com a morte torna-se inevitável. Daí surgem o temor, a impotência, a insegurança, angústias essas que poderiam ser interpretadas como expressões de um estado afetivo de desprazer, sinal de reação ao perigo, ao ameaçador e que, concomitantemente, remonta à angústia originária. É através da angústia que o sujeito se defronta com a realidade de seus limites.

As perdas ininterruptamente se manifestam, o tempo é limitado, finito. O envelhecimento é, contudo, um processo inexorável e irreversível que se inscreve

---

<sup>85</sup> ROCHA, Zeferino. **Desamparo e Metapsicologia – para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana.** In Síntese. Revista de Filosofia. Belo Horizonte, 1999, Vol. 26. nº 86.

no horizonte da temporalidade, conduzindo o ser em direção à morte. Essas idéias remetem-nos ao pensamento filosófico de Heidegger, no que tange ao que ele nos ensina sobre a Analítica existencial, quando postula que o Dasein como um ser-no-mundo é essencialmente projeto, é um poder-ser visando atualizar constantemente as possibilidades que o definem como existência.

Entre todas as possibilidades encontra-se, também, a morte como possibilidade da impossibilidade de não mais estar aí no mundo, encerrando assim, a abertura ontológica. O existir, a presença no mundo, pressupõe um ser-para-morte, por isso o Dasein enquanto projeto é finitude, incompletude e limitado pela morte que não pode evitar, é algo intransferível e intransponível. À condição mortal, o homem não pode escapar. Na concepção de Heidegger, “a morte é uma possibilidade de ser que o ser-aí deve assumir sempre por si mesmo”.

É possível ao idoso, o exame retrospectivo de re-significação de sua existência. Avaliar o que planejou, aprendeu, as conquistas e realizações podem trazer alegria e sentimento de felicidade. É alguém que cumpriu sua tarefa de tecer um feixe de sentidos e significados, criando o mundo e atribuindo-lhe uma configuração, sendo, portanto, uma relação ativa, afetiva e dinâmica.

A dimensão temporal é construção e movimento; nesse sentido, passado, presente e futuro estão intrinsecamente relacionados. A concepção de Heidegger sobre a temporalidade humana oferece-nos subsídios para articularmos com o tema da velhice.

As experiências passadas se repetem, são passíveis de se resignificarem, a serviço de um futuro. Mas, não se trata apenas de uma mera repetição. O idoso

pode recuperar as reminiscências na tentativa de uma renovação, de uma reinscrição, ou seja, algo é resgatado e se restaura.

O passado não é somente o acúmulo de recordações, de lembranças, agradáveis ou não, e de saudade do que já foi, mas sim, tem o significado do já vivido que passa a ser acolhido, propiciando que nos engajemos em novos projetos. Dito em outros termos, abre perspectivas para o novo, para o futuro.

Trata-se de tentar pôr em marcha o encontro de caminhos e saídas outras para o desafio do viver. Enquanto houver tempo, há o amanhã e isso é o que confere algum sentido à velhice. O “vigor de ter sido” continua atuando no presente. É preciso valorizar os instantes do hoje como se fossem os derradeiros.

O futuro projetado que não nos pertence, a não ser na expectativa e na esperança, ainda não é, mas poderá vir-a-ser. Já dizia Françoise Dolto: morre-se, quando se termina de viver. Sempre há tempo.

A partir dessa compreensão heideggeriana da temporalidade humana, penso a velhice como o lançar-se contínuo às inúmeras possibilidades incessantemente renovadas. A temporalidade é constituinte, compõe a nossa história. O tempo passa, tanto desgasta quanto nos faz amadurecer, permitindo a cada um, edificar sua própria história.

É necessário acreditar nos sonhos, acalentarmos projetos próprios, lutar pelos ideais e viver intensamente o presente. Não podemos resistir à força devastadora do passar do tempo, no entanto, podemos nos preparar e construir nossa velhice, desde os outros estágios da vida: infância, juventude e idade madura, cada um deles com suas características específicas e peculiaridades. Isso faz parte do cuidado com a nossa existência. O envelhecimento é um

processo inscrito em todos os seres humanos. Dele não se pode fugir.

Confirmando essas asserções, Amparo Caridade nos alerta:

[...] Existir no seu tempo é a arte por excelência de nosso desenvolvimento como pessoas, em todas as fases. O tempo, em cada estágio da vida, tem seus encantos e desencantos. A velhice pode ser um tempo de encanto, serenidade, mistério, confiança, sedução, elegância diante dos fatos. Um tempo sem a urgência das relações, onde se pode viver mais apoiado na própria construção interna que já foi feita.<sup>86</sup>

É, portanto, sob a ótica do porvir que concebo a velhice. O idoso pode se identificar sempre com algo produtivo, glorificante e valorativo, para que ele reaprenda a viver com suas limitações, restrições, e substitua suas impossibilidades e impotências por novos horizontes continuando, assim, a dar um sentido à sua vida.

É preciso pensar e encarar a velhice como um período do ciclo vital que alimente projetos para o futuro, abrindo espaço para manter acesa a chama da criatividade, para a dinâmica dos investimentos, além de propiciar uma abertura para as paixões sempre possíveis.

A própria história registrou vários exemplos de produtividade em intelectuais de idade avançada na classe cultural da Antiguidade. Podemos destacar alguns: Sófocles escreveu sua última peça *Édipo em Colona* em torno dos 90 anos; Eurípedes escreveu *as Bacantes*, aos 80 anos e Platão terminou sua última obra, *Leis*, antes de morrer, aos 81 anos.

---

<sup>86</sup> CARIDADE, Amparo. **Caminhos e Caminhantes**. Recife: Bagaço, 2004, p.143.

No terreno da psicanálise, o próprio Freud não sucumbiu à sua doença orgânica, às diversas experiências de perdas de entes e amigos queridos e continuou a escrever até sua morte, aos 83 anos. Dolto durante os últimos meses de sua vida, mesmo doente, ainda estava em plena atividade, quando aos 80 anos morreu, deixando sua obra inacabada, pois não conseguiu redigir totalmente a carta de declaração dos direitos infantis. Todos esses autores, no plano da criação, trouxeram contribuições muito fecundas e significativas.

É imprescindível o trabalho do luto das perdas e isto é, por excelência, a capacidade de metaforizar, de simbolizar, colocando outras coisas – atividades, hobbies, pessoas, situações e interesses no lugar do vazio do luto.

Estamos falando de uma velhice ativa, produtiva, em que o desejo de viver intensamente a vida é o que deve prevalecer e não sucumbir aos preconceitos e estereótipos sociais. É preciso que lutemos pelos direitos dos idosos e que possamos reivindicar seu espaço na sociedade.

Ao que parece, seria, talvez, a sociedade capitalista em que vivemos que coloca o velho em situação de dever se retirar de toda a vida ativa e laboral, de isolá-lo, rejeitá-lo, tratando-o como improdutivo, incapaz e inútil.

Dito isto, não estamos falando de uma velhice em que o papel que lhes resta é o da “vovó” fazendo tricô, bordando e tomando conta dos netos, da casa e o do “vovô” de chinelos e pijama, sentado na cadeira de balanço ou de rodas, à espera da morte.

A velhice pode ser um momento crucial de grandes realizações, etapa de vida na qual eclodem mudanças, conflitos, ambivalência de afetos e emoções, podendo o idoso sentir-se desnecessário frente à angústia do processo de perdas,



do vigor e força da juventude, a depender da singularidade de cada um, advindo daí, a depressão.

Mas, é preciso sempre reformular idéias, desembaraçar-se de situações conflituosas, reinventar a própria vida, questionar seus papéis, ter o espaço do sonho, da ternura, afeição e, sobretudo, criar um lugar de escuta e a presença de alguém para ouvir o que ele tem a dizer sobre seu desamparo, seus conflitos e suas inquietações existenciais.

O interesse é abrir para ele, possibilidades de experiências enriquecedoras e poder fazê-lo se relançar como sujeitos desejantes. Sim, a pessoa idosa deve ser tratada como sujeito e não como mero objeto de cuidados. O grande desafio consistirá em que medida cada idoso poderá encontrar algo novo dentro de si e quem sabe, descobrir potencialidades e as faces positivas da velhice.

O tempo poderá ser vivido com mais plenitude e com a liberdade de fazer novas escolhas para assim, talvez, reencontrar o eixo de si mesmo. Isso faz parte de um trabalho psíquico estruturante.

O envelhecer pode, então, abrir para o florescimento pessoal. O desejo e a libido estão sempre presentes, qualquer que seja a idade. E são eles que nos movem e permanecem no sujeito com suas vicissitudes até o momento da ruptura: a morte.

Dar ensejo ao idoso para que se orgulhe de sua existência em nome de seu passado que é muito desvalorizado pela sociedade contemporânea sem tradição, de ritmo veloz, imediato e frenético. Em contrapartida, esta sociedade tem que ser acolhedora para que o velho possa transmitir sua caminhada existencial e a sabedoria decorrente, deixando a própria história como herança para alguém que

a manterá viva. Ou seja, o velho ao narrar o que viveu e experimentou, continua presente no mundo, mesmo após o morrer.

E, assim, continua a luta contra as diversas situações opressoras e de exclusão de nossos velhos. É necessário assegurar-lhes um espaço digno, de valorização e significação no âmbito social, além de assumir a responsabilidade e o compromisso ético para com a atenção à pessoa idosa, consolidando práticas e ações fundamentais à promoção de sua saúde, na inter-relação corpo e mente.

Vale ressaltar que durante todo o percurso estávamos abordando o envelhecimento saudável – a senescência. Entretanto, existe a impossibilidade de atribuir novos sentidos à vida, de produzir pensamentos, idéias, de criar novos significados, como é o caso das demências – senilidade (envelhecimento patológico).

A demência é caracterizada pela perda progressiva da memória e das capacidades cognitivas associadas (atenção, concentração, raciocínio), ela afeta, especialmente, pessoas idosas. A doença de Alzheimer, por exemplo, é degenerativa e irreversível, marcada pela deterioração dos neurônios.

O sujeito corta não só os vínculos com o mundo, mas com o próprio eu, através do esquecimento de sua história passada, podendo evoluir para um estado de dependência total do cuidador, quer seja familiar ou contratado. Ora, perdendo a memória que serve para que o ser humano tenha uma história, perde, como consequência, sua identidade que fez dele um sujeito psíquico e social. É preciso efetuar o luto de si mesmo.

Nesse sentido, a demência pode ser compreendida como o resultado de um duplo encerramento: do sujeito no interior de si mesmo e o do outro que não mais

procura comunicar-se com ele. Esquece sua história libidinal, do desejo, dos afetos, inviabilizando assim, novos investimentos e um horizonte de futuro.

Quais são os efeitos na subjetividade do sujeito historicamente constituído, se “perder” na demência? Como seria o modo de abordagem do fenômeno e a escuta clínica, sobretudo, nas fases intermediária e avançada da doença? Haveria possibilidade de adaptação ao enquadre terapêutico?

A ciência ainda não descobriu a cura para os quadros demenciais. É, portanto, urgente que se enseje o fomento do conhecimento teórico e que se articulem ações e pesquisas que visem uma compreensão teórica e técnica da demência, com o objetivo de divulgação, prevenção e assistência aos seus portadores e familiares.

Isto oferece subsídios para novos questionamentos, servindo, desse modo, como objeto de discussão e reflexão num outro estudo. Deixo, então, nesta reta final, que a poesia transmita meu sentimento, assim expresso:

***[...] De tudo ficaram três coisas: a certeza de que se está sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.***

**Fernando Pessoa**

## BIBLIOGRAFIA

---

ARAGÃO, Luiz T. (org). **Clínica do Social: Ensaios**. 1ª ed. São Paulo: Escuta, 1991.

BALBINOTTI, Helena. **O Segredo de saber Envelhecer**. Revista Viver Psicologia, nº 123, Ano XI, abril de 2003, p.16-18.

BASTOS, Liana A. M. **Eu-corpando: o ego e o corpo em Freud**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

BARBIERI, Natália. **Trabalho com velhos: algumas reflexões iniciais**. Disponível em: <[http://www.estdosgerais.org/terceiro\\_encontro/barbieri-velhos.shtml](http://www.estdosgerais.org/terceiro_encontro/barbieri-velhos.shtml)>. Acesse em: 02 junho 2004.

BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BIRMAN, Joel. **Ensaios da Teoria Psicanalítica**. Parte 1: metapsicologia, pulsão, linguagem, inconsciente e sexualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

\_\_\_\_\_. **Por uma Estilística da Existência: sobre a psicanálise, a modernidade e a arte**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **Estilo e Modernidade em Psicanálise**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mal-Estar na Atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Psicopatologia na Pós-Modernidade: as alquimias no mal-estar da atualidade.** Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. São Paulo, vol. 2, n.º 5, p.35-49, mar, 1999. Disponível em: <<http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3110/Birman1.htm>>. Acesso em: 19 maio 2003.

BOBBIO, Noberto. **O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos.** Tradução de Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BORGES, Jorge L. **Elogio da sombra: um ensaio autobiográfico (Instantes).** Rio de Janeiro: Editora Globo, 1994.

BOSI, Éclea. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALLIGARIS, Contardo. **Crônicas do Individualismo Cotidiano.** São Paulo: Editora Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Sedução Totalitária,** In: ARAGÃO, Luiz (org). **Clínica do Social: Ensaio.** 1ª. São Paulo: Escuta, 1991.

CARIDADE, Amparo. **Caminhos e Caminhantes.** Recife: Bagaço, 2004.

CAVALCANTI, Carlos Severiano. **Caminhos Da Vida.** Recife: Bagaço, 1997. 236p.

CORRÊA, C.P. **Visão Psicanalítica da idade numerada.** Disponível em: <http://www.cbp.org.br/artigo3print.htm>. Acesso em: 02 junho 2004.

COSTA, Jurandir. **Violência e Psicanálise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

\_\_\_\_\_. **Bernadet e o declínio do homem privado**. Cadernos de Psicanálise. Rio de Janeiro. v. 16, n. 8, p. 133-148, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Ética e o Espelho da Cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

\_\_\_\_\_. **Narcisismo em Tempos Sombrios**. In: Percursos na história da Psicanálise. In: Joel Birman (org). Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1988, p. 151-174. Disponível em: <[http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia\\_e\\_Educacao/9/Artigos/narcisismo.html](http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia_e_Educacao/9/Artigos/narcisismo.html)>. Acesso em: 01 maio 2003

\_\_\_\_\_. **A Subjetividade Exterior**. Disponível desde o ano de 2002 em: <[http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia\\_e\\_Educacao/9/Artigos/subjetividade.html](http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia_e_Educacao/9/Artigos/subjetividade.html)>. Acesso em: 01 maio 2003.

\_\_\_\_\_. **Sujeitos em Busca de um Lugar**. Jornal Folha de São Paulo, Caderno MAIS, domingo, 06 de agosto de 1995, p. 5-9. Disponível em: <[http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia\\_e\\_Educacao/9/Artigos/sujeitos.html](http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia_e_Educacao/9/Artigos/sujeitos.html)>. Acesso em: 01 maio 2003.

\_\_\_\_\_. **De olho vidrado no próprio bem-estar**. Jornal Folha de São Paulo, Caderno MAIS, domingo, 13 de julho de 1997, p. 5-8. Disponível em: <[http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia\\_e\\_Educacao/9/Artigos/olho.html](http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia_e_Educacao/9/Artigos/olho.html)>. Acesso em: 01 maio 2003.

\_\_\_\_\_. **A utilidade do corpo inocente**: a busca de um corretivo para os desvios que comprometem a conduta humana esconde o interesse pela padronização. Jornal Folha de São Paulo, Caderno MAIS, 13 de março de 1994,

p. 6-13. Disponível em: <[http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia\\_e\\_Educacao/9/Artigos/corpo\\_inocente.html](http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia_e_Educacao/9/Artigos/corpo_inocente.html)>. Acesso em: 01 maio 2003.

\_\_\_\_\_. **O Humanismo Ameaçado**. Jornal do Brasil, Caderno B, 24 de janeiro de 1999. Disponível em: <[http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia\\_e\\_Educacao/9/Artigos/humanismo.html](http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia_e_Educacao/9/Artigos/humanismo.html)>. Acesso em: 24 set 2003.

\_\_\_\_\_. **Um brinde fora do lugar**. Jornal Folha de São Paulo, Caderno MAIS, domingo, 12 de março de 1995, p. 6-13. Disponível em: <[http://www.terravista.pt/ternoronha/2397/brinde.htm](http://www.terraviva.pt/ternoronha/2397/brinde.htm)>. Acesso em: 23 set 2003.

\_\_\_\_\_. **O presente de nossas ilusões**. Jornal Folha de São Paulo, Caderno MAIS, 11 de setembro de 1994, p. 6. Disponível em: <[http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia\\_e\\_Educacao/9/Artigos/ilusoes.html](http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia_e_Educacao/9/Artigos/ilusoes.html)>. Acesso em: 01 maio 2003.

\_\_\_\_\_. **História confirma diagnóstico de Lasch**. Jornal Folha de São Paulo, Caderno MAIS, 08 de janeiro de 1995, p. 6-7. Disponível em: <[http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia\\_e\\_Educacao/9/Artigos/lasch.html](http://www.jfreirecosta.hpg.ig.com.br/Ciencia_e_Educacao/9/Artigos/lasch.html)>. Acesso em: 18 novembro 2003.

\_\_\_\_\_. **O Vestígio e a Aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DA POIAN, Carmen (org). **Formas do Vazio: desafios ao sujeito contemporâneo**. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2001.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOLTO, Françoise. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

\_\_\_\_\_. **A criança do espelho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

DOR, Joel. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. 3ª. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

DRUMMOND, Carlos. **Corpo**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

\_\_\_\_\_. **O avesso das coisas**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

\_\_\_\_\_. **Sentimentos do Mundo**. Rio de Janeiro: Record, 1940.

FIGUEIREDO, Luiz Cláudio. **Derivações Heideggerianas na direção da Psicanálise**. Comunicação apresentada no colóquio Heidegger/1996, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP.

FREUD, S. **In: Obras Completas**. Rio de Janeiro: Editora Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Imago editora Ltda.

\_\_\_\_\_(1905). **Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Obras Completas. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. 7.

\_\_\_\_\_(1910). **Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância**. In: Obras Completas. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v.11.



\_\_\_\_\_ (1911). **Caso Schreber**. In: Obras Completas. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. 12.

\_\_\_\_\_ (1912). **Totem e Tabu**. In: Obras Completas. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. 13.

\_\_\_\_\_. (1914). **Sobre o Narcisismo: uma introdução**. In: Obras Completas. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v.14.

\_\_\_\_\_ (1915). **Os Instintos e suas Vicissitudes**. In: Obras Completas. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v.14.

\_\_\_\_\_ ([1916-1917]). **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**. In: Obras Completas. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v.16.

\_\_\_\_\_ (1919). **O Estranho**. In: Obras Completas. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v.14.

\_\_\_\_\_ (1920). **Além do Princípio do Prazer**. In: Obras Completas. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v.18.

\_\_\_\_\_ (1923). **O Ego e o Id**. In: Obras Completas. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. 19.

GOLDFARB, D. C. **Corpo, Tempo e Envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

\_\_\_\_\_. **Tempo, História, Memória, Demência**. Disponível em: [http://www.estadosgerais.org/atividades\\_atuais/tempo-historia-memoria-demencia.shtml](http://www.estadosgerais.org/atividades_atuais/tempo-historia-memoria-demencia.shtml). Acesso em: 24 maio 2004.

\_\_\_\_\_. **Psicanálise e Envelhecimento.** In: Revista Kairós, Psicogerontologia: contribuições da psicanálise ao envelhecimento. Caderno temático 2. São Paulo: EDUC, 2002.

\_\_\_\_\_. **Demências.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** Coleção Pensamento Humano, Partes I e II. Petrópolis, editora Vozes, 2000.

KEHL, M.R. **Você Decide... e Freud Explica.** In: Psicanálise e o Contemporâneo, Samira Chalhub (org). Hacker Editores, Cespuc, 1996. Disponível em: <http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/Kehl2.htm>. Acesso em: 24 set 2003.

\_\_\_\_\_. **Sobre Ética e Psicanálise.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Constituição Literária do Sujeito Moderno.** Disponível em: <[http:// www.estadosgerais.org/historia/69-constituicao literaria.shtml](http://www.estadosgerais.org/historia/69-constituicao_literaria.shtml)>. Acesso em: 22 maio 2003.

LACAN, Jacques. **Escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LAPLANCHE, J. **Freud e a Sexualidade: o desvio biologizante.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor., 1997.

\_\_\_\_\_. **Novos Fundamentos para a Psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, J & PONTALIS, J. **Vocabulário da Psicanálise**. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LASCH, Christopher. **A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

\_\_\_\_\_. **O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. 4ª ed. São Paulo. Brasiliense, 1986.

LUFT, Lya. **Perdas e Ganhos**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MANNONI, Maud. **O Nomeável e o Inominável: a última palavra da vida**. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

MANNONI, Octave. **Freud: uma biografia ilustrada**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

MARIN, Isabel da Silva Khan. **Violências**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2002.

MARTINS, Joel. **Não somos Kronos, somos Kairós**. In: Revista Kairós: Gerontologia. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. PUC - São Paulo, vol. 1, nº 1, 1998, p. 11-24.

MASCARO, Sonia de Amorim. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MESSINA, M. **Dimensões do Envelhecer na Contemporaneidade**. Disponível em: [http://www.estadosgerais.org/atividades\\_atuais/messina.shtml](http://www.estadosgerais.org/atividades_atuais/messina.shtml). Acesso em: 20 maio 2004.

MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: ALEPH, 1999.

MICHELAZZO, J.C. **Heidegger e a questão da técnica moderna**, in: CASTRO, D. S.P, et al. **Fenomenologia e Análise do Existir**. São Paulo; Sobrapolo, 2000.

MICHELAZZO, J.C. **Perspectivas do novo paradigma em Heidegger: superar a metafísica, resgatar a terra e salvaguardar o homem**, in: CASTRO, D.S.P. **Existência e Saúde**. São Bernardo do Campo, UNESP, 2002.

MONTEIRO, Dulcinéa da Mata. **Depressão e Envelhecimento: saídas criativas**. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2002.

NASIO, Juan-David. **Lições sobre os Sete Conceitos Cruciais da Psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

NERI, Anita Liberalesso (org). **E por falar em boa Velhice**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2000.

NETTO, Matheus. P. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Editora Atheneu, 1996.

PEREIRA, Mario Eduardo Costa, **Pânico e Desamparo: um estudo psicanalítico**. São Paulo: Editora Escuta, 1999.

QUINTANA, Mário. **A cor do invisível**. Catálogo da exposição Vida e Poesia de Mário Quintana. Rio de Janeiro, 1997.

REVISTA KAIRÓS: **gerontologia/ Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento**. Programa de estudos Pós-graduados em Gerontologia. PUC, São Paulo. ano 1, nº1. São Paulo: EDUC, 1998.

REVISTA KAIRÓS: gerontologia/ Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de estudos Pós-graduados em Gerontologia. **Envelhecimento: rumo ao novo paradigma**. PUC, São Paulo. ano 3, nº 3. São Paulo: EDUC, 2000.

RAMOS, Rute Bacelar. **O desejo não tem idade: a sexualidade da mulher idosa**. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches, FASA, 2002. 166p.

ROCHA, Zeferino. **Freud: Aproximações**. 2ª ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1995.

\_\_\_\_\_. **Os Destinos da Angústia na Psicanálise Freudiana**. São Paulo: Escuta, 2000.

\_\_\_\_\_. **Desamparo e Metapsicologia – para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana**. In Síntese. Revista de Filosofia. Belo Horizonte, 1999, Vol. 26. nº 86, p. 331-344.

ROSA, João Guimarães. **Ficção Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S. A., 1995.

SARINHO, Byron. **Carta de Despedida**. Disponível em: [http://geraldofreire.uol.com.br/carta\\_byron\\_sarinho.html](http://geraldofreire.uol.com.br/carta_byron_sarinho.html). Acesso em: 28 de junho 2004.

SIGNORI, Lea. **Velhice, “A idade do Luto”:** uma resposta necessária à **melancolização**. Disponível em:

<http://www.riototal.com.br/coojournal/academicos028.htm>. Acesso em: 29 de junho 2005.

SOARES, Sylvia Salles. **O processo de envelhecimento e as mudanças no edifício identitário**. Disponível em: [http://www.estadosgerais.org/atividades\\_atuais/processo\\_de\\_envelhecimento.shtml](http://www.estadosgerais.org/atividades_atuais/processo_de_envelhecimento.shtml). Acesso em: 20 de março 2005.

VÁSQUEZ, J. **Angústia e Desamparo numa perspectiva Heideggeriana**. Revista Perspectiva Filosófica, vol. VI, nº 11, jan-jun, 1999.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

## **ANEXOS**

## **ENTREVISTA COM OS IDOSOS**

1-Quando e como você se deu conta de que estava envelhecendo?

O que isso significou para você?

Quais são as repercussões (positivas e negativas) do envelhecimento em sua vida?

Como você lida com as modificações da imagem do seu corpo no processo de envelhecimento?

2- Você acha que houve grandes mudanças na cultura de hoje comparadas às de sua juventude? Quais?

Como você lida com essas diferenças?

Na sua juventude, como você via o idoso? E hoje?

Como idoso você se sente acolhido no mundo de hoje?



## **ENTREVISTADA 1**

**Nome: M. R. B.**

**Idade: 64 anos**

**Profissão: Professora durante 40 anos**

**\* Faz atividade física há 5 anos, hidroginástica e caminhada eventual.**

1-Quando e como você se deu conta de que estava envelhecendo?

40 anos... É interessante eu não esqueço disso. A primeira foi ruga aqui no colo, não foi cansaço nem nenhum sintoma físico. Foi um dia eu olhei e me vi enrugada, aí o tempo chegou (risos)...

O que isso significou para você?

Não, transformação normal. Não encarei como castigo como muita gente pensa, não encarei como limitações, fui bem nela... Talvez, talvez o que tenha me baqueado um pouco foi quando por conta da minha hipertensão o médico mandou que eu tomasse remédio por toda a vida, aí nesse dia eu senti que o processo tinha se instalado... Eu fiquei meio baqueada... Inicialmente eu fiquei quando eu comecei a tomar propranolol e ele disse que era para a vida toda.

Quais são as repercussões (positivas e negativas) do envelhecimento em sua vida?

Olhe, positiva eu acho... Eu coloco assim uma frase de Getúlio Vargas que eu acho um ótimo ilustre sempre: "aos 30 anos a gente é um incendiário, aos 60 a gente é bombeiro". Então, essa mudança de comportamento, essa mudança de ótica das coisas da vida para mim foi o fator mais positivo. E negativo é que a gente quando vai... A gente engorda, a gente fica mais... Assim, aí quando vai comprar uma coisa, quando tem vontade de usar uma roupa assim bonita (risos), só isso... Mas, no máximo, no interior, no emocional eu não vi... Eu vi vantagem...

Acho que quando a gente envelhece é muito bom, nesse sentido dá mais maturidade, dá mais compreensão. Eu não senti... Eu não senti pena de estar envelhecendo não. E as limitações... Eu sou muito ativa, eu trabalho muito e todos os campos assim, a gente vai driblando, a gente tem que ter a sabedoria necessária para saber que a gente não é mais uma menina de 20 (risos). Eu sei das minhas limitações, convivo com elas, sigo com elas. Acho bonito a sua juventude, acho lindo o seu cabelo... O cabelo fica seco, a pele tem que usar muito protetor solar, mas são as limitações da idade (risos). Eu acho que isso é o ônus que a gente paga.

Como você lida com as modificações da imagem do seu corpo no processo de envelhecimento?

Tá aí uma coisa que realmente não é fácil de lidar porque eu toda a vida tive um corpo muito bom... Eu tenho 64 anos, vou fazer 65 agora, ensinei durante 40 anos em pé, quer dizer que minha perna não tem muita varizes, então, nunca teve... Às vezes quando eu ia para o médico sempre se elogiava a postura, eu podia escrever muito, mas sempre tive uma postura boa, quer dizer que essas coisas todinhas que a gente dá valor, a gente vê que com o tempo, corpo, cintura... Aí com o tempo a gente... É difícil... Isso é meio difícil da gente encarar sabe, principalmente para quem já teve um padrão de forma assim (gesticula modelando um corpo violão).

2- Você acha que houve grandes mudanças na cultura de hoje comparadas às de sua juventude? Quais?

Mais nem imagine quantas... Quais eu digo a primeira: com a minha idade... Na minha juventude eu era uma pessoa velha. Minha mãe morreu mais nova do que eu. Mamãe morreu com 62 anos e mamãe era uma velha no sentido lato, de cabelo, de roupa e até lentidão de movimento também, não fazia exercício, naquele tempo, a geração anterior à minha não fazia... Então, na minha imagem mamãe era uma pessoa lenta, era uma pessoa de cabelo branco, envelhecida.

Mamãe era uma pessoa velha com 62 anos... Mudanças culturais... Olhe, ainda auto-discriminação para velho, não mudou muito não. Por mais que ele tenha ocupado... A gente vê as estatísticas: primeiro o Brasil é um país que está envelhecendo e por conta disso precisava uma mudança cultural, social, econômica porque quando ele disse que aposentado não precisa de aumento... Porque vai fazer o quê? Aposentado precisa ter aumento... Eles aumentam os remédios 7%... Aposentado (risos) toma remédio 24 horas por dia. É uma política de choque, não há dicotomia nisso. O aposentado precisa de assistência... Danielle, eu e você, nós estamos numa situação de ter um plano de saúde... Sinta uma pessoa que vai depender de um SUS na vida, um velho? Então, não mudou a política do governo em relação ao idoso, apesar de os índices demográficos indicarem que o Brasil está envelhecendo.

### Como você lida com essas diferenças?

Então, nós não somos mais uma geração de futuro, nós somos uma geração que tem que cuidar do que foi no passado, não houve mudança. E quando ocorre uma mudança é para pior, eles não valorizam... Nem a própria juventude, você veja: o velho ainda é tratado com certa distinção (risos). O velho, principalmente o pobre, eu estou me referindo à maioria da população pobre envelhecida, sofre muito, não há mudanças...

### Na sua juventude, como você via o idoso? E hoje?

Olhe, é difícil... A minha juventude, a minha criação, eu tive muita valorização. Mas, isso eu tenho impressão que nós éramos ilhas no social da época... Porque a minha mãe era uma pessoa que sempre deu muito valor à minha vizinha que passou um tempo morando conosco... No meu tempo, na minha família, mas eu não posso dizer isso como um todo... Eu sempre acho que o homem vale enquanto ele produz em todas as épocas. Enquanto ele é força de trabalho, enquanto ele mantém ou ele ajuda a manter o nível social ele vale, depois ele passa a ser peso... Vejo o idoso como peso ainda no contexto social integral... Veja o que eu estou lhe dizendo... Há as chamadas ilhas que a gente estuda isso,

não é? Há famílias, há núcleos... Agora você repare direitinho, talvez eu esteja radicalizando porque esses clubes de terceira idade não já é uma forma de promover o idoso? De integrar o idoso à sociedade? Eu acho muito bom, mas não pertença a nenhum, mas eu acho muito bonito esses clubes que parece ter pessoas... Olha, Danielle vou te dar um exemplo bem claro: essa aula de hidro. A minha cardiologista que eu fui, ela perguntou: é hidrogenástica ou hidro-conversa? (risos) Você veja como as pessoas precisam... As idosas de terceira idade, elas usam hidrogenástica muito mais como um fator social do que como um fator físico, biológico. Ali elas se integram, ali a gente conversa... Elas (risos), eu falando elas como se fossem outras, nós (risos)... A gente conversa; é uma maravilha, ninguém quer faltar aula... Porque olhe, repare pela ótica de Educação Física: corpo eu vou mudar mais? Não. Eu vou ter mais disposição, eu vou ter mais saúde e eu vou ter mais como a gente diz, calos na língua de tanto falar (risos)...

**Como idoso você se sente acolhido no mundo de hoje?**

Olhe, eu não fui idosa no mundo de ontem. No mundo de hoje, eu acho que no ambiente que eu frequento sim... Aí eu digo a você, eu não tenho capacidade de uma análise... Eu no ambiente que eu frequento... Meu ambiente hoje em dia é muito restrito porque eu não trabalho. Se bem que eu fiz questão de deixar de ensinar quando eu ainda estava em produtividade porque eu achei que era melhor eu sair do campo... Não sei se eu notei de aluno porque a gente é mais velha... Eu passei para coordenação, eu não quis mais ensinar, eu acho que isso é uma forma de a gente sentir rejeição... Não precisava mais, não queria mais... A juventude de hoje está muito emancipada em termos de relacionamento, não tem mais aquele respeito. Aquele negócio: eu saí, fiquei como coordenadora, eu preferi ficar por detrás do birô dos professores...

## **ENTREVISTADA 2**

**Nome: T.M.V.X.**

**Idade: 62 anos**

**Profissão: Professora aposentada.**

**\*Faz hidroginástica**

1-Quando e como você se deu conta de que estava envelhecendo?

Sinceramente eu ainda não me dei não (risos), ainda não me dei não. Assim, sobe uma escada a gente já tem dificuldade de chegar lá em cima... Energia eu tenho muita, danço a noite todinha, ando. Já andar conversando já me cansa, mas quando eu estou calada ando muito.

O que isso significou para você?

Bem, até agora nada, realmente nunca fui vaidosa, nunca me liguei nesse negócio de envelhecimento. Eu realmente... Até agora não me atingiu emocionalmente em nada, mas sempre é bom a gente procurar ir envelhecendo mais saudável.

Quais são as repercussões (positivas e negativas) do envelhecimento em sua vida?

Bem, negativa é a gente realmente se sentir mais cansada, menos motivada para querer uma profissão nova. Eu não quero mais profissão nova... Ainda tenho energia para fazer muita coisa realmente, mas eu já acho que não tenho mais necessidade daquilo... Por exemplo: tinha um período que eu tinha muito receio na vida, fazer pé de meia e hoje eu já não tenho, o que eu tenho já é suficiente. Hoje eu quero passear; é curtir; é dançar; é bater papo... A positiva é porque a gente não tem mais responsabilidade de vencer na vida, de ganhar mais dinheiro, de fazer pé de meia, de educar filho... O que eu tinha de fazer eu já fiz... E hoje é porque a gente fica mais velha, mais cansada, mas isso... Hoje a gente já se sente

sem responsabilidade de um tempo atrás com os filhos, com os netos, aí nessa parte...

Como você lida com as modificações da imagem do seu corpo no processo de envelhecimento?

Ah! Eu não sou muito vaidosa não... Tanto que eu sou gordinha desse jeito; é porque eu não sou vaidosa não... Porque quando a pessoa é ligada na vaidade, aí eu acho que você se preocupa mais com isso... Eu não me preocupo não. Eu sei que é saudável você ser mais magra, você vai descendo, os órgãos vão se debilitando, você tem que ter um padrão mais rígido de alimentação, não é? Mas, como eu não sou vaidosa, eu não ligo muito para isso não.

2- Você acha que houve grandes mudanças na cultura de hoje comparadas às de sua juventude? Quais?

A juventude a gente acha assim um comportamento... Hoje eu me condeno essa história dessa libertinagem muito grande na televisão, essas novelas muito abertas... Porque eu acho assim... Não sei se é porque na minha idade a gente tem um padrão de comportamento mais rígido, de moralidade, de troca de namoro, namora aqui, namora acolá, transa com um, transa com outro... Moralmente, eu acho que isso não educa muito não... Não é que eu seja... Condeno porque eu sei que é um tempo diferente, mas eu acho que destrutura... Não sei se é porque quando a mãe foi trabalhar fora, a família ficou sem muito apoio dentro de casa e a televisão fica jogando aquilo que tiver livre... Porque quem é que não tem curiosidade para ver sexo, de ver novidade, essas coisas assim, o jovem procura ver isso... Então, eu acho que em relação à minha mocidade para hoje... A mocidade hoje está muito... Eu não sei dizer se é o certo ou o errado... O homem tinha aquela liberdade toda e a mulher não tinha e agora estão equiparados, mas eu acho que para a sociedade eu não sei se isso é uma coisa boa, tudo tem um freio. Acho que para ter educação tem que ter um freio... Porque só o hábito de comer, de alimentar, de lavar dente, tomar banho, isso é um

hábito. Se você tem uma vida desregrada, você não tem um freio para saber até que limite você vai, até que limite você vem...

Em relação à velhice, hoje a sociedade está muito mais voltada realmente para os idosos... Porque os idosos antigamente a sociedade mesmo fazia... Era a avó para tomar conta de um neto, era para ficar numa cadeira fazendo crochê... Não podia ter vida sexual, não podia ser independente, eu acho que isso mudou muito, mudou para melhor porque se você tem energia e você trabalha essa energia, você tem a durabilidade de vida muito mais saudável... Agora nesse ponto eu acho a velhice hoje em dia muito mais preparada para isso. Você prepara, você tem consciência, você tem muita energia pela frente e eu acho que é como uma máquina, se você deixar de trabalhar, ela vai pifar. Então, a velhice agora realmente está bem mais apoiada (risos)... E jogar com conceitos que a gente que é velho não passou a ser burra, não passou a ser... Continua às vezes até mais inteligente. Não é mais inteligente, mas mais experiente porque inteligente não é a palavra porque você pode ser analfabeto e ser inteligente, não é?

Como você lida com essas diferenças?

Olha, eu sou muito realista, toda vida eu fui muito realista, sabe? Aquela coisa, a mocidade a maneira de criar eu acho errada, mas eu não vou muito não realmente... Na minha concepção... Aí eu às vezes fico assim comparando: será que é porque eu sou de uma outra escola? Ou é porque a novidade...? Ou é porque o meu padrão não está... Porque às vezes fico pensando em conceito de papai que tem 85 anos, então para ele isso é muito mais gritante um filho que se separa, um filho que arranja outro homem ou outra mulher. Para ele é um absurdo, isso é uma coisa que vai de encontro aos princípios religiosos, então para ele é uma barbaridade. Já para mim já não é, sabe? Eu acho assim, você tem que fazer o possível para viver bem porque você separa de um casamento para outro, você separa, tira um problema para outro, mas às vezes tem... Nem todo mundo é igual, tem realmente... Mas se você tiver maturidade, o relacionamento... Porque se você trabalha você tem aborrecimento, se você vive

numa família você tem aborrecimento, se você... Em casa tem aborrecimento, então esses contextos é tudo dentro de uma mudança.

Então, para o meu pai é muito mais gritante essa velhice assim nesses conceitos religiosos, morais e etc, do que para mim. Eu não sei se é porque eu já fui professora, já vivi com adolescente durante muito tempo, fui menina muito dinâmica, de gostar de brincar, de gostar de folia, dessas coisas, então eu acho isso tudo natural porque quando eu era professora eu via colegas que dizia assim: Ah! Porque no meu tempo eu não filava... Eu disse: eu filava mais do que todo mundo, não é? Porque eu era adolescente. Ah! Porque as meninas vêm com as saias muito curtinhas... Isso não se via na escola porque não deixavam. Naquele tempo não deixavam entrar com a saia curta, mas eu não via... Então, isso eu enfrento, eu enfrentava isso muito mais naturalmente do que essas com falso moralismo. Não sei se é falso moralismo ou a maneira de pensar (risos)...

**Na sua juventude, como você via o idoso?**

Olhe, a gente quando é criança tem uma visão muito diferente do idoso. A gente acha que o idoso é uma pessoa com... A gente olhava para a mãe ou para o avô com 50 anos... Eu não sei se realmente naquele tempo eles aparentavam ter 80 ou era a cabeça da gente que via o idoso muito mais velho do que ele realmente era. Como eu vou dizer: quando eu era menina que eu via a minha avó com 50 anos, já achava que era uma velha... Hoje eu com 62, 63, eu nem me acho velha, não é? Então, minha neta já diz assim, a de 8 anos: vovó é uma velhinha, uma velhinha dura (risos), quer dizer, é aquela mesma concepção que eu tinha. A mesma concepção que eu tinha quando era menina que a idade avançada dava idéia de fragilidade, sei lá, não sei. A mesma idéia, quer dizer, o mesmo conceito que ela tem hoje, eu tinha quando tinha 8/10 anos que eu olhava para os meus avós, achava que com 50 anos como já era avô, já era velho, não é? Não sei, acho que isso é tudinho igual (risos). Para você ter idéia de uma criança quando é pequena que você vê uma casa... Eu morava em Apipucos, tinha uma casa que eu achava longe, o quintal aquela coisa grande... Aí, depois de velha eu fui lá, achei uma coisa tão mixuruquinha... Na minha visão de infância aquilo era tão



comprido, tão grande... Não sei se é a maneira da gente perceber as coisas ou se evita a realidade das coisas, não sei... E hoje? Olhe, o idoso tem que ser amparado realmente... Agora às vezes realmente eu vejo alguns idosos com uma conversa muito comprida, cansada, não sabe? Não é que eu acho... Eu não sei se foi a sociedade da gente que não trabalhou muito para a gente conviver com o idoso... Não é, por exemplo: o meu pai que mora comigo 86 anos vai fazer agora, só quer morar comigo, quer dizer, se ele preferiu a mim do que aos outros é porque eu tenho mais afinidade, eu tenho mais respeito, eu tenho mais consideração porque é meu pai, porque é velho e aquela coisa toda...

Agora realmente eu acho que a sociedade brasileira e inclusive eu, não dá aquele devido valor ao velho como devia ser dado... Uma pessoa experiente, uma pessoa com certa vivência... Você vai conversa... Os próprios velhos não gostam de conversar com velhos porque diz que a conversa é muito monótona, eu já ouvi o meu pai dizer isso... Vá para lá conversar ali: ah! aquela conversa é muito chata, quer dizer, ele como um velho, ele tem preconceito com outro velho. Foi uma coisa que eu acho que foi colocada na cabeça da gente porque o velho podia estar no mesmo top (risos), podia achar que aquela conversa era do mesmo nível, a mesma coisa... Acho assim, a conversa dos velhos geralmente é: doença, é médico, é remédio, isso eu não sei se é porque eu já escuto tanto que eu já não tenho muita paciência. Realmente eu não tenho muita paciência para essa conversa de doença, só fala em doença... Fulano como é que vai? Ah! Minha filha hoje eu passei por isso, ah! porque... Aquilo já afasta você, afasta você daquela... A vida já tem tanto problema, a gente já tem tanta dificuldade com isso, com aquilo, com aquilo outro e então vai conversar com uma pessoa para ver se anima para conversar, aí a pessoa vai, conversa (risos) com aquela... Eu realmente eu acho que precisa... Eu acho que talvez e porque não tem uma atividade porque o meu pai vive dentro de casa e foi o homem mais dinâmico que eu conhecia, de andar a pé, sair, fazer tudo e andar a pé, não sei para onde... Hoje ele tem medo, ele tem medo de descer no elevador só, lúcido bastante, como ele diz: daqui para cima eu sou ótimo, agora daqui para baixo... Mas, tem temor de sair, tem medo de ladrão, de andar de carro, só fala em doença, só fala em remédio, todo o remédio

que você falar ele diz que quer tomar... Homem não é assim, quer dizer, a gente conversa com qualquer pessoa idosa, a conversa é médico e remédio, médico. Eu não sei se é porque eles não têm outra atividade e talvez esse movimento que se faz hoje para ter uma atividade, para trabalhar, o camarada pelo menos aprender inglês, aprender a bordar, aprender a pintar, aprender algo que ocupe a mente e não fique enrustido, não é?

Como idoso você se sente acolhido no mundo de hoje?

Olhe, o meu temperamento eu não posso nem dizer assim... Eu nunca vi rejeição em relação à minha pessoa pelo fato de já estar com essa idade, eu não vejo rejeição. Pelo contrário, às vezes eu vou assim... Eu tenho uma família que é do meu marido que morreu eu ainda sou bem-quista, as festas tem que estar eu presente porque eu animo, eu boto o povo para dançar, quer dizer, mas é do meu temperamento de ter essa naturalidade, essa animação natural. Então, o povo vai fazer uma festa e diz: Tânia, tu podes vir tal dia? Se eu puder vir, aí a festa acontece naquele dia, senão, não. Então, eu vou deixar para sábado porque tu podes. Mas, isso é por questão de ter um povo assim, muito parado; é muito parado, então, eu tenho aquela conversa que anima, aí eu digo que eu sou um macaco de auditório para fazer barulho, para fazer barulho (risos)...

### **ENTREVISTADA 3**

**Nome: M. A. T. C.**

**Idade: 77 anos**

**Profissão: Do lar**

**\* Faz hidroginástica.**

1-Quando e como você se deu conta de que estava envelhecendo?

Foi mais na doença do meu marido que eu lutei muito... Assim... E tem essa artrose também esse problema que eu tenho na perna, mas eu não sinto que seja velhice. Sinto que é uma coisa que está passando na minha vida, esse cansaço nas pernas, mas não que eu encasqueto que seja velhice, sabe como é? Estou ficando velha eu sei, 77 anos não é brincadeira, mas eu ainda estou com o mesmo senso, penso bem, ainda raciocino, eu não sinto que eu sou... Sou velha o corpo, o físico, mas a minha mente não.

O que isso significou para você?

Foi uma transição na minha vida porque a gente é jovem, assume um compromisso. Eu me casei muito nova, com 19 anos tentei a vida, então a vida me proporcionou esses abalos assim. Eu não sou de andar, de locomoção, mas ainda não tirou a minha cabeça, isso ainda está em paz. Isso não é o que está me aperreando, assim é a minha cabeça...

Quais são as repercussões (positivas e negativas) do envelhecimento em sua vida?

As positivas do envelhecimento é só assim: o respeito que as pessoas têm com a gente. Hoje em dia o idoso tem muito, não é? Mas, benefício eu não sei qual é o benefício... É a gente saber que já se doou muito para a família. Negativas é a

idade pesar; é a gente não ter locomoção como eu; é se limitar da vida. Eu já viajei muito, fui para a Europa, para os Estados Unidos para todo canto e hoje em dia não tenho mais locomoção. Fui para a Argentina, viajei muito, mas agora eu não vou para lugar nenhum, a não ser acompanhada, essa é a parte negativa.

Como você lida com as modificações da imagem do seu corpo no processo de envelhecimento?

Não, eu lido assim: penso que é a minha idade... Já tive meu corpo de jovem, tive meu corpo de adolescente. Já tive 4 filhos homens, foram 5 filhos e teve um que morreu. Cada filho que eu tinha engordava 10 kg. Tinha 49 anos (49 kg) quando eu casei e hoje estou com 80 e tanto. Então, isso modificou muito o corpo, não é? Mas, eu levei numa boa, teve esse processo porque no meu tempo, tenho 77 anos, naquele tempo ninguém cultivava tanto esse negócio de magreza, de ser esbelto, essas coisas de cultivar mais o corpo, não existia isso. A gente normalmente levava a vida, era normal. Hoje em dia o povo faz até plástica, essas coisas para... Mas, naquele tempo ninguém pensava nisso, pensava em viver normalmente a vida.

2- Você acha que houve grandes mudanças na cultura de hoje comparadas às de sua juventude? Quais?

Culturas diferentes. Na minha juventude não era tão evoluída como hoje, mas também a cultura... Vamos começar pelo b-a-bá, pelo ABC. Naquele tempo você estudava a tabuada, era decorar aquilo, hoje eu sei a tabuada porque eu decorei naquela época. Hoje em dia tem aquelas máquinas de calcular e ninguém decora mais nada, não é isso? Houve muita modificação, totalmente, principalmente no ensino, principalmente no ensino... Hoje está muito evoluído, tem muita coisa mais... As coisas eram mais ingênuas, não tinha... O meu pai formou-se em Farmácia, mas foi estudar na Bahia. Eu morava no interior de Alagoas... Repare, não existia a cultura que tem hoje. Hoje tem faculdade por todo canto. Eu para estudar, eu morava no interior de Alagoas, tive que ficar interna no colégio. Fiz

científico, eu me formei em professora, decidi continuar a carreira de professora. Me casei e não continuei e hoje em dia não... Em todo interior você tem uma faculdade, a cultura está outra, um interior bem pequenininho já está bem mais desenvolvido.

### Como você lida com essas diferenças?

Eu lido normalmente porque eu tenho todas essas fases na minha casa. Eu tenho filho já com 55 anos, tenho filho, tenho neto, tenho bisneto, estou seguindo todas as fases. Já sou bisavó, estou acompanhando normalmente porque é uma coisa que eu estou vendo no dia a dia, estou passando por todas as fases, estou ocupando todas as fases. Eu tenho gente lá em casa, tenho netas jovens que estão na faculdade, eu tenho bisneto, eu tenho nora, tenho os filhos, eu acompanho normalmente (risos).

### Na sua juventude, como você via o idoso?

Olhe, na minha juventude eu passei tanto tempo sem pensar no idoso porque eu vivia interna... Minha mãe morreu e me deixou muito nova, eu não acompanhei essa parte da velhice da minha mãe. Minha avó que me criou também foi embora numa idade relativa, então esse negócio do idoso quando eu estudava, eu não vivenciei, não vivenciei porque a minha mãe morreu, o meu pai ficou velho e morreu na idade que eu estou hoje ele não ficou... Era uma pessoa muito culta, muito educada, quer dizer, eu era uma pessoa que tinha pai, não tinha mãe, então, eu não senti diferença, acho que foi normalmente, não fiz distinção... E hoje? O idoso eu vejo ainda com um pouco de discriminação, embora esta muito melhor, muito melhor... Você vai numa fila no banco, aí diz que é uns 15 minutos, passa um tempão na fila do banco, não é isso? Mas, em geral o idoso está sendo mais respeitado, embora que aqui não se tenha essa consciência de dar mais oportunidade aos idosos, não é? Você viaja o povo... Se você vai passar, o povo: ah! Vai passar um idoso. Aqui ainda não é assim, ainda não tem essa cultura de que quem é idoso hoje já foi jovem antigamente... Então porque o jovem tem que

sempre estar respeitando o idoso? Porque eu vejo nele o que eu já fui também, eu já fui jovem também, infelizmente as artroses não estão me deixando, mas não me sinto inutilizada de não poder fazer parte da minha turma, não me sinto, sabe como é? Porque elas me ajudam, colaboram muito comigo, todos aqui sm exceção, então, eu me sinto muito bem, muito feliz aqui. É como eu digo: aqui é a minha segunda casa e elas são a minha segunda família.

Como idoso você se sente acolhido no mundo de hoje?

Eu sinto porque todo mundo que me conhece me acolhe. Todo mundo gosta de mim, moro num prédio de 36 apartamentos todo mundo me quer bem; me considera. Sempre eu fiz por onde, eu não acho com a minha pessoa não. Eu vivo muito bem com a minha idade também de acordo com as minhas possibilidades porque sabe já estou chegando a... Mas, no geral, eu me sinto bem.

## **ENTREVISTADO 4**

**Nome: E. F. A.**

**Idade: 82 anos**

**Profissão: Trabalhei durante 44 anos como comandante de aviação, instrutor de aviação, instrutor de helicóptero. Passei 30 anos no Ministério da Aeronáutica.**

**\* Estava meio fraco, de andar, me sentindo muito parado dentro de casa e resolvi escutar o conselho da minha Sr<sup>a</sup> para procurar uma academia e ela mesma me indicou. Eu vim e já estou há 1 ano e 2 meses fazendo hidroginástica e estou me sentindo completamente diferente do que eu era, inclusive mais hábil. Eu era Caxias, muito, muito rígido, não falava muito aberto, eu mudei completamente aqui, completamente e aí me animei também de fazer musculação porque aliado à natação, à hidroginástica eu falei com o médico e ele disse que melhora bem e realmente eu estou melhorando muito na musculação, muito, muito. As pernas eu não dobrava, se eu ficasse de cócoras eu não me levantava e hoje eu faço tudo isso, estou tranqüilo, tranqüilo, tranqüilo... Eu sou o mais velho daqui da academia com muita honra (risos)...**

**1-Quando e como você se deu conta de que estava envelhecendo?**

Olhe, honestamente eu ainda não me dei conta que estou envelhecendo porque eu acho que a pessoa quando se entrega é que começa a envelhecer. Sob minha palavra de honra eu não penso que estou com 82 anos. Tem velho de 82 anos todinho arriado, sem andar, sem dirigir automóvel. Eu dirijo automóvel não tem problema nenhum... Só a única coisa que eu tenho é um pouco de dor nos pés, fiz vários exames e não consegui... Mas, aqui está melhorando, então tenho certeza que vou melhorar e não penso no amanhã, eu penso hoje, eu vivo hoje porque o amanhã é futuro e se eu for me encaixar vivendo hoje pensando amanhã, eu vou terminar sem viver os dois e não vai chegar a um ponto comum duas coisas heterogêneas, não vai dar, não é? Então, o meu pensamento muita gente não acredita, mas eu não penso que eu sou velho que eu não posso mais fazer isso,

de jeito nenhum. Eu aos sábados tomo minha cervejada em casa ou na casa de um amigo meu que me chama, mas quando eu não vou para o amigo, fico eu e minha Sra. tomando whisky e tal, degustando um bocado de tira-gosto. Sou animado atualmente, não é? Mudei muito, muito, muito a minha vida.

O que isso significou para você?

Bom, o envelhecimento é o princípio do término da vida porque você pode envelhecer com saúde e pode envelhecer estirado numa cama que é uma coisa horrível, aí sim, aí eu penso e eu sou muito católico e peço que Deus me ajude que eu não fique assim, só isso porque é triste você não poder se levantar, não poder andar, não poder... Depender dos outros... Isso eu penso na velhice não depender dos outros, nem dos meus porque eu vejo as coisas que acontecem com os meus e como são tratados com todo carinho e tudo e tal, mas sempre é trabalho que estão dando às pessoas, não é? Porque você não se move, você não tem nada... Então, o envelhecimento para mim é rotina.

Quais são as repercussões (positivas e negativas) do envelhecimento em sua vida?

Bom, as positivas eu acho que é isso que eu lhe falei que eu não penso que estou envelhecendo, não me cabe na memória que eu estou envelhecendo. Eu estou conversando com você agora e estou rodando a cabeça procurando o envelhecimento, ainda não chegou, ainda não chegou. Hoje, muita coincidência do destino, hoje eu na estrada, eu gosto muito de dirigir escutando rádio na estrada, estava pensando assim porque eu marquei com o cara do sítio para me esperar para eu levar o dinheiro dele e ele demorou e isso me aborrece muito porque eu não faço ninguém esperar. Também não espero por ninguém e ele chegou todo atrasado e eu depois que paguei a ele e vim embora, eu estava pensando... É não havia necessidade de eu me aborrecer com o cara, chegou tarde chegou, não tem como remediar mais, não é? Apenas eu solicitei que ele obedecesse o que eu disse que era para que me telefonasse para saber quando é que eu vou levar o



dinheiro dele. Hoje é 08 e ele estava sem dinheiro porque quis, então, isso é uma das coisas que me magoam, a pessoa combinar comigo e não comparecer, não avisar porque eu como militar e como civil sempre fui muito rígido, muito disciplinado, nunca tive punição na minha carreira de 44 anos, sempre fui elogiado... Na minha profissão, eu quando morava no Rio, eu passei mais da metade da minha vida no Rio de Janeiro, na minha profissão eu fui campeão de acrobacia no R. J., eu fui instrutor de vôo no Cruzeiro do Sul, na Varig, na Real, Aerovias. Todas as companhias eu era checador dos pretensos comandantes, a pessoa que ia sair comandante, eu via o currículo de aula, de vôo e tinha um check. Esse check começava com o exame de saúde que era de 6 em 6 meses e fazia um vôo local noturno, um vôo local diurno, um vôo de rota noturno, um vôo de rota diurno, se ele passasse nisso tudo, sairia comandante e para fazer isso tudo, o checador era eu e fui por muitos anos chefe da sessão de aviação no Rio de Janeiro.

Como você lida com as modificações da imagem do seu corpo no processo de envelhecimento?

Do corpo... Não, eu... Olhe, eu lhe digo sinceramente; é o que eu lhe digo, eu não vejo nada de ruim para mim no meu corpo na velhice. Assim, agora no momento eu não vejo nada, nada absolutamente que me desconforte, nada. Eu brinco muito com o computador, eu não gosto de jogo, não gosto de pornografia, não gosto desses negócios no computador, então, eu gosto muito de paciência porque o que é que faz a paciência para mim? Me distrai porque eu saio daqui, vou para casa, tomo um banho, tomo café e não tem mais o que fazer porque eu não estou saindo de casa receoso de assalto... Na minha rua está toda hora tendo assalto, entendeu? Então, isso me prendeu um pouco mais em casa, eu não dirijo de noite...

2- Você acha que houve grandes mudanças na cultura de hoje comparadas às de sua juventude? Quais?

Ah! Muita coisa mudou muito. A cultura do nosso povo é ela que está comandando a vida atual que não modifica. O país precisava de mais cultura, mais estudo, mais formandos, precisava dar mais auxílio aos estudantes. O que é que o país dá para os estudantes? Nada. Quando consegue dá uma dispensa de mensalidade... Tem faculdade sem pagar, mas isso é uma aí para 300 mil pessoas. Todas elas deveria ser sem pagar, particular, o Governo que pagasse para aumentar a cultura do país porque a cultura do nosso país é muito baixa, muito baixa. Eu conheci algumas cidades do mundo, tenho impressão que umas 50/60 cidades por aí, tudo isso... Porque tudo o que se passou na minha vida, entra a aviação, não tem outra coisa a não ser a aviação e, quando parei de voar... Eu fui piloto do governador de Fortaleza, do Ceará, César de Oliveira, eu fui piloto do governador Moura Cavalcanti. Eu fui buscar um avião para o Moura Cavalcanti, fiquei voando aqui para ele, eu já tinha largado de voar, mas aí voltei porque ele me solicitou e eu já o conhecia e consenti em voar para ele mais. Voei uns 4 anos com ele...

Como você lida com essas diferenças?

Bom, eu não posso mais acompanhar porque... Eu acompanho as notícias de televisão que é a única... E assim mesmo eu filtro muito porque uma notícia de hoje é a notícia de amanhã, então eu não vejo que isso melhore a cultura do povo, eu não vejo porque você já sabe hoje o que vai ser amanhã no dia a dia, não é? E isso eu creio que não funciona como cultura das pessoas. Eu acho que a cultura do nosso povo teria que ser estudo, mais estudo para todo mundo, não deixar... Você vê que nós temos índios ainda e são muitos, não são poucos não. Eu voei muito em cima dos índios, eu levava comida lá para os xavantes no Douglas, o avião esse Douglas... Só nesse avião eu voei 7.000 horas, eu voei 30.000 horas. Na época que eu larguei, se fosse fazer as contas, eu tinha passado mais tempo no ar do que em terra e isso acompanhando o quê? A cultura também porque eu levei grandes caravanas de estudantes, os xavões para conhecer os índios para ver como eles viviam. Ia uma equipe de estudantes de Medicina, outra de

Enfermagem, outra de coisa e faziam os exames, esses preliminares de tirar sangue para ver com é que estavam e tal. Isso tudo o Governo que fez depois que saiu, acabou, não teve mais isso. Então, nós temos ainda hoje no país grandes, mas grandes tábuas de futuro jogado... Então, isso ainda é o quê? É a nossa cultura que é fraca.

Na sua juventude, como você via o idoso?

A minha juventude foi um pouco... Não foi muito satisfatória. Minha mãe se separou do meu pai, eu tinha parece que 2 anos, ela saiu daqui, ele era usineiro, ela saiu daqui foi para o Rio de Janeiro e eu fiquei por lá com ela e tal, fui para o Ceará, no colégio militar, estudei por lá e vim para Salvador. Em Salvador eu já estava grandinho, já estava com 16 anos e tal, eu cisme de ir embora. Eu sou da família Ferraz e esse Ferraz você deve saber são todos brabos e eu não sou, eu não puxei a eles assim não... Ninguém me diga nada porque eu não aceito. Só aceito as verdades, então, não tinha dinheiro... Estudava porque eu estava interno num colégio militar, não tinha dinheiro para nada, não tinha dinheiro para comprar roupa, sapato, não tinha nada. Minha mãe trabalhava para poder me sustentar, minhas coisas... Até que um dia eu tinha 18 anos/ 17 anos e pouco e falei para ela que eu ia embora, ela reconheceu que eu precisava sair para livrar e eu fui para o Rio de Janeiro com o revólver que ela me deu, era R\$ 2.000, não era R\$ 2,00, sei lá a moeda da época. Aí fui para o Rio de Janeiro para casa de um colega que eu já sabia que podia ficar por lá e, coincidentemente tinha um exame para a escola de aviação que ainda estava aceitando inscrições. Eu fui, fiz o exame, passei e aí comecei a minha vida, nunca mais voltei para casa, tudo o que eu fiz na aviação foi tudo dependendo de mim mesmo... Minha família era tudo pessoas que durou muitos anos, minha mãe, minha avó, minha bisavó. O meu pai não, o meu pai durou muito pouco, o meu pai eu conheci depois de muitos anos, ele durou pouco. Talvez pelo choque, eu tenho impressão que ele morreu... Foi o choque que ele teve quando eu cheguei e disse: O meu nome é Edson Ferraz de Abreu, eu sou o seu filho, aí ele teve um choque grande e tal, aí chamaram o pessoal lá e tal, tal...

Aí retornou tudo bem, mas uns 6 meses, 7 meses ele faleceu... Ele era forte, ele era assim como eu. Eu sou muito parecido como ele... (risos).

E hoje? Bom, o idoso falta receber também ajuda do Governo, o idoso não tem. Você vê filas de 100 pessoas, sem exagero nenhum, 100 pessoas é pouco, de velhos em pé dia e noite para receber 5 reais e a riqueza é o salário mínimo. O que é que dá um salário mínimo? Você não compra uma cesta básica para uma pessoa com um salário mínimo, quanto mais para um casal com filhos porque ter 5 crianças... Porque não tem estudo, não tem cultura, por isso que não sabe manobrar a sua vida, não é? Não sabe conduzir a sua vida em questão de filhos, quando menos espera tem 5, 6, 7, 10 filhos e isso reflete em quê? Na cultura, então, tudo no nosso mundo é cultura.

Como idoso você se sente acolhido no mundo de hoje?

Acolhido? Olhe, é como eu lhe disse: a minha vida foi muito assim, de aviação e tal... Eu sempre fui muito querido, muito, mais muito mesmo aonde eu chegava... Eu sempre fui líder, não me lembro o dia em que eu deixei de ser líder. Eu sempre fui líder, por isso que eu não guardo assim coisa ruim na minha vida. Não tem, não tem, só as bobagens de brigas de estudantes, desses negócios, mas isso não funciona. Então, eu vejo assim que eu estou feliz. Eu estava no shopping outro dia e eu tenho a mania de ficar assim: tarará... Aí passou uma Sra que passou por mim, virou o rosto, olhou e eu disse para ela: eu não estou doido não, eu estou feliz e ela caiu na risada e é a realidade compreende? Ainda preciso mudar um pouco em casa, sou eu e minha Sra só, ela pensa que eu estou doido (risos) porque ela fica: vá tomar remédio, tomou o remédio? Venha cá, vá tomar chá, vá tomar isso e eu não agüento tomar nada o dia todo não... Sempre quando eu cismo de comer alguma coisa, ela acha ruim, então ela que está me travando aí (risos)... Mas, o resto está tudo bem na minha vida.

## **ENTREVISTADA 5**

**Nome: R. M. P. M. R.**

**Idade: 50, 40... 64 anos, eu confundo, vou fazer 65 em abril.**

**Profissão: Trabalhei numa firma de Engenharia. Hoje sou do lar, aposentada.**

**\* Faz hidroginástica.**

1-Quando e como você se deu conta de que estava envelhecendo?

Olhe, foi depois dos 60 viu... Antes eu nem... E hoje eu não sinto a idade que eu tenho de jeito nenhum, não tenho dificuldade com nada, nem raciocínio, nem disposição física, nada. Tenho assim, por exemplo: uso óculos também já deve ser da idade, não é? Mas é não porque tem criança que usa, não é? Mas, as minhas taxas como eu já disse a você são normais, o meu astral é bom graças a Deus. Venho de uma família bem estruturada, mas perdi os meus pais um pouco cedo, mas a minha família era... É uma família boa, sou muito feliz no meu casamento de 30 anos, tenho 2 filhos, todos dois formados, um em Administração de Empresas e a menina é nutricionista, sem emprego (risos). Formada há um ano e meio, mas ela está fazendo outras coisas, pós-graduação, outras coisas...

O que isso significou para você?

Para mim, uma coisa normal, não me afetou em nada, normal mesmo, não sei se é como eu lhe disse que eu não sinto a idade que tenho, eu não sinto de jeito nenhum. Eu subo uma escada, eu até pouco tempo subia numa árvore, entendeu? Mas, eu não sinto nada, nada, nada... O meu problema só é a pressão e às vezes um pouco dor nas pernas por conta de varizes que eu tenho, mas tenho esperança de me livrar disso (risos)... Para todos nós isso é muito ruim.

Quais são as repercussões (positivas e negativas) do envelhecimento em sua vida?

Olhe, negativas eu não encaro como tal, eu encaro como uma coisa normal, não é? Tem que envelhecer e não se foge disso. E positiva também eu volto na mesma coisa, eu não sinto a idade que eu tenho. Eu tenho alegria de viver, eu não paro para pensar na morte de jeito nenhum, entendeu? Ela quando chegar... Lógico que eu não vou querer ir, não é? (risos). Até porque eu não acredito nessa história de dizer: ah! Eu quero morrer. Eu não acredito não que ninguém queira morrer porque aqui a gente sabe como é, não é? E do outro lado ninguém sabe, ninguém nunca foi, não é? (risos).

Como você lida com as modificações da imagem do seu corpo no processo de envelhecimento?

É um pouquinho chocante às vezes, não é? Porque você tinha aquele corpo arrumadinho tudinho... Hoje já é estria, barriga grande, não é? Mas, isso não me tira do sério de jeito nenhum, não tenho mesmo nenhum problema com a velhice, até agora não. Pode ser que eu descendo essa escada, eu baqueie, mas até agora eu não tenho.

2- Você acha que houve grandes mudanças na cultura de hoje comparadas às de sua juventude? Quais?

Ah! Muitas mudanças sim, mas... Na minha época eu ainda... Eu não fiz vestibular porque a minha irmã caçula tinha casado e eu muito agarrada com ela quis ir embora para onde ela foi morar e aí dificultou um pouco eu continuar os meus estudos, não é? Mas, hoje veja só que qualquer pessoa entra numa faculdade, não é? O sonho de qualquer jovem é entrar numa faculdade e na minha época não, as pessoas se acomodavam, muito embora que eu fiz o secundário todo, me formei em contabilidade, fui responsável por uma firma de Engenharia aqui muitos anos, sem ser engenheira (risos). A maioria me procurava na Chesf, mas eu não sei... Quer ver eu vou ser franca com você, o que eu sinto um pouco assim... Você

falou da cultura, não é? Mas, eu estou falando assim: é esse bichinho aqui (aponta para o computador)... Agora mesmo o meu filho casou e foi morar no Rio, então ele comprou uma camerazinha e a gente aqui também. Eu falo com ele todo dia, mas eu fico esperando que a minha filha ou o meu marido ligue e isso está me..., sabe ? Eu disse: vou ter que... Eles ficam um pouco sem paciência porque Tatiana é muito evoluída : mas, mainha eu não acredito que você não... É porque eu nunca me interessei, não é? A verdade é essa. Então, agora eu sinto um pouquinho de dificuldade, aí para desligar o aparelho eu já fico... Tatiana... Mas, ontem eu consegui, eu estou fazendo um... Não é esforço, é assim um choque, querer fazer aquilo que eu estou achando que seja impossível para mim, mas não é... Eu faço tudo o que tenho vontade, eu faço em matéria de trabalhos manuais, agora mesmo eu estava mostrando às meninas lá em baixo, uma sobrinha ganhou um jogo muito bonito, aí sabe que eu gosto e disse: tia leve essa toalha para você tirar o modelo. Eu não queria desmanchar o trabalho para... Aí fiquei com ela e trouxe para aqui para elas duas verem porque elas também gostam, estão na minha faixa etária, não é? Miriam e Tânia, aí elas estavam olhando e foi por isso que eu atrasei um pouquinho, mas eu quando quero uma coisa eu vou... Eu vou atrás, sabe? Eu vou atrás, a única coisa é isso aí (aponta para o computador), (risos)...

### Como você lida com essas diferenças?

Olhe se eu, por exemplo: estiver num ambiente que o nível seja muito alto, eu fico na minha, ou seja, não vou debater nada que fuja um pouco... E hoje é até difícil fugir porque a gente que tem a televisão tem tudo, não é? Está atualizada, até tem no jornal também aquela parte de português, no Diário de Pernambuco e quando eu olho aquilo ali... Eu tenho muita facilidade de redação, eu ortografia dificilmente erro, sabe? Agora eu não sou uma pessoa de pegar um livro e ficar lendo não. Eu prefiro um trabalho manual, um bordado, um crochê, um ponto de cruz e palavras cruzadas, isso aí eu faço, quer dizer, já é uma grande coisa, não é? Isso eu faço. Não tenho sinceramente na minha velhice... Eu estou encarando numa boa, não tenho tanta dificuldade assim, de jeito nenhum, não tenho mesmo. Ontem mesmo

eu saí, aí fui na foto para revelar alguns retratos do casamento do meu filho que eu queria. De lá eu fui para o Tacaruna, comprei frutas que já estava faltando lá em casa, encontrei com duas amigas, fui ao cinema, cheguei em casa 20:30 da noite, maridinho contente, satisfeito me esperando, existe um acordo muito grande entre a gente, não é? Eu não sou de sair e deixá-lo não, principalmente no final de semana, mas ele não está muito ligado em cinema agora, ele gostava demais e agora não, se contenta com aqueles filmes da televisão: não, vá, não tem problema não, vá... Se fosse final de semana eu não iria para não deixá-lo só, mas durante a semana estava a filha em casa, a empregada, a lavadeira, o jardineiro, estava tudo lá, aí eu fui, entendeu? Cheguei em casa numa boa, sem cansaço, sem nada, nem deprimida... Eu fiquei por conta do filme que é Menina de Ouro, você já assistiu? Muito bom, muito bom, agora muito triste, a minha amiga chorou o tempo todinho, eu não chorei, eu não chorei (risos)...

**Na sua juventude, como você via o idoso?**

Eu via com muito carinho, muito carinho mesmo... Só que na minha juventude a convivência com o idoso não foi muito próxima não, estou tendo agora... Eu tenho dois tios, um casal, não é? E eles não tiveram filhos, fizeram muito por mim, eu perdi meus pais muito cedo e aí hoje eu retribuo, eu assumo a direção da casa deles, eu levo para médico, levo para banco, faço tudo para eles, sabe? Tanto que eu tenho uma meta na vida de fazer uma filantropia, mas ainda não consegui por conta deles porque eu digo: olhe, se eu tenho em casa duas pessoas que precisam de mim, eu não vou para outro lado, não é? Mas, o meu sonho é esse: dar um carinho maior aos velhinhos, ao pessoal que precisa. E hoje? Olhe, eu não posso nem falar muito porque a convivência que eu tenho é só com eles dois, não é? Mas, você diz assim em que termos? No contexto, eu vejo que eles não têm o que deveria ter, assistência de tudo, de governo, família, isso aí eles não têm, não é? É muito duro você saber que uma pessoa que lutou a vida toda que criou os filhos e hoje está jogado num asilo, nem os próprios filhos vão ver, não é? Entregam lá, aí eu acho que eles não têm nada no fim da vida, nem conforto, nem amor, nada, nem assistência médica. Você viu o velhinho que morreu 65 anos, da



idade que eu vou fazer agora em abril, na fila do INPS; é duro um negócio desse, mas fazer o quê, não é? (risos).

Como idoso você se sente acolhido no mundo de hoje?

Ah, totalmente, principalmente por minha família e meus amigos, muito, muito mesmo. Meu filho tem o maior cuidado comigo, a filha já é mais, sabe? Mas, meu filho meu Deus do céu... Eu minto às vezes porque eu não sou dada a ter nada, nem dor de cabeça, mas às vezes acontece, não é? Uma indisposição, um negócio assim, eu nem falo porque se eu falar ele fica aperreado, sabe? O marido já é mais radical, meu marido é espírita, então, a visão dele é outra... Mas, graça a Deus eu sou uma pessoa muito feliz... Tenho 64 anos... A minha infância não, eu perdi a minha mãe com 3 anos de idade, meu pai foi aquele nordestino que achava que Sul... Como hoje ainda tem alguns, só que da classe bem baixa, não é? Que acha que Rio e São Paulo é a solução... Assim porque você vê, os nordestinos que vão para lá, há exceções, mas geralmente é esse pessoal mais humilde que vai para trabalhar na construção... Vai um da classe média quando ele tem um emprego melhor do que aqui, exemplificando o meu filho, ele foi para uma firma aqui e a firma transferiu ele para o Rio, então... Mas, normalmente é assim e meu pai foi um desses nordestinos, aí quis ir embora para lá, vendeu tudo o que tinha, era quem vivia melhor na família era ele. Era comerciante, vivia muito bem, resolveu vender tudo e ir embora para lá, eu, minha mãe, ele e a minha irmã mais velha. Chegou em São Paulo, aí começou o sofrimento da minha família. Minha irmã mais velha casou-se com 18 anos, minha mãe morreu eu tinha 3 anos e a minha irmã caçula 1 ano e meio... Minha mãe morreu, aí meu pai ficou assim perambulando num emprego, outro, num emprego, outro, não tinha nada certo como ele tinha aqui... A minha irmã mais velha casou, aí meu pai disse: agora ela vai cuidar da família dela e você vai para um colégio... Passei a minha infância todinha num colégio de freiras que foi bom, muita coisa eu aprendi lá, tenho a minha religião católica, tenho meus colegas, foi bom, mas não foi uma infância que teria sido boa (risos), uma infância diferente... Eu vim realizar a vontade de ter uma bicicleta quando o meu filho ganhou, então essas coisas que hoje eu não me

sinto, sei lá, eu não sinto falta, entende?... De jeito nenhum, mas era aquela vontade da criança de ter as coisas e nunca tive, aí meu pai foi cada vez caindo mais, teve dois derrames e meus tios esses que eu hoje dou assistência, sempre insistindo que a gente viesse para cá para ficar com eles dois... A outra já estava casada e a outra morava aqui... O meu pai teve três relacionamentos... O primeiro foi com a minha irmã mais velha, a mãe dela morreu... Entre a viuvez e o casamento com a minha mãe, ele teve um caso com uma pessoa e nasceu a minha segunda irmã. Do casamento do meu pai com a minha mãe fui eu e a minha irmã caçula. São 4 irmãs. Aí ele foi caindo, caindo, aí foi quando ele aceitou da gente voltar para Recife, não é? A minha irmã caçula não que é paulista... Mas, ele voltou comigo. Pronto, aí terminei meus estudos com os meus tios fazendo tudo. Meu pai morreu logo em seguida, pronto...

**ENTREVISTADO 6****Nome: F. P. O.****Idade: 67 anos****Profissão: Advogado aposentado do Bandepe.**

1-Quando e como você se deu conta de que estava envelhecendo?

A partir dos 60 anos a gente já começa a ver que as reações do corpo não são as mesmas, mas eu realmente não senti um declínio muito grande em relação da idade de 50 para 60, senti alguma coisa, mas não um declínio. Tenho vigor, faço muitas coisas que já fiz e eu não me sinto uma pessoa, embora com 67 anos, não me sinto uma pessoa limitada. As mesmas coisas que eu faria... Que eu fazia antigamente, faço hoje, embora com menor intensidade e com menor frequência.

O que isso significou para você?

Olhe, sinceramente falando até agora eu não senti o que é ser velho, realmente eu não senti o ser velho, eu senti que realmente há uma diferença... Se você tem 20 anos passa para 30 até a cabeça muda, até a forma de pensar, de agir você muda. Agora realmente eu não me sinto como uma pessoa, um ancião de 70 anos já quebrado, não tem mais vontade de fazer isso, não tem mais vontade de fazer aquilo, não tem resistência para isso, eu me sinto ainda realmente com vigor, saudável.

Quais são as repercussões (positivas e negativas) do envelhecimento em sua vida?

Olhe, eu diria que positivas são muitas, entendeu? Até porque você vai adquirindo, vamos dizer assim, moderação em muitas coisas, você vai tendo experiência de não repetir coisas que você fez que não... Não é? A cabeça de uma pessoa de 50

anos, 60 anos é diferente de uma pessoa de 25, de 30. A impulsividade, você quer ser, quer, quer, quer... Não sabe resistir às tentações do dia a dia, entendeu? Extrapola muitas vezes o que devia não ter nenhuma repercussão ou ter uma repercussão mínima, passa a ter uma repercussão máxima, entendeu? Então, acho que o grande benefício da idade... Positiva da pessoa envelhecer é de saber se sair muito bem de determinadas situações e negativas é realmente aquelas que vão ser determinadas pelo organismo, entendeu? As limitações próprias do organismo, a pessoa já envelhecida e muitas vezes ele não tem vontade de sair, não tem vontade de andar, não tem vontade de fazer coisas que ele fazia antes, entendeu? Ele passa a ser limitado, ele tem uma atividade limitada. Eu acho que o ponto negativo da velhice é isso; é a pessoa vai viver muitas vezes de reclamação, ah! Eu fiz isso, eu queria aquilo, não tenho mais chance de fazer aquilo, não faço isso, não faço aquilo, sabe como é?. Agora por outro lado, o positivo é isso; é você saber em determinadas situações você ter que agir com moderação e só a idade, só a experiência dão isso. Quando se vê uma pessoa jovem tomando atitudes assim, insensatas a gente diz: envelheceu a carbureto. A pessoa que embora não tenha vivido tanto, mas já tem uma cabeça realmente de uma pessoa de mais idade.

Como você lida com as modificações da imagem do seu corpo no processo de envelhecimento?

Olhe (risos), eu tenho colegas meus que são mais novos do que eu e eu vejo que eles estão envelhecidos, o cabelo branco, a fisionomia assim, denotando que ele está envelhecido, os dentes, quer dizer, o idoso muitas vezes ele não se cuida como deveria, não sei porquê? Vejo tantos colegas meus que são mais novos do que eu e nem se compara porque ele parece que... Eu realmente eu não consegui, não consegui, não cheguei ainda a isso, não é? Não é não consegui; é não cheguei a me desleixar, a pessoa e acho que o idoso quando ele não se cuida, ele fica mais idoso ainda, não faz a barba, entendeu? Cabelo grande e outras coisas mais, não é? Agora quando uma pessoa tem essa condição de

saber ele pode mesmo a gente vendo que ele é uma pessoa já de idade, mas ele não demonstra muito, tem um certo cuidado com o corpo.

2- Você acha que houve grandes mudanças na cultura de hoje comparadas às de sua juventude? Quais?

Muitas... Olhe, até mesmo no relacionamento de pais com filhos, não é? Antigamente um filho não respondia a um pai. Hoje o filho começa a dialogar de uma forma tal que em relação ao tempo antigo não tinha isso. As relações de mulher e marido, mulher e namorado, tudo é diferente, tudo é diferente hoje com essa... Com esse reconhecimento do movimento feminista alteraram as coisas, as leis também, o Código Civil trouxe muitas inovações, entendeu? De tal forma que até mudou o ângulo da coisa... Antes o homem era o chefe, o marido era o chefe da família, hoje é uma sociedade, é uma parceria, os direitos..., não é? A mulher muitas vezes não podia nem exercer determinados cargos que hoje estão conquistando e com muita competência, mas antigamente era difícil um Tribunal de Justiça ter uma desembargadora, um Supremo Tribunal ter uma ministra, era difícil, não tinha. A mulher realmente vivia uma situação desvantajosa, não é? Embora que algumas pessoas tivessem uma conduta diferente, mas era uma concessão, era ele que queria assim, não era porque o ordenamento jurídico ou social ou o que fosse desse a ele, era uma dívida dele, uma doação dele porque a mulher realmente não tinha direito e se você vai levar hoje para o lado assim, sexual você vê a diferença muito grande. Antigamente qual era o... Não existia, não existia o que hoje existe, o sexo livre, entendeu? Não tinha uma mulher vamos dizer assim, deixar o marido por outro assim e ficar tudo certo. Antigamente qualquer coisa que acontecesse era problema de morte, de vida ou morte, uma filha ser desonrada e o rapaz não querer se casar com ela era um escândalo, uma mulher separada do marido era um escândalo. Hoje você vê com a entrada do divórcio aí, a coisa já está se tornando... E o relacionamento sexual dos casais, as experiências que hoje se vive é diferente, totalmente diferente. A namorada... A gente namorava, muitas vezes não podia nem pegar na mão, na frente dos pais não pegava nem na mão, um beijo era uma coisa... Era uma coisa, vamos dizer

assim, muito sorrateiramente que se beijava... Eu tenho uma experiência, não sei se devo contar, mas eu quando rapazinho 16/17 anos eu namorei uma menina e ela nunca deixou eu beijá-la e eu passei vários, um mês, uns dois meses ou três namorando com ela e a única coisa que eu fazia era pegar na mão dela e eu depois de tanto tentar, ela não aceitou eu beijá-la e eu disse: então, eu vou acabar o namoro. Ela era apaixonada por mim, mas ela se sujeitou a acabar o namoro, ficou depois me procurando e não me deixou beijá-la, isso acontece hoje? De maneira nenhuma acontece uma coisa dessa, você acabar um namoro porque o namorado quer dar um beijo. Hoje as coisas são diferentes, hoje as mulheres estão aí na arena com igualdade com os homens, elas é que são quem procuram, antigamente nem isso.

Como você lida com essas diferenças?

Não, eu me adaptei muito bem. Eu realmente vivi nessa época achava que era assim que tinha que ser e realmente a minha experiência como pai, não é? Como marido não me trouxe nenhum problema, eu me adaptei a isso, realmente até agora, graças a Deus eu não tive problema, não sei se eu tivesse se eu teria a cabeça, aí vem a experiência, aí vem a moderação, vem o conhecimento, aí não sei se eu seria tão liberal ao ponto de aceitar o que era e hoje é assim. Antes era assim, mas hoje é assim, eu não sei se teria, acho que teria, mas só o momento é que vai dizer. Com relação à mudança entre marido e mulher não me trouxe nenhuma consequência porque eu já praticava isso sem ser obrigado por lei a fazer isso ou dependendo também das mudanças operadas na sociedade, sempre administrei meu matrimônio com a minha mulher em parceria, nunca andei fazendo coisas erradas, nunca andei fazendo coisas que eu não podia fazer ou que eu fizesse uma coisa que dependesse pelo menos de uma concordância dela eu não fazer, então, eu acho que para mim não trouxe muitas modificações não.

Na sua juventude, como você via o idoso?

Ah! O idoso para nós era uma pessoa com muito respeito sempre tivemos muito respeito a nossa geração. Ainda a nossa geração via o idoso como aquela pessoa de respeito uma pessoa que já cumpriu a sua missão como pai, como marido, como membro da sociedade, uma pessoa de respeito. Hoje os velhos são ultrajados em qualquer tipo de situação, você veja: vamos dizer numa sociedade onde você para ter respeito é preciso ter uma lei e às vezes a lei nem é cumprida para dar uma condição melhor ao idoso, não é? Hoje se vê aí as pessoas se surgindo contra uma lei que dá direito ao idoso e com relação... Tem muita gente que não considera, acha que já devia até ter morrido. Tem gente que pensa assim, sabia? Antigamente podia haver isso, mas eu acho que era muito pouco porque os filhos daquela época eram... Até se ele não quisesse ter respeito ele era obrigado a ter, mas hoje com a liberalidade que existe, os jovens não têm muito. E hoje? Olha eu acho o idoso, a partir da minha concepção é aquela pessoa que eu já disse; é a pessoa que já viveu, já teve experiência de várias condições, de várias situações de pai, de marido, de homem na sociedade, de profissional, de tudo, então, ele tem realmente um cabedal de conhecimentos, de experiências, eu acho que é assim o idoso seja em qualquer condição. Ele tem uma experiência, ele tem uma vivência de todos os problemas da gente porque ele viveu, ele foi menino, foi jovem, foi moço, foi de meia idade e hoje está na idade, vamos dizer assim, de 60/70 anos, um idoso, então eu acho que o idoso é isso; é uma pessoa que tem uma experiência de vida que viveu diversas situações, seja ela qual for, se ele for casado, se ele for solteiro, se for viúvo ou separado ele tem um conhecimento e esse conhecimento é que leva a que ele assuma essa condição de uma pessoa respeitada na sociedade.

Como idoso você se sente acolhido no mundo de hoje?

Tem suas... Tem algumas exceções, entendeu? Ah! Porque você é idoso, não sei o quê... Tem os direitos eu acho que o direito existe e é para ser cumprido, mas existe ainda reações, mas eu vou driblando... Às vezes eu estou numa parada de

ônibus, por exemplo, o motorista vem e quando ele passa se vê que é o idoso ele passa direto, às vezes dá com a mão ele não pára e tem uma coisa, o idoso se ele tiver fora da parada, se pedir são poucos que param, não é verdade? Essa semana mesmo eu estava numa parada eu saí do Bandepe e estava numa parada logo depois do Bandepe, aí ele fechou a porta e saiu. Eu gritei normal ele viu que era um idoso passou direto. Agora realmente eu estou dizendo isso, mas se você for levar lá para outras situações eu acho que é pior ainda, agora eu não vivi. Eu vivo assim, esporadicamente acontece um fato que me dá esse entendimento, mas eu realmente eu não sinto muitas restrições por ser velho porque realmente eu não vivo num ambiente que seja necessário, não é...? Realmente, mais para ser acolhido que não ser acolhido, agora eu acredito que pessoas outras que não tenham a minha condição, talvez possa até ter mais queixa sobre isso. Eu não tenho porque realmente...Quais são as coisas que eu utilizo, vamos dizer, a condição do idoso para aproveitar são mínimas, entende? Entrar numa fila de banco, pegar um transporte coletivo, ter um processo numa repartição precisando andar, então o idoso às vezes geralmente ele se vale disso e vai...